

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**RENATO DOS SANTOS LIMA**

**TURISMO, HOSPITALIDADE E AMOROSIDADE:  
OS SUJEITOS-DEVOTOS DO CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ  
EM BELÉM DO PARÁ.**

**CAXIAS DO SUL  
2017**

**RENATO DOS SANTOS LIMA**

**TURISMO, HOSPITALIDADE E AMOROSIDADE:  
OS SUJEITOS-DEVOTOS DO CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ  
EM BELÉM DO PARÁ.**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial, para a obtenção de título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

**Linha de pesquisa:** Turismo, cultura e educação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista.

**CAXIAS DO SUL  
2017**

L732t Lima, Renato dos Santos

Turismo, Hospitalidade e Amorosidade : os sujeitos-devotos do  
Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará / Renato dos  
Santos Lima. – 2017.

196 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa  
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2017.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

1. Turismo. 2. Hospitalidade. 3. Amorosidade. 4. Religiosidade. 5.  
Círio de Nazaré, Belém, Pará, Brasil. I. Baptista, Maria Luiza  
Cardinale, orient. II. Título.

**“Turismo, hospitalidade e amorosidade: os sujeitos-devotos do  
Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará”**

Renato dos Santos Lima

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 07 de julho de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch  
Universidade de Brasília

Aos meus pais, Elias e Alice, a minha avó, Maria de Lourdes, meus irmãos Elias, Lauro e Ellen, a minha namorada Bianca, que sempre estiveram ao meu lado, nesta viagem investigativa. Como família, são exemplos no amor, no carinho e no respeito.

## AGRADECIMENTOS

A Trindade Santa (Deus Pai, Filho e ao Espírito Santo), que se faz presente na fé e no amor, apresentando-me, Maria de Nazaré, Santa mãe de Deus filho, intercessora e companheira de todas as horas, que, como pessoa viva e objeto de pesquisa, se faz presente.

Aos meus pais (Elias, em memória, e Maria Alice), irmãos (Júnior, Lauro e Ellen), e avó (Maria de Lourdes), pela “bolsa” família, que me ajudou financeiramente, e me fez acreditar que é possível realizar um sonho, quando se tem respeito, amor, confiança e carinho.

A minha amiga, companheira, conselheira e namorada Bianca Aguiar, por ter aceitado viver uma distância territorial tão grande. Mesmo nos momentos mais desafiadores, soube me ensinar a conduzir os sentimentos, transformando-os em crescimento.

Aos amigos da turma 2015 do Mestrado: Mateus, Maicon, Carlos, Thays, Francisco, Natalia, Letícia, Fabíola, Cristina, Etiene, Lis; que serão sempre lembrados afetuosamente, por terem sido pessoas que me fizeram amadurecer teoricamente e crescer como profissional;

As amigas doutorandas: Marcela, Helena, Silvana, Cristiane, Juliana, Letícia, Angela; por terem se mostrado educadoras e pesquisadoras, atenciosas e respeitosas, nas diferenças teóricas;

Aos Casais, Carlos e Lidia, Simone e Adriano, Cris e Alberto, que abriram as portas dos seus corações e de suas casas, para receberem um estranho, que se tornou um grande amigo.

Aos tios, Aguiar, Flora e Luiza, que sempre me ajudaram, me respeitaram e me incentivaram a continuar essa caminhada profissional.

À minha ‘ma-lu-ca’ orientadora, Maria Luiza Cardinale Baptista, a dona moça que me ensinou a transitar, em uma viagem desconhecida, por sensações, estranhezas e prazer ao pesquisar, e acima de tudo, cheia de recompensas, chamada Mestrado.

À Profa. Dra. Susana Gastal, uma amiga, que me motivou e me ensinou a olhar com ‘estranhamentos’ aos pressupostos e as teorias do fenômeno do turismo e da cultura.

À Profa. Dra. Marutschka Moesch, que desde o primeiro contato, me levou a (re)pensar a pesquisa como um deslocamento investigativo, cheio de complexidades e pressupostos.

A todos os professores e funcionários do PPGTurH da UCS, meu muito obrigado pelos ensinamentos e aprendizados, em especial a Regina Azevedo secretária do Programa, obrigado pelo incentivo nos momentos de dificuldade.

Aos amigos da ACAS, da Guarda de Nazaré, das Comunidades Católicas de Belém por terem passado esses dois últimos anos, ao meu lado. Mesmo distantes, não nos afastamos nas orações.

Aos entrevistados, muito obrigado por terem aceitado participar dessa viagem investigativa ao Círio de Nazaré.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, por meio da concessão de bolsa-taxa, colaborou com o financiamento do curso de Mestrado.

*Recordamos sempre que a nossa fé é real: o  
Verbo se fez carne, não se fez ideia.*

**Papa Francisco**  
06 Jun. 2017

## RESUMO

---

Esta dissertação tem como objetivo identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará. Em termos teóricos, a pesquisa se fundamenta em quatro trilhas investigativas: Turismo, Hospitalidade, Amorosidade e Religiosidade. Como orientação metodológica, tem-se a perspectiva qualitativa e exploratória, com uso da estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, que envolve práticas investigativas contemporâneas, com abordagem transdisciplinar e, portanto, estratégicas para a pesquisa em Turismo. A parte de campo, envolvendo os sujeitos-devotos, ocorreu na 223ª edição da Festividade Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que se realizou em Belém do Pará, no ano de 2016. Como marcas de hospitalidade e amorosidade, pode-se destacar: o reconhecimento da importância de conviver com a diferença, pela multiplicidade de sujeitos que participam do evento; a referência ao sentimento de irmandade e de relações familiares, na vinculação com a Nossa Senhora; o caráter plural do evento, que foi se complexificando, ao longo da história, de tal modo a abrir espaço para que todos os interessados, independentemente de condições e características, possam manifestar-se, a sua maneira; o reconhecimento da transformação da cidade, de uma energia que altera Belém e cria um campo energético que envolve a todos os que por ali transitam no período; a própria alusão ao Natal parece sinalizar o reconhecimento de um amor intrínseco ao processo, que também pode ser lido como devoção.

**Palavras-chave:** Turismo; Hospitalidade; Amorosidade; Religiosidade; Círio de Nazaré, Belém, Pará, Brasil.

## **ABSTRACT**

---

This master thesis aims to identify the traits of the hospitality and amorousness involved with the devoted individuals of Círio de Nazaré and its link with Belém do Pará Tourism. In theoretical terms, the research is based on four research fields: Tourism, Hospitality, Amorousness and Religiosity. The qualitative and exploratory research designs were employed as a methodological orientation, using the methodological strategy of the 'Cartography of Knowledge' which involves contemporary investigative practices with the transdisciplinary approach and, therefore, strategies for research in Tourism. The field research period, that involves the devoted individuals, took place at the 223rd edition of the Círio de Nossa Senhora de Nazaré Festival, which took place in Belém do Pará, in the year 2016. As a mark of hospitality and amorousness, what can be highlighted is: The recognition of the importance of living with difference, by the multiplicity of subjects participating in the event; the reference to the sentiment of fraternity and family relations, in connection with Nossa Senhora; The plural feature of the event, which has been becoming more complex throughout history, in such a way as to create space for all interested parties to manifest themselves, regardless of conditions and characteristics; The acknowledgment of the city transformation, an energy that changes Belém and creates an energy field that involves all those who transit it in the period; The allusion to Christmas seems to signal the recognition of an intrinsic love to the process, which can also be seen as devotion.

**Keywords:** Tourism; Hospitality; Amorousness; Religiosity; Círio de Nazaré, Belém, Pará, Brasil.

## LISTAS FIGURAS

Figura 1 - Cidade de Belém do Pará, situada na região Norte do Brasil .....	36
Figura 2 - Fé e devoção no Círio de Nazaré .....	42
Figura 3 - Manto de Nossa Senhora de Nazaré 2016 .....	43
Figura 4 - Descida da Imagem Autêntica de Nossa Senhora de Nazaré do Glória...44	
Figura 5 - Basílica Santuário de Nazaré (século 19 e no século 21).....	46
Figura 6 - Imagens Autêntica e Peregrina .....	48
Figura 7 - Início do Traslado para Ananindeua .....	51
Figura 8 - Romaria Rodoviária – Círio 2016.....	52
Figura 9 - Romaria Fluvial – Círio 2016.....	53
Figura 10 - Moto Romaria – Círio 2015 .....	54
Figura 11 - Trasladação – 2015 .....	55
Figura 12 - Círio de Nossa Senhora de Nazaré .....	56
Figura 13 - Ciclo Romaria 2015.....	58
Figura 14 - Romaria da Juventude – 2013 e 2014 .....	58
Figura 15 – Benção aos fiéis na Romaria dos Corredores 2015.....	59
Figura 16 - Círio das Crianças 2015.....	60
Figura 17 - Feira do Miriti .....	70
Figura 18 - Cortejo dramático Auto do Círio.....	71
Figura 19 - Arrastão do Círio 2015.....	72
Figura 20 - Festa da Chiquita .....	73
Figura 21 - Círio Musical .....	74
Figura 22 - Arraial de Nazaré .....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relações dos objetivos específicos com o desenvolvimento da pesquisa .....	34
Quadro 2 - Relação do terceiro objetivo específico com o protocolo de pesquisa ....	35
Quadro 3 - Relação dos grupos quanto às vinculações existentes .....	111
Quadro 5 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Imaginado .....	125
Quadro 6 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Experienciado .....	143
Quadro 7 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Inferido .....	165

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As 12 Romarias do Círio de Nazaré, no período de 2014 - 2016.....	62
Tabela 2 - Principais ocorrências atendidas pela Cruz Vermelha no Círio de Nazaré (2014-2016).....	66
Tabela 3 - Número de turista que visitou a capital, durante a programação do Círio, no período de 2014 -2016 .....	68
Tabela 4 - Quantidade de voos e passageiros que desembarcaram durante a primeira semana do Círio, no período de 2014 -2016.....	69
Tabela 5 - Faixa etária dos sujeitos entrevistados .....	109
Tabela 6 - Procedências dos sujeitos entrevistados .....	110
Tabela 7 - Vinculação religiosa dos entrevistados .....	110
Tabela 8 - Relação aos sentimentos devocionais dos sujeitos .....	112
Tabela 9 - Relação dos sujeitos quanto à motivação .....	113

## SUMÁRIO

1	<b>ABERTURA: ROTEIRIZANDO A PESQUISA</b> .....	14
2	<b>TRASLADO: TRAMA DE TRILHAS METODOLÓGICAS</b> .....	22
3	<b>PERCURSO: O CÍRIO DE NAZARÉ E O SUJEITO-DEVOTO</b> .....	36
3.1	PERCURSO DE FÉ: CAMINHO SIMBÓLICO E LITÚRGICO .....	46
3.1.1	<b>Caminhos simbólicos</b> .....	46
3.1.2	<b>Caminhos litúrgicos</b> .....	50
3.2	PERCURSO DE LOUVOR: CAMINHOS POPULARES E CULTURAIS.....	69
3.2.1	<b>Caminhos populares</b> .....	69
3.2.2	<b>Caminhos culturais</b> .....	73
4	<b>ATRELAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA</b> .....	75
4.1	TURISMO: PRIMEIRO ATRELAMENTO.....	77
4.2	HOSPITALIDADE: SEGUNDO ATRELAMENTO .....	84
4.3	AMOROSIDADE: TERCEIRO ATRELAMENTO .....	90
4.4	RELIGIOSIDADE: O QUARTO ATRELAMENTO .....	95
5	<b>ESTAÇÕES: NARRATIVAS DOS SUJEITOS-DEVOTOS</b> .....	104
5.1	O IMAGINADO: PRIMEIRA ESTAÇÃO .....	113
5.2	O EXPERIENCIADO: SEGUNDA ESTAÇÃO.....	128
5.3	O INFERIDO: TERCEIRA ESTAÇÃO.....	148
5.4	AS RELAÇÕES: QUARTA ESTAÇÃO .....	171
6	<b>RECÍRIO: A CHEGADA DE FÉ</b> .....	181
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	185
	APÊNDICE A - PROTOCOLO DE PESQUISA .....	194
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	195
	ANEXOS A - DADOS DO GRUPO 1 PARA POUÇOS DE AERONAVES E DESEMBARQUES DE PASSAGEIROS NO PERÍODO DE 2014-2016 .....	196



## 1 ABERTURA: ROTEIRIZANDO A PESQUISA

A presente dissertação corresponde ao relato de uma pesquisa-viagem investigativa. No intuito de melhor situar o leitor diante dessa proposição, antes de ‘arrumar as malas e fazer o *check-in*’, é preciso definir o roteiro de viagem, que apresenta como objetivo: identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará.

O esforço narrativo alinhado ao próprio objeto de estudo, levou-me à proposição de utilizar termos característicos do evento Círio de Nazaré, como indicadores do caminho, da pesquisa. Nesse sentido, “Abertura: roteirizando a pesquisa” introduz a presente dissertação que, de forma sucinta, apresenta os entrelaçamentos propostos na perspectiva turística, hospitaleira, amorosa e religiosa do estudo, bem como a construção da pesquisa e as trilhas do desenrolar dos capítulos.

Convido, então, a percorrer esta dissertação, tal como a vivência em um roteiro de viagem, até onde é possível, despreendida de (pre)conceitos vivenciados por experiências anteriores a ritos, doutrinas religiosas e acadêmicas. Proponho ao leitor a atuação como participante (ou mesmo como devoto) da festividade, para entender o uso dos termos comuns à festa e compreender a trama aqui apresentada. O convite, aqui, também diz respeito ao entendimento da produção da ciência, alinhado a pressupostos científicos contemporâneos, o que gera uma abertura, no modo de escrita, que é apresentado como relato de viagem. Começo a pesquisa-viagem pelo campo geográfico do trabalho.

Belém é a capital do estado do Pará. Localizada na porção Norte do Brasil, na Amazônica geográfica, é a segunda maior capital<sup>1</sup> da região em número de habitantes. Seu início data de 12 de janeiro de 1616, quando houve a chegada dos portugueses à baía do Guajará<sup>2</sup>. Em seu processo de domínio colonial, a cidade se consolidou com alicerces militares de defesa contra corsários estrangeiros invasores. E teve, na presença religiosa da Igreja Católica, o maior apoio para a expansão do território de domínio da coroa portuguesa (TAVARES, 2008). Hoje,

---

<sup>1</sup> De acordo com o censo populacional de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Belém possuía 1.393.399 habitantes. Estima-se que, em 2016, a cidade teria aproximadamente 1.446.042 habitantes. (IBGE, 2016).

<sup>2</sup> (ARRUDA, 2003).



após 401 anos, as ruas da cidade ainda mantêm as marcas desse período histórico, principalmente no que diz respeito ao valor que o povo atribui à vivência religiosa.

Falar de Belém para quem reside no local é um exercício muito fácil. Não há quem não conheça um pouco da sua história ou não se arrisque a contá-la a seu modo. Isso se verifica, porque a dinâmica cultural belenense associada às características do seu patrimônio, remete a traços de uma época histórica, tão presente nas ruas da cidade. Esse é um dos fatores que me motivou a querer contar um pouco dessa história cheia de lutas, conquistas, perdas e, principalmente, devoção a santos. Outro fator diz respeito ao meu próprio percurso como sujeito-devoto. Hoje não estou mais inserido na rotina cotidiana, mas, mesmo longe, sinto-me integrado nessa dinâmica cultural característica da cidade, principalmente, por estar disposto a contar a reciprocidade do (eu)pesquisador com o objeto.

Seguindo o roteiro da pesquisa-viagem investigativa, direciono o deslocamento para o processo de descoberta do objeto, incluindo-me no universo acadêmico científico e na natureza do objeto pesquisado. Sou vinculado à doutrina cristã católica desde o sacramento inicial, o Batismo, aos três anos de idade, em 1988. Entretanto, foi a partir de 2010, com o envolvimento na Associação Católica Adoremos o Senhor (ACAS<sup>3</sup>), que comecei a participar mais ativamente das atividades da Cúria Metropolitana de Belém. Atuei como conselheiro do Setor Juventude, entre 2013 e 2015. Sou secretário da Pastoral do Turismo (PASTUR) e membro da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (atuando na Basílica Santuário e na festividade religiosa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré), desde dezembro de 2013 e maio de 2014, respectivamente. Nesse período, o envolvimento com a vivência religiosa só aumentava. Assim, em 2014, tornei-me compromissado de aliança com a ACAS, o que significa um envolvimento intenso e uma relação direta com diversas áreas da vida (trabalho, estudo, namoro e casamento).

É bom ressaltar que, em meio a todo envolvimento com a Igreja, eu atuava como servidor comissionado na Coordenadoria Municipal de Turismo (BELEMTur), responsável pela área cultural e religiosa. Isso me levou a desenvolver, ainda na graduação, o trabalho de conclusão de curso “Belém nos caminhos da fé: as

---

<sup>3</sup> ACAS é: “uma associação religiosa de direitos privados, sem fins lucrativos ou econômicos, de cunho filantrópico, educacional, cultural e formacional, com prazo de duração indeterminado, com sede e foro na cidade de Belém, Estado do Pará.” (ACAS, 2010).



manifestações católicas no contexto do turismo religioso”, uma pesquisa sobre o Círio de Nazaré e as manifestações religiosas que se relacionavam com a festa.

Dessa forma, a relação “trina” (religiosa, profissional e acadêmica) acionava uma cumplicidade entre as seguintes áreas: Religião, Turismo e Pesquisa; o que me levou a querer continuar estudando sobre a temática religiosa atrelada ao turismo. Assim, em dezembro de 2014, decidi prestar exame para a seleção de mestrado na Universidade de Caxias do Sul, apresentando a proposta de um estudo de caso do evento Círio de Nazaré.

A relação entre as três áreas, juntamente com a multiplicidade de atravessamentos presentes no objeto de estudo, direcionou a pesquisa-viagem investigativa para uma Trilha Teórica<sup>4</sup>, apresentada por sinalizadores que pautaram a narrativa da viagem investigativa. Desse modo, à medida que iniciavam as sinalizações para o estudo, tornou-se impossível identificar os sujeitos-devotos somente como indivíduos, como um sujeito isolado, pois “não há como analisá-lo individualmente, isoladamente, porque a comunicação se dá na partilha, na interação, no encontro de corpos comunicacionais [...]” (BAPTISTA, 2014a, p. 3). Nesse sentido, a concepção de trama, que remete à complexidade, perpassa todo o trabalho.

Pautado nessa perspectiva investigativa, defini, como questão-problema: quais as marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos, que participam da festividade Círio de Nazaré e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará? Esse questionamento direcionou a pesquisa desenvolvida no Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista.

A investigação corresponde a um estudo transdisciplinar envolvendo, especificamente, o turismo, a hospitalidade, a amorosidade e a religiosidade, como trilhas teóricas. Foi realizado levantamento bibliográfico, associado a seminários teóricos com a orientadora, juntamente com as discussões feitas nos Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, do grupo de pesquisa Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. A incursão

---

<sup>4</sup> A expressão trilha teórica, está sendo utilizada aqui no sentido atribuído por Baptista, na proposição de metáfora viagem investigativa (BAPTISTA, 2013, p. 2). Assim, a trilha, segundo a autora, significa o percurso e os entrelaçamentos que são associados pelo sujeito pesquisador.

nessas trilhas resultou em escolhas de parceiros teóricos, o que contribuiu para o embasamento da reflexão.

Na construção dos caminhos para o turismo, buscou-se relacionar os diálogos de Mario Beni (2008), Alexandre Panosso Netto (2005), Susana Gastal e Marutschka Moesch (2007), Susana Gastal (2005), Maria Luiza Cardinale Baptista (2016), não deixando de lado a construção epistemológica feita por autores que, por meio de uma discussão fundamentada na união do Turismo e Religião, apresentam o suporte teórico para uma possível conceituação do Turismo Religioso. Com isso, trabalhos como de Edin Sued Abumanssur (2003), Carlos Alberto Stiel (2003) e Christian Dennys de Oliveira (2004) foram importantes para a discussão.

Para a caminhada rumo à Hospitalidade e à Amorosidade, estão presentes autores como Isabel Baptista (2002), Lucio Grinover (2002, 2006, 2007 e 2013), Marcia Maria Cappellano dos Santos e Olga Araújo Perazzolo (2012), alinhados ao pensamento e às visões analíticas dos múltiplos atravessamentos que um determinado sujeito possa apresentar, em meio ao caótico cenário de subjetivação. Nesse sentido, dialogo também com Felix Guattari (1992), Humberto Maturana (1998) e Maria Luiza Cardinale Baptista (2001, 2004, 2013, 2014, 2016) que, possibilitam, através de suas teorias transdisciplinares direcionar o olhar para a complexidade, na subjetividade e no turismo.

Para um posicionamento acerca da Religiosidade, tanto a uma perspectiva doutrinária como popular, tomo como base documentos da Igreja Católica, tais como: o Documento de Aparecida (2007) sobre a Piedade Popular; Mariologia social, de Clodovis Boff (2006), discursos papais, de João Paulo II (1982 e 2000), Bento XVI (2005) e Francisco I (2015 e 2016), que dão um olhar pautado para o amor e fé; e, de trabalhos como de Émile Durkheim (1996), Eneida Gaspar (2002) e Monica Schneider (2013).

Durante o processo desta investigação, multiplicaram-se, em meu pensamento, as possibilidades de caminhos investigativos, tensionando a trama metodológica em relação, à teórica. Em alguns momentos, o emaranhado das trilhas desafia o pesquisador, no sentido de buscar os caminhos a serem percorridos. Diante disso, fui apresentado à estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, uma prática investigativa contemporânea, com uma abordagem transdisciplinar e, portanto, estratégica para a abordagem da pesquisa em Turismo (BAPTISTA, 2014).



Essa estratégia é orientada por quatro trilhas, assim identificadas: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção (que se subdivide em dois campos investigativos - aproximações e ações) e a dimensão intuitiva da pesquisa. Essa foi a estratégia escolhida para a produção investigativa e será mais bem detalhada no próximo capítulo.

Como recurso narrativo, pensei em trazer uma associação com o próprio evento, usando cinco termos comuns à festividade, aqui apresentados como: traslado, percurso, atrelamento, estações e recírio. Desse modo, faço uma analogia, para apresentar a estrutura da dissertação e aproximar mais ainda o leitor do estudo. Cada termo remete a momentos vividos, durante a manifestação religiosa Círio de Nazaré, aqui explicada em síntese, mas que será mais bem desenvolvida no segundo capítulo dessa dissertação.

A festividade religiosa Círio de Nazaré presta homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, santa da Igreja Católica, e é realizada na capital paraense, Belém, desde o século XVIII. Já se vão 223 anos de tradição, fé e religiosidade, quando o evento reúne mais de dois milhões<sup>5</sup> de pessoas pelas ruas da cidade, em um único dia. Com uma programação de 20 dias, iniciando na terça-feira da semana que antecede o segundo domingo do mês de outubro, o evento conta com uma abertura solene na casa de Plácido (nome em homenagem ao caboclo que encontrou a imagem), 15 procissões, atividades lúdicas e litúrgicas e só termina três semanas depois com o Recírio, na última segunda-feira de outubro, com o retorno da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré ao Colégio Gentil Bittencourt, onde é guardada até o ano seguinte. Posteriormente e seguindo a programação, o evento proporciona alguns momentos marcantes para a Igreja e para a população. Neste ponto, explico os termos, já mencionados, para orientação da viagem e para que a investigativa possa ser compreendida e usufruída com qualidade (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

O primeiro termo, denominado de traslado, corresponde ao ato de transportar e/ou transferir, de um lado para o outro, algum determinado objeto (FERREIRA, 2008). Na pesquisa, corresponde à romaria da transladação, que acontece na noite de sábado que antecede a procissão do Círio, quando a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, juntamente com os fiéis em procissão, se desloca do Colégio Gentil Bittencourt (próximo à Basílica Santuário de Nazaré, que é o local de

---

<sup>5</sup> Informação fornecida pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos Escritório Regional do Pará (DIEESE-Pa), na coletiva de imprensa do dia 24 de out. 2016.



chegada do Círio, no domingo) para a Catedral Metropolitana de Belém (local de saída do Círio no domingo). Assim, na estrutura da pesquisa, na interface com a terminologia mais conhecida, o termo foi utilizado, para o capítulo de aspectos metodológicos que conduzem o estudo.

Na apropriação acadêmica, o segundo capítulo intitulado “Traslado: trama de trilhas metodológicas” parte da apresentação do objeto e da proposta de discussão para, com isso, direcionar as trilhas metodológicas que foram caracterizadas para o estudo. Em linhas gerais, a orientação para a prática da pesquisa apresenta uma triangulação, pautada por uma abordagem qualitativa, de pesquisa exploratória e pela utilização da estratégia metodológica da Cartografia de Saberes.

Após a apresentação das trilhas metodológicas, continua-se a viagem pelo objeto, pautado pelo primeiro objetivo específico que propõem apresentar Belém e o evento Círio de Nazaré, quanto aos aspectos históricos, econômicos, sociais e rituais. Com isso, estrutura-se o terceiro capítulo, intitulado “Percurso: o Círio de Nazaré e o sujeito-devoto”, descrevendo o evento Círio de Nazaré e os sujeitos participantes da festividade.

Percurso é o termo vinculado ao deslocamento que a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré faz durante todo o ano e na festa. Em 1969, por motivos de segurança, foi instituído que a Imagem que foi encontrada em 1700 pelo caboclo Plácido, na beira de um igarapé, denominada de “Imagem Autêntica”, fosse substituída por uma réplica, que poderia ser levada a todas as procissões e cerimônias oficiais da festa, chamada de “Imagem Peregrina”. Com isso, a santa de devoção paraense poderia ultrapassar os limites geográficos do Estado e percorrer um trajeto ainda maior de fé.

Outro termo utilizado no relato da pesquisa é atrelamento. Nome dado ao complexo trabalho de amarração da corda<sup>6</sup> ao núcleo da berlinda<sup>7</sup>, feito pelos guardas<sup>8</sup> de Nossa Senhora de Nazaré, durante a Trasladação e no Círio. É um

---

<sup>6</sup> “A corda faz parte do Círio há 156 anos e foi introduzida em 1855, quando a berlinda ficou atolada por conta de uma chuva. Mas só no ano de 1885 a corda foi inserida oficialmente no Círio, substituindo os animais que puxavam a berlinda. Desde então, foi incorporado à festividade e passou a ser o elo entre Nossa Senhora de Nazaré e os fiéis.” (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

<sup>7</sup> “A berlinda começou a fazer parte do Círio a partir de 1855, em substituição a uma espécie de carruagem puxada por cavalos ou bois, chamada de palanquim [...] ela tem estilo barroco e é esculpida em cedro vermelho. Ornamentada com flores naturais na véspera do Círio, a Berlinda é colocada sobre um carro com pneus, que na procissão é puxado pela corda conduzida pelos devotos.” (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

<sup>8</sup> “Após Nossa Senhora de Nazaré receber em 15 de dezembro 1971 honrarias de chefe de Estado, forma-se em 1974, o primeiro grupo da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, composto por

processo demorado, complexo e que requer muita força física durante a procissão. Os guardas precisam usar a força de 15 homens para conseguirem unir as duas pontas (núcleo da berlinda e primeira estação da corda), em meio a milhões de pessoas que se apertam para conseguir se aproximar da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

Caminhando pela pesquisa, o quarto capítulo é intitulado de “Atrrelamentos teóricos da pesquisa”, dedicado a apresentar o campo teórico necessário para o entendimento da pesquisa dos sujeitos-devotos e a relação que os mesmos têm com o entrelaçar do turismo, da hospitalidade, da amorosidade e da religiosidade. Com isso, esse capítulo se aproxima do segundo objetivo específico do trabalho, que trata de discutir os conceitos de turismo, hospitalidade e amorosidade em relação à atuação dos sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará.

A pesquisa-viagem investigativa parte, então, para unir os três primeiros momentos (traslado, percurso e atrelamento) do estudo, em coerência com o terceiro objetivo específico, que foi o de identificar os Sujeitos-Devotos do Círio de Nazaré, levando em consideração a relação que eles têm com a festa. Desse modo, chega-se ao ponto de parada, o quinto capítulo, que se identifica como “Estações: as narrativas dos Sujeitos-Devotos”, e é construído pelas falas identificadas a partir do traslado metodológico do estudo, em coerência com a discussão da pesquisa em turismo, hospitalidade e amorosidade.

O termo estações corresponde a estruturas de arcos de ferro, conduzidas durante a festividade, pelos devotos e pela Guarda de Nazaré. Elas são atreladas à corda que é utilizada durante a festividade Círio de Nazaré, como símbolo de fé e de retribuição por uma graça alcançada. Tem o formato de terço, com cinco subdivisões chamadas de “estações”. Cada estação tem uma pessoa denominada de animador que, por meio de orações, cânticos e palavras de ordem, tem como função estimular os devotos que estão ajudando a conduzir Nossa Senhora durante a procissão.

O roteiro de viagem feito no deslocamento à cidade de Belém do Pará, que apresentou as relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, não está no fim, mas apenas nas considerações não finais, denominadas de “Recírio: a chegada de fé”. Assim, finalmente, tem-se o último termo, Recírio, que corresponde a 12<sup>a</sup>



romaria da festividade e marca o retorno da Imagem ao local em que será guardada até o próximo Círio, finalizando todo o processo de festa em torno do evento.

Espero que seja possível fazer a viagem, de forma a compreender o percurso e que esse processo seja agradável. Que tenhamos uma boa viagem!

## 2 TRASLADO: TRAMA DE TRILHAS METODOLÓGICAS

Como foi mencionado no início desta dissertação, apresenta-se aqui o relato de uma viagem investigativa e, para tal, neste ponto, abordam-se as trilhas metodológicas que orientaram a pesquisa, relacionaram-se ao objeto de estudo e à proposta de discussão. Com o exposto, destaca-se que o estudo e as opções metodológicas, dizem respeito à dimensão trama, base conceitual proposta por Baptista (2001), e que, por sua vez, está em interface e confluência com pensadores contemporâneos, para expressar o reconhecimento da complexidade dos fenômenos. Dizendo de uma maneira simples, pode-se afirmar tratar-se de um “saber costurado”, que se configura a partir de viagem qualitativa e exploratória, baseada por uma estratégia metodológica denominada de Cartografia de Saberes, que se pauta por uma perspectiva contemporânea de pesquisa.

Assim, para apresentar a complexa trama de estudo, busco retomar alguns fatos já conhecidos, à luz da compreensão religiosa católica de mundo, a fim de elucidar os pressupostos metodológicos. Trata-se aqui, de apresentar a confluência de narrativas que se entrelaçam e que ensinaram (e ainda ensinam) o pesquisador a seguir viagem na pesquisa e na vida. Nesse caso, o entrelaçamento dos muitos saberes que envolvem as práticas de vida do pesquisador também está presente e se mostra como metáfora da viagem investigativa. As opções metodológicas e o alinhamento das aproximações e ações investigativas às metáforas narrativas resultam do entrelaçamento de variados traslados, percursos e atrelamentos.

Aos poucos, ao repensar o processo de pesquisa, foi possível perceber que ela decorre do conhecimento, observação e vivências relativas a diferentes percursos-viagens.

Uma das viagens começa na Cidade de Nazaré, na antiga Galileia, hoje Estado de Israel, como conhecemos na História ou mesmo como nos foi contado. Como relatam os textos bíblicos, lembramos que Maria estava prometida em casamento a um homem que se chamava José e que ela daria à luz um menino, que receberia o nome de Jesus (BÍBLIA, Lucas, 1:27-31). O menino nasceu na cidade de Belém de Judá (BÍBLIA, Mateus, 2:3-6). É importante salientar que Jesus, Maria e José formam, no entendimento católico, a Sagrada Família de Nazaré. Não quero aqui discutir, contudo, teologicamente, qual é o significado de Família, até porque o

intuito deste trabalho não é se debruçar à luz da Teologia, e sim do Turismo, da Hospitalidade e da amorosidade.

Retomando! Jesus de Nazaré, como ficou conhecido, nasceu do ventre de uma mulher. Para muitos, não causa nenhuma estranheza esse acontecimento, não fosse o fato dos dogmas da Virgem Maria, quanto a sua 'maternidade divina', por ser a 'imaculada conceição', pela sua 'assunção ao céu' e pela sua 'virgindade perpétua' estarem fortemente atrelados à paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus (AQUINO, 2015).

Resgato os fatos bíblicos para, aos poucos, elucidar o entendimento em torno desta dissertação. Também verifico um acontecimento de caráter histórico para o objeto estudado. Penteado (1998) relata que São José, movido pelo seu ofício de carpinteiro, esculpiu uma imagem de uma senhora, tendo Maria, sua esposa, presente no momento da confecção. Disso, pode-se depreender que existe a possibilidade de que a imagem produzida durante o ofício venha a ser a imagem de Maria de Nazaré, denominada de Nossa Senhora de Nazaré.

Com o advento de Jesus Cristo, muitos de seus seguidores, os denominados primeiros cristãos, saíram em missão para anunciar o seu evangelho (Mateus, 28:18-20). Com isso, diversos conflitos religiosos se configuraram, obrigando muitos deles a se refugiarem em mosteiros, como é o caso do monge Círiaco que, no século IV, se abrigou no "Mosteiro Cauliniana, na Península Ibérica", levando consigo a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Após a invasão Árabe, a Imagem de Nazaré foi, mais uma vez, transportada, no ano de 714, para um local seguro, agora para o Monte de São Bartolomeu, na proximidade da Pederneira, Portugal, pelo Rei Rodrigo e Frei Romano (PENTEADO, 1998).

Muitos fatos vieram a ocorrer a partir do momento de fuga. A morte do Frei Romano, a ida do Rei Rodrigo para o Norte, o esquecimento da Imagem de Nazaré no pequeno nicho, construído entre as pedras para proteção das intempéries, causadas pela fuga (PENTEADO, 1998). Ressalta-se, no entanto, o que ocorreu mais tarde, precisamente no século XII, que direciona o pensar epistemológico para a complexidade devocional, que gira em torno da Imagem de Nazaré.

Foi por conta de um primeiro pedido de proteção, feito por D. Fuas Roupinho que teria encontrado a Imagem no nicho construído pelo Frei Romano, que se inicia um deslocamento de veneração em torno da Santa de Nazaré, em Portugal, na Cidade de Pederneira. Conta-se que Roupinho invocou a proteção de Nossa



Senhora de Nazaré em um momento de perigo e ela o atendeu, fazendo o cavalo que o conduzia parar próximo de cair em um abismo (PENTEADO, 1998).

A devoção à santa se expandiu em Portugal e em suas colônias, o que pode tentar explicar a chegada da Imagem de Nazaré no século XVII ao Brasil, na cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro e em Vigia, no Pará.

O estado do Pará merece um destaque na discussão pelo fato de, em 1700, ter iniciado uma mística religiosa em torno do aparecimento da Imagem de Nazaré à beira do Igarapé do Murucutu, na cidade de Belém. Além disso, ainda hoje, após dois séculos, essa é uma das maiores manifestações de devoção à Maria, reunindo mais de dois milhões de pessoas em uma única procissão e em um único dia (SERRA, 2014).

Em síntese, o que se reconhece neste trabalho é o espelhamento entre o deslocamento da Imagem na História, com seus percursos, desafios e intempéries, complexa mudança do próprio evento aqui analisado e o deslocamento do próprio pesquisador, que faz a pesquisa além da própria pesquisa. Ademais, assim como a Imagem, percebe-se que a pesquisa se inicia por uma fé, por uma esperança e parte para uma construção artesanal, que se consolida também como deslocamento, não só territorial, mas por trilhas de imaginários, ideias, sentimentos, caminhos percorridos, por assim dizer, na própria vivência da religiosidade, até se constituírem as estações.

Com o exposto, a busca do saber e, principalmente, o saber turístico em uma perspectiva contemporânea, relaciona-se à preocupação de compreender aspectos inerentes aos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, uma vez que o objeto atrelado à visão de Turismo Religioso caracteriza-se como complexo, com variações e implicações contextuais. Vale ressaltar que na pesquisa, afasto-me da discussão apresentada por alguns teóricos que, respaldados por questões mais mercadológicas, estruturam um imaginário acerca do turismo e da religiosidade, a partir da ótica do segmento Turismo Religioso.

Percebo que é necessária a existência de diálogo e não de divisão, no entendimento de Turismo e Religião. Desse modo, é possível ter uma melhor compreensão acerca do sentimento devocional presente no Círio. Os Sujeitos, neste caso, estão desatrelados de uma visão de mercado, tida como Turismo Religioso, e inseridos na busca por pressupostos teóricos que os sustentem e deem corpo

epistemológico para sua consideração, não como uma categoria, mas como efetivos sujeitos em vivências devocionais e de turismo.

Mesmo tentando distanciar a ideia de mercado, a pesquisa-viagem investigativa percorreu caminhos e teorias que vislumbram tal análise como proposta inicial. No resgate do processo, percebo que foi difícil e cheio de imbricações o percurso. Aqui, houve também embates e conflitos, no sentido de conseguir desenhar as linhas de pensamento em Turismo, Hospitalidade, amorosidade e religiosidade para traçar os caminhos metodológicos da construção do estudo científico na área.

Percebe-se que alguns estudos na área acadêmica do Turismo passam por dificuldades, ao tentar construir os “alicerces científicos” para entrelaçar o Turismo e suas áreas. Como nos expõe Panosso Netto e Nechar (2014, p. 121), o estudo epistemológico para o Turismo é visto “como tema complexo, exótico, teórico, filosófico e com pouca aplicabilidade”, e sem reconhecimento de “comunidades acadêmicas [...] como vanguardista na produção sistemática do conhecimento” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 127). Isso torna a investigação plena de caminhos tortuosos que, às vezes, podem causar mais obstáculos do que êxito na pesquisa.

Com base no exposto, busca-se redesenhar os caminhos, para que o objeto de estudo, cheio de potencialidades, possa se movimentar na pesquisa e pulsar de si para o outro em múltiplos sentidos. Desse modo, entende-se ser o acionamento de novas possibilidades inscriacionais<sup>9</sup>, vinculadas “[...] à compreensão de que as narrativas trazem ‘inscrições que acionam e recriam’ os lugares e sujeitos do Turismo e da Comunicação.” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Assim, a investigação foi direcionada para uma trama de trilhas investigativas, na qual Baptista (2014a, p. 350) nos explica que “trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se re-inventa, se re-nova, se re-faz”, atrelando ao diálogo recíproco da pesquisa-pesquisador, que cheio de critérios orientadores poderá ir amarrando a narrativa em uma espécie de “costura de saberes.” (BAPTISTA, 2014a, p. 349).

---

<sup>9</sup> “Já apresentado em outros textos de Baptista (2011 e 2012), atribuída às práticas de pesquisa e que também tem como substrato teórico a esquizoanálise, para representar os acionamentos desejantes do sujeito, no sentido de investigações, que permitam inscrever, criar e produzir ações voltadas a devires conhecimentos, pesquisas, devires processos no Turismo.” (BAPTISTA, 2014a, p. 344-345).



Esta pesquisa, como já foi mencionada no início deste capítulo, pauta-se por uma triangulação entre abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e utilização da estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014a). A Cartografia direcionou a dissertação para o pressuposto investigativo, determinado pelos ‘saberes costurados’, que especifica uma forma de olhar para o objeto de estudo, não somente para observá-lo e pesquisá-lo, mas, principalmente, para senti-lo e vivenciá-lo em sua completude, em sua dimensão ‘trama’.

Essa perspectiva de pesquisa direcionou a investigação para o viés qualitativo. Entende-se, que uma pesquisa qualitativa parte da interpretação e do conhecimento do todo, ou seja, da “construção social da realidade em estudo [...]”, levando em consideração a percepção do sujeito e/ou do fenômeno que está sendo investigado (FLICK, 2009, p. 16).

Nesse tipo de abordagem, é necessário tomar certos cuidados para não tropeçar em pré-julgamentos, que possam direcionar, para o que os cientistas sociais chamam de “Bias do pesquisador”, que são preconceitos adotados na pesquisa científica. Eles dão a sustentação do convencionalismo e de expectativas que marcam a vivência do pesquisador (GOLDENBERG, 2004, p.47).

Goldenberg (2004, p. 50), em seu estudo, vai ao encontro do entendimento expresso por Flick (2009), ao dizer que a elaboração de uma pesquisa científica, conduzida por um método que suscite a discussão de pressupostos teóricos, possibilita “[...] a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica.”.

Neste sentido, passa-se, agora, à apresentação da estratégia metodológica Cartografia de Saberes. Trata-se de uma estratégia que direciona o pesquisador para uma multiplicidade de trilhas, com aproximações e ações investigativas. É o que explica Baptista (2014a, p. 344), quando diz que “não existe ‘um’ único caminho, mas [...] ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas”, que ajudam no entendimento do estudo, independentemente do objeto. Isso faz com que se tenha um “[...] mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa.” (BAPTISTA, 2014a, p. 344).

A abordagem apresentada pela autora direciona o estudo para uma estrutura orientada por quatro dimensões pautadas por uma visão epistemológica, teórica, metódica e técnica. Essas dimensões instituem-se em sintonia com o que se

denomina de saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção – que se subdivide em aproximações e ações investigativas – e dimensão intuitiva da pesquisa.

A trilha de saberes pessoais pode ser caracterizada como a que possibilita os registros de informações, do pesquisador, que são registrados em seu diário pessoal e conhecimento do assunto. Trata-se aqui, segundo a autora, de produção do diário de campo, mas, no caso, como resultado do mergulho do pesquisador em si mesmo e nos seus próprios saberes. A proposta é inscrever “conceitões”, nós conceituais, frases, palavras, ideias do assunto e se “autorizar a escrever textos sobre a temática. Isso significa uma espécie de sondagem de si mesmo, sem julgamento [...] eles vão ajudar o próprio aluno a se dar conta a respeito do que sabe, do que pensa e do seu interesse.” (BAPTISTA, 2014a, p. 350).

Já os saberes teóricos são reconhecidos como entrelaçados, a partir de uma trama cartográfica, relacionada à busca por “textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais.” (BAPTISTA, 2014a, p. 351). Nesse caso, identificadas as temáticas, parte-se para a busca bibliográfica ampla, envolvendo os bancos de dados científicos, que, posteriormente, vai auxiliar na construção do referencial teórico. Há, neste ponto, o resgate de todo um conjunto de anotações sobre a produção de levantamentos bibliográficos, mas numa perspectiva de reconhecimento de trama das trilhas.

Os textos foram identificados, lidos, documentados e passaram pela discussão nas rodas de conversas do Amorcomtur!. A produção desta pesquisa originou algumas publicações, sendo dois trabalhos em anais de eventos (LIMA; GOMES; BAPTISTA, 2016; LIMA; BAPTISTA, 2015) e um capítulo de ebook internacional (BAPTISTA; LIMA, 2016).

A usina de produção por sua vez, é “[...] a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa, em uma perspectiva de um objeto paixão-pesquisa [...]” (BAPTISTA, 2014a, p. 351). Inicialmente é necessário que o pesquisador busque entrar em contato com o que vai estudar, trazendo possibilidades de sair a campo para “[...] observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos [...]” (BAPTISTA, 2014a, p. 351).

Para tanto, é necessário produzir: aproximações e ações. As aproximações investigativas significam um campo de sondagem preliminar e a busca de alguns sinalizadores, que, neste estudo, correspondem ao levantamento bibliográfico



preliminar e documental, envolvendo também materiais alusivos ao objeto e aproximações com a temática; organização e realização de fotografias; participação nas rodas de conversas do *Amorcomtur*, observação preliminar do evento, com registro no diário de campo, e conversas informais; bem como discussão do projeto na qualificação, levantamentos geográficos de dados de Belém do Pará e pesquisa na internet sobre o assunto abordado.

O segundo momento da usina de produção foi pautado pelas ações investigativas, apresentadas a partir das técnicas de pesquisa de campo utilizadas neste trabalho, como análise documental, levantamento bibliográfico para delimitação da teoria, além de rodas de conversas e entrevistas (sempre precedidas de conversas informais), apoiadas pela utilização de gravador e, por fim, a caminhada atenta ao estranhamento (PERUZZO, 2014).

A dimensão intuitiva da pesquisa, a quinta trilha da Cartografia de Saberes, envolve o registro de ideias, que emergem no decorrer da caminhada e que possibilitam, ao sujeito-pesquisador, vibrar junto à pesquisa. Essa trilha ensina o pesquisador a valorizar ideias que surgem espontaneamente, sem a obrigatoriedade da utilização, mas que poderão ser ou não ser amarradas ao pensar teórico. A autora ressalta, aqui, a importância dos registros sistemáticos da intuição e a consideração de que esse registro, na prática, inscreve um texto interno, pleno de intensidades abstratas, saberes presumidos pelas vivências e pelos entrelaçamentos vários (BAPTISTA, 2014a, p. 352).

Diante dos pressupostos apresentados, foi possível observar, após o percurso das trilhas estratégias metodológicas da Cartografia de Saberes, o entrelaçamento, para uma averiguação, da perspectiva da pesquisa participante, que se entrelaça, como orientação, para coleta de dados do estudo.

Na pesquisa participante, o pesquisador “interage” com o objeto, desempenhando um papel “cooperativo no grupo”. Assim, é necessário relacionar “diretamente nas ações do objeto investigado”, cabendo ao averiguador informar os propósitos, as intenções do estudo e retornar ao final com os resultados (PERUZZO, 2014).

Como pesquisador participante, estive, nos últimos três anos (2014, 2015 e 2016), envolvido no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na qualidade de:



- No ano de 2014, guarda de Nossa Senhora de Nazaré, participando das atividades da festividade religiosa (missas e procissões) somente como membro da equipe e devoto;
- Em 2015, já cursando o mestrado em Turismo e Hospitalidade, mais ainda em reflexão de quais seriam as estratégias metodológicas. Participei novamente como guarda de Nossa Senhora de Nazaré, porém com um olhar mais direcionado às possíveis averiguações, que pulsavam em meu pensamento, sempre tentando direcionar estes caminhos da averiguação;
- Em 2016, participei na qualidade de pesquisador, exercendo as mesmas funções de guarda; entretanto, já com o consentimento dos organizadores para o desenvolvimento da pesquisa.

Essa participação, pelo estabelecimento de um recorte teórico, no que tange às possibilidades acadêmicas de estudo das relações dos sujeitos-devotos, ocorreu na 223ª edição da Festividade Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que se realizou em Belém do Pará, no ano de 2016.

Com o exposto, caminhei com a pesquisa, respaldado pelo objetivo geral, que corresponde 'identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará'. E assim, busquei estruturar a dissertação, tendo como base os objetivos específicos, que foram desenhando o corpo do estudo.

O primeiro objetivo específico tem como proposta, apresentar Belém e o evento Círio de Nazaré, quanto aos aspectos históricos, econômicos, sociais e rituais, e foi utilizado no segundo capítulo desta dissertação, que corresponde ao 'Percurso: o Círio de Nazaré e o sujeito-devoto'.

Já o segundo objetivo específico tem como ideia discutir o conceito de turismo, hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, assim, deu sustentação para o quarto capítulo que tem como título 'atrelamentos teóricos da pesquisa'.

O terceiro objetivo específico tem como proposta identificar as singularidades dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, levando em consideração a relação que eles têm com a festa, e contribuiu para a construção do quinto capítulo, intitulado 'Estações: narrativas dos sujeitos-devotos', que a partir de um protocolo de pesquisa, houve a interação com os sujeitos envolvidos na festividade de Nazaré.

Essa interação se efetivou após a procissão do Círio (domingo), no período compreendido de 13 de outubro de 2016 a janeiro de 2017, junto a 28 sujeitos, divididos em quatro grupos: *Igreja* (arcebispo, bispo, diretoria, pastoral do turismo, igreja evangélica, consagrados a Maria e apoiadores operacionais), *turismo/cultura* (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Secretaria municipal e estadual de turismo, cineastas e artistas) *acadêmico* (professores e pesquisadores da festividade) e *feira* (turista, cordeiro, feirante); buscando a compreensão das relações dos mesmos com a festividade.

É importante observar que houve interação com os sujeitos envolvidos, somente no período informado. Isso se deve ao fato de que a coleta de dados foi aplicada não somente com os “devotos”, que participavam em busca de graças ou retribuindo por uma promessa alcançada, mas com o corpo organizador da festa, o apoio técnico-teórico e com pessoas que estiveram atuando diretamente em atividades oportunizadas pelo momento de festa. Estas tiveram que ser entrevistadas posteriormente.

A entrevista foi realizada a partir de um protocolo, que, por sua vez, foi construído com base em sinalizadores, em correspondência direta com o objetivo específico já mencionado.

Assim, pensou-se o protocolo, derivado dos sinalizadores, que foram construídos, também, com base na vivência na festividade, nas discussões durante o mestrado, tanto nas orientações, no grupo de pesquisa, como nas disciplinas em sala, levando em consideração as relações:

- A partir do perfil do sujeito;
- De motivações que poderiam levar o sujeito a viver o Círio;
- De devoção;
- De como veio se construindo a participação do sujeito na festividade;
- Da perspectiva turística, religiosa ou cultural vivida durante o Círio;
- De como o Círio estava sendo visto na atualidade;
- Possíveis melhorias na infraestrutura da cidade e até mesmo do próprio evento;
- A vivência no Círio (pensado como procissão e festividade);
- Os momentos marcantes do Círio.



Desses sinalizadores resultam as questões, que em conformidade ao terceiro objetivo específico, relacionam-se ao protocolo a seguir:

- a) Conhecendo o sujeito: gênero (masculino e feminino), procedência (Cidade e Estado), faixa etária (15 anos a mais de 60), vinculação religiosa, número de participação na festividade, relações de devocional e motivação;
- b) Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?
- c) Quando você pensa no Círio o que recorda?
- d) Em sua participação como se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?
- e) Você se sente ou sentiu bem recebido/acolhido, durante os momentos vividos?
- f) Você acredita haver alguma diferença quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no Círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e a outras festas religiosas na cidade?
- g) Para você, o Círio pode ser considerado como um evento que há uma relação turística, religiosa ou cultural?
- h) Como você vê o Círio hoje em Belém?
- i) O que pode ser melhorado no Círio?
- j) O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Vale ressaltar que, na elaboração do quadro de organização dos sinalizadores do protocolo, relacionaram-se os sujeitos, a partir de seus grupos e correlações. Assim, após o processo de construção das questões, observou-se a necessidade de três perspectivas de análise para a pesquisa, que estão em conformidade e coerência com os objetivos deste trabalho e se identificam da seguinte forma: o imaginado (é tudo aquilo que o sujeito imagina sobre o evento e o motivou), o experienciado (faz referência à vivência do sujeito no evento, ou seja, sua participação) e o inferido (relaciona-se, a impressões, que o sujeito teve após a experiência vivida no evento).

O imaginado, parte da ideia de reconhecer no sujeito, a construção de imagens que ele faça em uma relação com o evento, tendo ou não vivenciado edições anteriores. O que se pensa com essa perspectiva? Reconhecer no sujeito, a pulsação de sentimentos e/ou motivações, que direcionem o entendimento dos reais motivos do seu envolvimento com a festividade.



Com isso, penso que a proposição de Gastal (2005), sobre imaginários, contribuiu na busca pela construção dessa perspectiva de análise. A autora entende que imaginários são “[...] sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?)”, que nutridos por múltiplas “redes de informação” atrelam a um objeto e/ou lugar sentimentos, escolhas e características (GASTAL, 2005, p. 13).

Assim, na entrevista, buscou-se compreender o que estava latente e pulsante no pesquisado, para identificar o que ele imaginava a respeito do Círio, levando em consideração a relação dos questionamentos abaixo:

- *O que o movia:* algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?
- *O que sentia:* quando você pensa no Círio o que recorda?

Após essa construção, pautado pelo imaginado, parti para identificar a movimentação que o sujeito, empreende durante a festividade, ou seja, sua vivência de fato. Chega-se então, na perspectiva do experienciado.

O experienciado, como já dito, se constitui pela vivência e experiência que o sujeito empreende na festividade. Mas como relacionar isso na pesquisa? Tomando como base, que o sujeito se relaciona com a festa, a partir de uma construção de um imaginário, pensou-se, identificar nas suas narrativas, contextos que possam direcionar ou mesmo explicar, qual foi ou vem sendo sua participação durante a festividade de Nazaré.

Com isso, atrelou-se aqui, a abordagem desenvolvida por Baptista (2013 e 2016), que caracteriza esse momento como a experiência resultante de um processo de desterritorialização. A autora diz que o sujeito se insere em um ambiente, quando em processo de deslocamento, e vai se inventando, se renovando e se desterritorializando “[...] de si mesmo, em busca de encontros com outros territórios” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Desse modo, é possível verificar as “inscrições múltiplas”, ou seja, o “que não se fala apenas em produção de texto verbal”, mas de narrativas vividas, sentidas e pulsantes pelos entrevistados o que direciona a “inscrições que acionam e recriam’ os lugares e sujeitos.” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Neste sentido, durante as entrevistas buscou-se depreender, a partir das narrativas, essas inscrições múltiplas, através da rememoração das vivências com a festa. Com isso, seguem abaixo, os questionamentos que se relacionaram para essa busca:



- Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?
- Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos?
- Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no Círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?

Observa-se agora, a necessidade, que entender quais impressões, que o sujeito teria, de fato, na relação vivenciada durante a movimentação pela festa. Tem-se aqui, o que denominei de inferido, que corresponde às inferências que o sujeito teve, após a participação na festividade de Nazaré. Mas como inferir essas impressões a partir da participação?

Lembro que na explicação do imaginado, buscou-se direcionar a imaginários que os sujeitos construía da relação para com a festa. E no experienciado, relacionou-se essa construção de imaginários, para entender a vivência da participação. Agora, tem-se a relação dessas duas perspectivas de análise, como base de sustentação para entender quais as inferências do sujeito após sua estada no evento. Nesta etapa, costuraram-se as questões abaixo:

- Para você, o Círio pode ser considerado como um evento em que há uma relação turística, religiosa ou cultural?
- Como você vê o Círio hoje em Belém?
- O que pode ser melhorado no Círio?
- O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Ressalto que o protocolo de pesquisa (apêndice A) era único, sem alterações das questões, no que tange à interação com os sujeitos. Mesmo que esses tenham sido divididos em quatro grupos (igreja, turismo/cultura, acadêmico e festa), não se modificavam os questionamentos. Apenas variava-se a forma de se relacionar com o mesmo, para facilitar o entendimento dos sujeitos.

As entrevistas eram precedidas de uma conversa informal acerca do objeto e, após a sensibilização do entrevistado, que consentia ou não em participar, autorizava a gravação e assinava o termo (apêndice B).

Destaca-se que, em uma das entrevistas, não houve o consentimento para gravação, apenas foi permitido tomar nota de pontos que fossem relevantes durante



a fala. Assim, relacionei o sujeito pelas inferências que tive, sem interrupção do mesmo durante a fala.

Após a primeira pulsação comunicacional tida através das perspectivas do imaginado, experienciado e inferido, buscou-se relacionar o turismo, a hospitalidade, a amorosidade. Isso se deu no subcapítulo 'relações: quarta estação'. Nesta etapa, costuraram-se as marcas propostas no estudo durante as relações que se estabeleciam na perspectiva turística, hospitaleira e amorosa, não deixando de lado à religiosa.

Para melhor entender o desenrolar da viagem-investigativa, propõem-se no quadro 1 e 2, exemplificar como se relacionaram os objetivos específicos com o desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 1 - Relações dos objetivos específicos com o desenvolvimento da pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	COMO FOI RELACIONADO NA PESQUISA
1º Apresentar Belém e o evento Círio de Nazaré, quanto aos aspectos históricos, econômicos, sociais e rituais;	Terceiro capítulo - Percurso: o Círio de Nazaré e o sujeito-devoto.
2º Discutir o conceito de turismo, hospitalidade e amorosidade nas relações dos Sujeitos-Devotos do Círio de Nazaré;	Quarto capítulo - Atramentos teóricos da pesquisa.
3º Identificar os Sujeitos-Devotos do Círio de Nazaré, levando em consideração a relação que eles têm com a festa;	Quinto Capítulo - Estações: narrativas dos sujeitos-devotos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 - Relação do terceiro objetivo específico com o protocolo de pesquisa

<b>TERCEIRO OBJETIVO ESPECÍFICO</b>	
<b>Sinalizadores</b>	<b>Questões do Protocolo</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- A partir do perfil do sujeito;</li><li>- de devoção;</li><li>- de como veio se construindo a participação do sujeito na festividade;</li></ul>	1 – Conhecendo o sujeito: gênero (masculino e feminino), procedência (Cidade e Estado), faixa etária (15 anos a mais de 60), vinculação religiosa, número de participação na festividade, relações de devocional e motivação;
<ul style="list-style-type: none"><li>- de motivações que poderiam levar o sujeito a viver o Círio;</li></ul>	<p><b><i>Perspectiva do Imaginado</i></b></p> 2 – ( <i>O que o movia</i> ) Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio? 3 – ( <i>O que sentia</i> ) Quando você pensa no Círio o que recorda?
<ul style="list-style-type: none"><li>- a vivência no Círio (pensado como procissão e festividade);</li></ul>	<p><b><i>Perspectiva do Experienciado</i></b></p> 4 – Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio? 5 – Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos? 6 – Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?
<ul style="list-style-type: none"><li>- da perspectiva turística, religiosa ou cultural vivida durante o Círio;</li><li>- de possíveis melhorias na infraestrutura da cidade e até mesmo do próprio evento;</li><li>- de como o Círio estava sendo visto na atualidade;</li><li>- os momentos marcantes do Círio.</li></ul>	<p><b><i>Perspectiva do Inferido</i></b></p> 7 – Para você, o Círio pode ser considerado como um evento em que há uma relação turística, religiosa ou cultural? 8 – Como você vê o Círio hoje em Belém? 9 – O que pode ser melhorado no Círio? 10 – O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Fonte: Elaborado pelo autor.

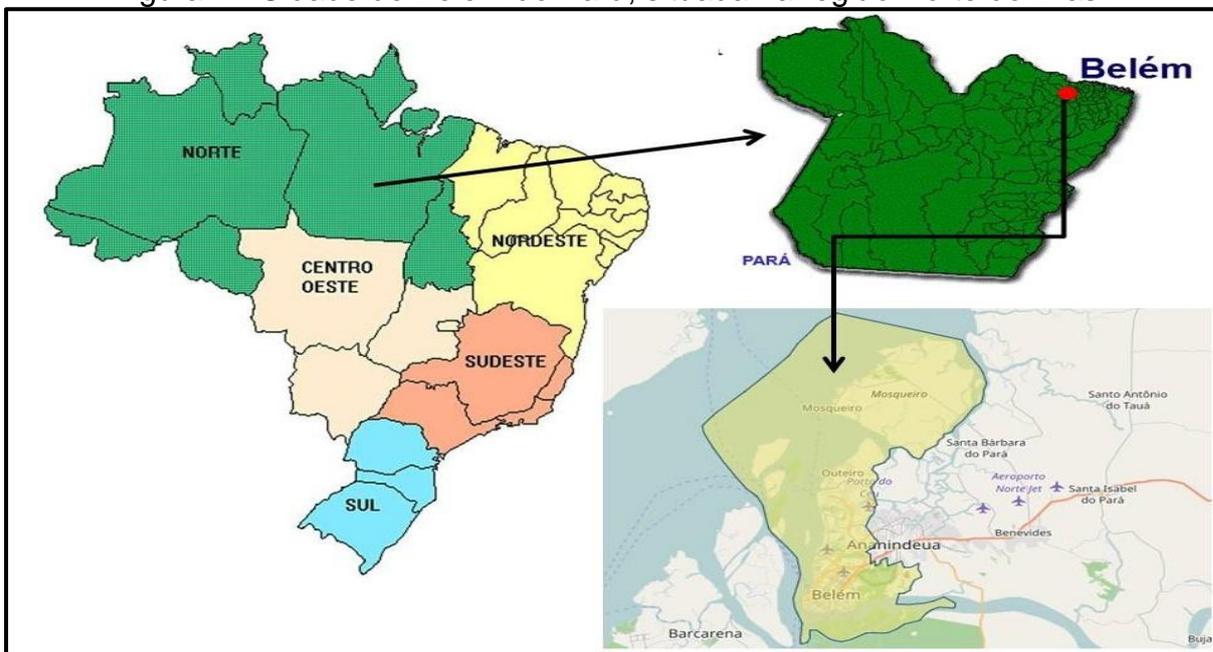


### 3 PERCURSO: O CÍRIO DE NAZARÉ E O SUJEITO-DEVOTO

Espero que esteja sendo proveitosa a viagem. Este é o terceiro capítulo e apresenta o Turismo em Belém do Pará e os Sujeitos do Círio de Nazaré. O termo percurso é utilizado como analogia, entre a movimentação feita pelos fiéis que participam da festividade Círio, com a viagem investigativa deste capítulo. Trata-se, aqui, de apresentar o percurso histórico de devoção, para compreender o surgimento do sujeito-devoto.

Começa-se, aqui, uma caminhada pela cidade que há mais de dois séculos vivencia, em seu meio social, a festividade de Nazaré. Belém está situada na região Norte do Brasil - como ilustra a figura 1. Inicialmente batizada por Feliz Lusitânia, depois denominada de Santa Maria do Grão Pará, Santa Maria de Belém do Grão Pará e, finalmente, Belém. Hoje é conhecida como Belém do Pará, a segunda maior cidade em número populacional da região, com aproximadamente 1,5 milhões de habitantes e com uma área territorial de 1.059,458 mk<sup>2</sup>. (IBGE, 2016).

Figura 1 - Cidade de Belém do Pará, situada na região Norte do Brasil



Fonte: IBGE (2016), montagem pelo autor.

Muitos eventos históricos marcam sua colonização, mas um fato ocorrido em um período longínquo que, se olharmos separadamente, pode parecer distante do fato da colonização, mas vem à mente para começar a esclarecer a construção do sentimento religioso, trazido na 'bagagem' pelos portugueses durante a expedição.



Na época do Império de Constantino, já denominado Cristão, foi erguido a partir de 330 d.C, um templo para rememorar os antepassados de Jesus.

E neste local, existia uma “Imagem bizantina da Virgem Santíssima, que se tornou conhecida com o título de Santa Maria de Belém. Seu culto se espalhou pela Europa, chegando a Portugal através de religiosos e peregrinos que estiveram na Terra Santa.” (CEN, 2016, p. 27). Isso elucida o fato de a cidade hoje conhecida por Belém, ter recebido nomes, atrelados ao imaginário religioso de devoção à Maria, fortemente presente na religiosidade portuguesa. Também facilita o entendimento que se constrói na cidade, quando a penso como uma mola propulsora de devoção Mariana.

Essa premissa vem à luz, pelo fato de a cidade ter uma mística religiosa pautada pela presença da Igreja Católica, no que tange suas manifestações de fé a santos. Assim, pensar Belém sem direcionar o olhar para a festividade “Nazaré” e sem vivenciá-la, em sua completude religiosa, é para muitos devotos uma experiência de ‘orfandade’ e esquecimento matriarcal, em uma ‘sagrada família’. Digo, pelo fato de se ter, na devoção das inúmeras denominações de Santas Católicas, a projeção do reflexo de Maria, mãe de Jesus, como mulher e pessoa viva (BOFF, 2006).

Em muitas partes do mundo, existem centenas de nomes pelos quais Nossa Senhora é venerada. Muitos deles são de origem devocional europeia, mas que se introduziram no Brasil, trazidos no processo de colonização ou migração, como exemplo: das Graças (França), de Fátima (Portugal), Desatadoras dos Nós (Alemanha), das Mercês (Espanha), do Carmo (Israel), Lurdes (França) entre outros; e no Brasil Aparecida (São Paulo) (CRUZ TERRA SANTA, 2017). Em tais denominações, percebo a identificação do devoto, que atrelado a um sentimento que veio se construindo desde o Brasil Colônia, se une com a ‘pessoa’ de Maria, representada, no caso, por uma Imagem e projeta o sentimento de parentesco entre mãe (Maria) e filho (Nós) (BOFF, 2006).

Essa condição filial pode vir a esclarecer o fato de que, há mais de dois séculos, acontece na cidade de Belém do Pará o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que representa uma das maiores manifestações Católicas de devoção a Maria, no Brasil (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Como isso veio a acontecer? No final do século XVI e início do XVII, ocorreu a chamada União Ibérica (1580-1640), entre a coroa Espanhola e Portuguesa, para,



com isso, continuar com o domínio das duas maiores potências nas Américas. E em 16 de janeiro de 1616, o Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, Francisco Caldeira Castelo Branco, comandando uma expedição com 200 homens, chegou ao grande rio “Paraná-Guaçu<sup>10</sup>”, e aportou em um pedaço de terra que chamou de “Feliz Lusitânia, sob a invocação de Santa Maria de Belém.” (IBGE, 2016).

É importante salientar que o local dominado pela coroa ibérica, na América, é geograficamente singular, uma vez que foi colonizado sobre o Meridiano de Tordesilhas, ou seja, em terras que, na época, pertenciam à Espanha, devido ao acordo do Tratado de Tordesilhas, entretanto, a colonização era portuguesa. Isso se explica pelo fato de Portugal ter a sua supremacia pautada pela manutenção do “exercício de sua soberania no mundo físico-político”, e com isso, firmava em todos os locais conquistados, pequenas fortificações, para representar o seu poder militar e assegurar a sua hegemonia com maior segurança (TAVARES, 2008).

Por estar localizada próxima à entrada da foz do Rio Amazonas, a cidade de Belém, começou a deter grande interesse de outras nações europeias, uma vez que possuía o controle territorial nos locais de concentração indígena. Com isso, foi necessário construir pequenos fortes para controle, captura e impedimento de prováveis alianças dos indígenas com outras nações.

Assim, os portugueses com formação educacional catequética, de acordo com os dogmas da fé católica, criaram, na região, o que foi chamado de “Território das missões”, concretizado com o envio de algumas ordens religiosas (carmelitas, franciscanos – da piedade e de Santo Antonio, mercedários e jesuítas) (TAVARES, 2008). Isso ocorreu sob os direcionamentos regulados pela coroa, no que se denominou de “sistema de Padroado, o que caracterizou um modelo de cristandade, havendo instâncias que pensavam e organizavam tudo o que se referisse à missão da Igreja.” (CEN, 2016, p. 31). A intenção é de que não houvesse interferências doutrinárias nos espaços ocupados de uma ordem religiosa para outra. Assim, não se criariam dissídios nos territórios.

As ordens religiosas foram divididas no território, ficando os Jesuítas “ao sul do rio Amazonas, até a fronteira com as possessões espanholas, abrangendo os rios Tocantins, Xingu, Tapajós e Madeira”. Os franciscanos, divididos entre as

---

<sup>10</sup> O Paraná-Guaçu, denominação nativa para o Guajará, como local adequado às condições do transporte e interligações fluviomárítimas com todo o estuário que compreende os rios Guamá, Tocantins, Amazonas e outros. (ARRUDA, 2003, p. 17).



denominações Piedade e Santo Antonio, ficaram respectivamente: “com a margem esquerda do baixo Amazonas e centro de Gurupá até o rio Urubu, e com as missões Cabo Norte, Marajó e Baixo Amazonas”. Já os mercedários, com o “vale do Urubú” e os carmelitas, com o “vale dos rios Negro, Branco e Solimões” (TAVARES, 2008).

De todas as ordens religiosas que participaram desse momento inicial, no século XVII, tem-se nos Jesuítas a de maior importância, pois eles atuaram na condução da mão de obra indígena que havia nas terras colonizadas. Vale ressaltar, nesse sentido, o padre Antônio Vieira, também Jesuíta, como um destaque na expedição missionária, pois ele tinha amplos poderes para decidir como seriam conduzidos os ensinamentos e as missões religiosas na localidade (TAVARES, 2008).

As ordens missionárias foram de grande importância para a região, não só pelo fato de terem conduzido a educação catequética e por terem apresentado o imaginário religioso português aos povos que aqui estavam, mas por ajudarem na consolidação e no estabelecimento territorial conquistado pelos colonizadores, através da fundação e do gerenciamento de freguesias.

Com a chegada século XVIII, houve modificações na região, principalmente com a política aplicada pela coroa portuguesa. Em 1750, iniciou-se um processo de reformas na colônia, e Belém passou a ser um território de domínio total português, sendo nomeado para o Governo Sebastião José de Carvalho e Melo conhecido como Marques de Pombal. Iniciava-se, então, a intervenção pombalina na Amazônia, que recebeu a missão de fazer profundas mudanças.

A principal delas, não a primeira, foi a expulsão dos padres Jesuítas, que tiveram os seus “bens confiscados pela coroa”, perdendo a tutela dos indígenas, e presenciando a entrada de escravos negros, vindos da África, de novas ordens religiosas e da mudança dos nomes das aldeias e missões, que então passariam a ser chamadas de vilas, como nomes de cidades portuguesas<sup>11</sup> (TAVARES, 2008).

---

<sup>11</sup> “Durante o século XVIII foram fundadas 62 freguesias (BARBOSA, 1976, p. 219-240), grande parte delas estabelecidas a partir das missões e aldeias administradas pelos missionários. Com a política pombalina essas missões passam à condição de vilas com a denominação de cidades portuguesas. As vilas criadas foram as seguintes: Abaetetuba (1750); Aveiros (1751); Macapá e Ourém (1752); Colares, Maracanã, Muaná, Salvaterra, Soure e Souzel (1757); Acará, Alenquer, Almerim, Chaves, Curuçá, Faro, Melgaço, Monte Alegre, Óbidos, Oeiras, Portel, Porto de Moz e Santarém (1758); e Mazagão (1770), além de outras que foram consideradas povoados, devido à pequena população: Benfica, Monforte, Monsarás e Vila do Conde (1757); e Arrayolos, Alter do Chão, Boim, Esposende, Fragoso, Pinhel, Pombal, Veyros e Vila Franca (1758). A transformação das aldeias e missões em vilas por ordem de Mendonça Furtado, consistiu na mudança de nome, substituindo-se os nomes indígenas pelo de cidades portuguesas.” (TAVARES, 2008, p. 61).



Com a substituição dos nomes das aldeias, e a instituição agora de vilas, foram criadas na região, unidades administrativas. Estas passaram a ter o funcionamento de uma Câmara Municipal, cujos vereadores poderiam ser eleitos entre os indígenas, e teriam como “[...] objetivo estimular o desenvolvimento local, [...] dar continuidade à exploração do trabalho indígena, além de prever o dízimo a ser pago por cada comunidade sobre o produto da lavoura.” (TAVARES, 2008, p. 62).

Essa medida pombalina só teve “êxito no que se refere ao estímulo à agricultura de exportação, principalmente a do cacau” (TAVARES, 2008, p. 62), fazendo com que a região norte ficasse ainda mais próxima de Portugal. Essa proximidade deu, ao norte, um destaque nacional, porém o distanciou das outras capitais brasileiras, durante a Proclamação da República, vindo a reconhecê-la, tempos depois do ocorrido.

Mesmo com o afastamento das outras regiões e a proximidade com Portugal, em 4 de março de 1719 Belém ganhou canonicamente, pelo Papa Clemente XI, através da ‘Bula Copiosus in Misericórdia’, o status de Diocese (Dioecesis Belemensis de Para). Isso aconteceu a pedido de Dom João V, ao vaticano, para que a Capital fosse desmembrada da diocese do Maranhão. Em 1 de maio de 1906, a Diocese foi elevada à Arquidiocese e Sé Metropolitana, passando a denominar-se Arquidiocese de Belém do Pará (TAVARES, 2008).

Como diocese, Belém começou a ter influência no cenário religioso. Isso se deu, principalmente, pelo ocorrido às margens de um rio/igarapé, no entorno da cidade, com a aparição de uma Imagem, que modificou a rotina religiosa presente na região e fez com que a localidade começasse a ser mais conhecida, como a Cidade do Círio de Nazaré.

A festa religiosa Círio de Nazaré é realizada na capital paraense, Belém, desde o século XVIII, e traz para as ruas do centro da cidade fé e devoção. Todavia, não se deve olhar para o Círio, como sendo comum, aos outros eventos ou festividades já existentes, dentro do universalismo Católico. Isso decorre do fato de que “não se trata de nenhuma procissão religiosa como se vê, [...] ordenada [...] por ser diferente, por ser na realidade do povo, é que ainda subsista com tanto ardor.” (ROCQUE, 1981 p. 11).

Para compreender como a manifestação Círio se originou no cenário católico Belenense, tem-se que traçar o percurso histórico do início da devoção à Imagem de



Nazaré, em Belém do Pará. Conta à lenda que um caboclo da região (Amazônia) chamado Plácido José de Souza, encontrou à beira do igarapé do Murucutu, (local hoje que se localiza a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré) uma Imagem de Nossa Senhora, a qual levou para sua choupana, que ficava próximo ao local. (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Na manhã seguinte, ao acordar, o caboclo percebeu que a imagem tinha sumido de sua casa. Preocupado e achando que alguém poderia ter entrado em sua casa para pegar a imagem, ele foi a sua procura. Após uma fatídica busca e resolvendo desistir e voltar para sua casa, ele pegou o mesmo caminho do dia anterior, passando novamente pelo Igarapé do Murucutu (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Para sua surpresa, a imagem se encontrava no mesmo local, em que a tinha encontrado anteriormente. Plácido resolveu levar a imagem para sua casa. Na manhã seguinte, ao acordar, percebeu que a imagem não se encontrava no local que havia deixado. Atônito, resolveu sair em busca, mas agora em direção ao igarapé e, mais uma vez, lá estava a Imagem (ROCQUE, 1981, p. 30).

O fato voltou a se repetir por alguns dias. A notícia da santa que desaparecia se espalhou por toda a cidade. O então governador da época, resolvendo averiguar a veracidade dos fatos, e com medo que fosse algum plano contra o seu governo, ordenou que sua guarda levasse a imagem e a vigiasse por toda a noite.

Na manhã seguinte, para surpresa sua surpresa e de todos que estavam no palácio do governo, a imagem que passou a noite sob a vigilância armada, tinha desaparecido, e retornado ao local de origem, o igarapé do Murucutu. Este fato foi decisivo para a compreensão de que a imagem queria realmente ficar no local em que foi encontrada. Assim, o governador solicitou que fosse erguida uma capela no local, oficializando o início da devoção dos paraenses à Imagem de Nazaré (ROCQUE, 1981).

Com o passar dos anos, ficou impossível a igreja não tomar conhecimento do ocorrido, tendo em vista toda a força que ganhava a devoção e as manifestações que só aumentavam a cada ano. Então, o Vaticano, em 1792, autorizou a realização da primeira procissão, em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorreu no dia 8 de setembro de 1793 (ROCQUE, 1981).

Não havia, na época, contudo, uma data certa para se reverenciar a santa. O Círio ocorria nos meses de setembro, outubro e novembro. Foi o Bispo Dom



Francisco do Rego Maia, que, em 1901, determinou que a procissão fosse realizada no segundo domingo do mês de outubro. Inicialmente, eram procissões realizadas durante a tarde e, como entravam pela noite, eram utilizadas as tradicionais velas, muito comuns durante as grandes romarias e procissões. Assim o termo 'Círio', de origem latim "*cerus (de cera)* que significa vela grande", foi introduzido à devoção, e virou "sinônimo da procissão de Nazaré em Belém" (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Já se vão 223 anos de tradição, fé e religiosidade onde o evento reúne, em só um dia, mais de dois milhões de pessoas (DIEESE, 2016). Em 20 dias de programação, começando na terça-feira da semana que antecede o segundo domingo do mês de outubro, o evento conta com uma abertura solene, na casa de Plácido (nome em homenagem ao caboclo que encontrou a imagem). Só termina três semanas depois com o Recírio, na última segunda-feira do referido mês, com o retorno da Imagem Peregrina ao Colégio Gentil Bittencourt, local onde é guardada até o próximo ano.

Figura 2 - Fé e devoção no Círio de Nazaré



Fonte: Carté Fotos e Cinema (2013), montagem pelo autor.

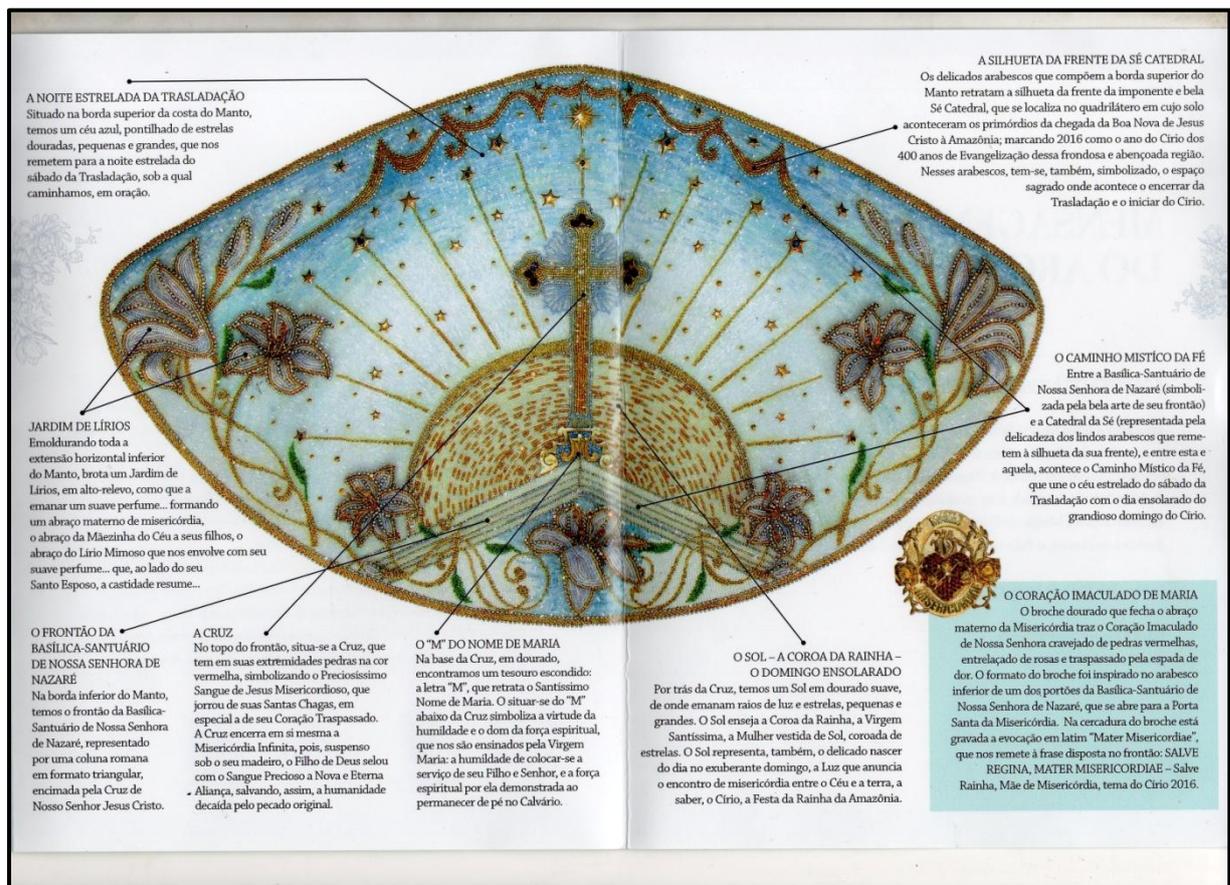
Posteriormente e seguindo a programação, o evento proporciona alguns momentos marcantes, para a igreja e a população. O primeiro é a apresentação do Manto, que acontece na quinta-feira da mesma semana da abertura. E marca um traço saudosista, da devoção, pois rememora o achado da Imagem, que, para muitos, veio envolvida por um pano, que se relacionou a um manto. Assim, a confecção desses foi sendo atribuída à irmã Alexandra, da Congregação das filhas de Sant'Ana, do Colégio Gentil Bittencourt. A santa de Nazaré ganhou inúmeros



mantos, até que, em 1953, recebeu um manto bordado a ouro e pedras preciosas, além de uma Coroa Pontifícia, que é utilizada até hoje. E foi a partir da década de 1990 que a confecção dos mantos passou para devotos e estilistas da região, escolhidos pela Diretoria da Festa, juntamente com a Arquidiocese de Belém (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

O manto de Nossa Senhora, como pode ser visto na figura 3, em 2016, teve seu desenho feito pela artista plástica Aline Folha e sua confecção, pela estilista Marilza Ramos, trazendo uma mensagem de misericórdia e evangelização aos devotos. Existe toda uma mensagem simbólica, expressa nos desenhos que compõem o manto. A principal delas, diz respeito à Maria como sinal de misericórdia, doçura e caminho de fé (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Figura 3 - Manto de Nossa Senhora de Nazaré 2016



Fonte: Círio de Nazaré (2016).

O Segundo momento, muito esperado pela população, é a descida da Imagem Autêntica de Nossa Senhora de Nazaré do Glória, que é um monumento situado ao fundo do presbitério e que fica localizado no ponto mais elevado do altar-



mor do Santuário da Basílica de Nazaré. A solenidade de descida da Imagem ocorre de 1992, no sábado, véspera da Procissão Círio e é marcada pelo simbolismo que aproxima a mãe dos seus filhos, ou seja, de Nossa Senhora de Nazaré com seus Devotos. A imagem fica em exposição toda a festividade, dentro do santuário, em uma caixa revestida por vidro, para melhor ser vista e venerada pelos fiéis, como pode ser visto na figura 4.

Figura 4 - Descida da Imagem Autêntica de Nossa Senhora de Nazaré do Glória



Fonte: Círio de Nazaré (2016), montagem pelo autor.

Na continuidade do evento, direciono a viagem para o seu ponto mais alto, a festividade, que se volta, a meu ver, para duas categorias que poderão reunir em sua estrutura, o entendimento de como ocorre e a compreensão da dinâmica que se configura nos 15 dias de intensa movimentação pela cidade. Estou me referindo ao percurso de Fé e de Louvor.

O percurso de Fé reúne o valor celebrativo dos ritos da Igreja Católica, em um sistema de crenças e saberes, que irão ser apresentados pelos caminhos simbólicos e litúrgicos.

Os caminhos simbólicos representam a união dos traços religiosos e históricos, em volta da festa de Nazaré, sendo caracterizados pela identificação da Basílica Santuário de Nazaré, pelas as imagens autêntica e peregrina, pelo manto de Nossa Senhora de Nazaré, a berlinda, o hino da festa, o cartaz da festividade, a corda, a campanha de não cortar a corda, os carros de milagres do Círio, os promesseiros, o memorial de Nazaré e o museu do Círio.

Já os caminhos litúrgicos, representam a dinâmica religiosa, em torno da festa de Nazaré, no que tange às doze procissões/romarias (traslado para



Ananindeua, romaria rodoviária, romaria fluvial, moto-romaria, trasladoção, círio, ciclo-romaria, romaria da juventude, romaria dos corredores, romaria das crianças, procissão da festa e Recírio), as visitas nas casas dos fiéis, as missas realizadas durante a festividade, as adorações ao santíssimo, os grupos de oração e o terço da alvorada.

Três procissões identificadas nos caminhos litúrgicos devem uma total atenção pelo valor simbólico atribuído pelos devotos. São elas: a romaria fluvial (que é realizada na baía do Guajará e margeia grande parte da cidade de Belém) a trasladoção (procissão que se realiza à noite e é o primeiro momento de aparecimento do simbolismo da corda) e o Círio (procissão realizada no domingo, com a participação de mais de dois milhões de pessoas e que tem, em seu rito, a simbologia dos carros de ofertas, e também tem a presença da corda).

Amarro ao caminho litúrgico, a identificação da participação de sujeitos/instituições, no que tange o apoio operacional ao evento. Refiro-me ao trabalho desenvolvido pela Diretoria da Festa, pela Guarda de Nossa Senhora, pela Pastoral do Turismo, pela Polícia Rodoviária Federal, pela Cruz Vermelha, pelo Instituto de Patrimônio Humano Artístico Nacional, pela Secretaria Estadual de Turismo e pela Coordenadoria Municipal de Turismo. Acredito que as atividades desenvolvidas por esses sujeitos/instituições, não poderiam ficar sem ser apresentadas nesta pesquisa.

No percurso de Louvor, apresentam-se os caminhos populares e culturais, caracterizadas como o momento oportuno da expressão de fé e devoção do fiel.

Os caminhos populares, oportunizadas pelo momento de festa, se apoiam na expressão de um imaginário religioso do Círio, em que os artesões, a classe artística, a população lésbica, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), dentro de uma linguagem cultural, apresentam suas experiências de devoção em quatro eventos: a Feira do Miriti, o Auto do Círio, o Arraial das Águas e a Festa da Chiquita.

Os caminhos culturais presentes na festividade de Nazaré são representados pelo Círio Musical e Arraial de Nazaré, e são expressas pelo encontro entre as comunidades católicas, congregações religiosas e os devotos.



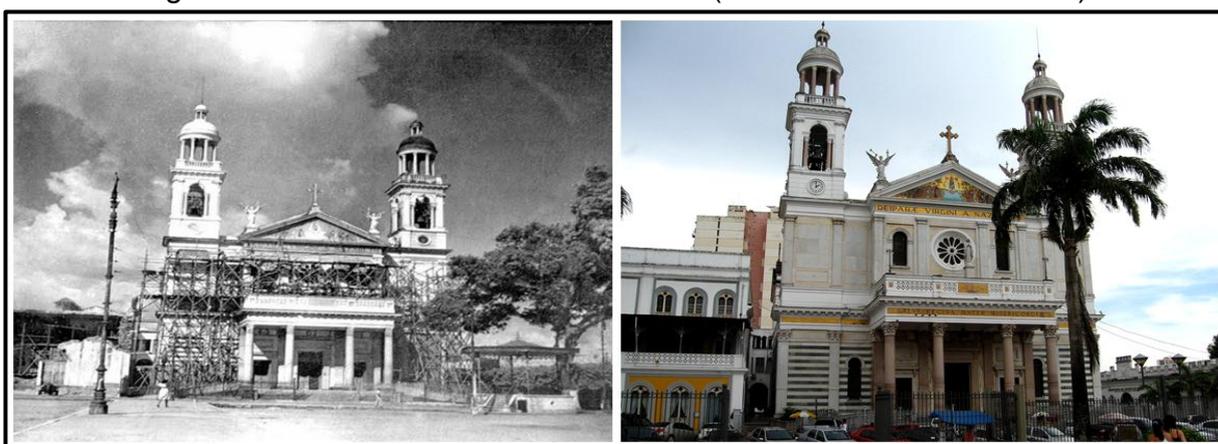
### 3.1 PERCURSO DE FÉ: CAMINHO SIMBÓLICO E LITÚRGICO

O percurso de fé da festa religiosa Círio de Nazaré agrega os caminhos Simbólicos e Litúrgicos. Para se entender como cada caminho veio se desenvolvendo durante a festa, é preciso identificá-los seguindo os passos de devoção que circundam a cidade, não só no período de festa, mas durante o ano todo.

#### 3.1.1 Caminhos simbólicos

O caminho inicial nos leva a conhecer a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré. Uma construção datada há 1881, localizada na avenida de mesmo nome da Santa, local que, conta a lenda, foi o lugar que Plácido encontrou a Imagem de veneração paraense. Tem em sua estrutura, o estilo neoclássico, com a presença de “cinco naves dividida em 36 colunas de puro granito italiano”. Nela, também existem, “[...] 53 vitrais franceses da casa Champigneulle de Paris, 65 ilustrações em mosaico italiano, 15 estátuas de mármore, 3 grandiosas portas de bronze, 9 sinos de bronze sendo que o maior pesa duas toneladas, medindo 1,80m de diâmetro” (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Figura 5 - Basílica Santuário de Nazaré (século 19 e no século 21)



Fonte: Círio de Nazaré (2016), montagem pelo Autor.

Vale ressaltar que a Basílica, apresentada na figura 5, está em dois momentos distintos, um em sua construção no século 19 e, o outro, já finalizado, no século 21. Ela é inspirada na Igreja de São Paulo Extramuros, no Estado de Roma,



e foi elevada à categoria de Santuário em 2006. Na sua fachada, ainda existem duas frases em latim, que transcrevem o sentimento devocional presente na sua estrutura. Na parte superior da fachada está escrito “*Deiparae Virgini a Nazareth*” que tem como significado "Virgem de Nazaré Mãe de Deus", e na parte mais abaixo, há a inscrição “*Salve Regina Mater Misericordiae*”, que tem como significado "Salve Rainha Mãe Misericordiosa" (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

É nesse período, da construção da Basílica que o poeta maranhense, chamado Euclides Farias, presenteia a Cidade, em 1909, com uma das mais lindas canções para a festa, ‘Vóis sois o Lírio Mimoso’. O hino integra, até hoje, a festividade, cantado por diversos artistas, é considerado a música tema do Círio e usado frequentemente para representar o momento de festa (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Em um ritmo que em muito faz lembrar uma caminhada, a música expressa o sentimento de veneração e respeito por Maria de Nazaré. “[...] Ó Virgem mãe amorosa, fonte de amor e de fé, dai-nos a bênção bondosa, Senhora de Nazaré! [...]”, como se percebe em um dos trechos, o hino é como uma oração em que, durante o percurso, o fiel vai pedindo graças, força e proteção, àquela que ele acredita ser sua intercessora junto a Deus.

A Basílica Santuário de Nazaré, também é o ponto de encontro entre os fiéis e a Imagem Autêntica de Nazaré. A pequena ‘Santa’ encontrada por Plácido é uma escultura em madeira, medindo 28 cm. Na escultura, Nossa Senhora tem os cabelos compridos e parte deles caindo sobre o ombro direito, e, conforme já dito aqui, há a suposição de que ela tenha sido confeccionada por São José, tendo Maria, como modelo. Alguns aspectos, entretanto, direcionam a imagem a fisionomias portuguesas, carregando nos braços uma criança que brincava com um globo.

É bom salientar que, em 1969, houve uma substituição da Imagem Autêntica por uma réplica, como pode ser visto na figura 6, chamada de ‘Imagem Peregrina’. Isso se deu, por entenderem que a ‘santa’ original deveria ser preservada, em um local seguro. Com isso, ela foi guardada na sacristia da Basílica Santuário. Hoje se encontra em exposição, no espaço denominado no Glória, sendo dali retirada apenas nas cerimônias de descida da Imagem.



Figura 6 - Imagens Autêntica e Peregrina



Fonte: Círio de Nazaré (2016), montagem pelo Autor.

Como já falado anteriormente, o manto usado por Nossa Senhora de Nazaré, nos eventos alusivos à festa do Círio, é um dos símbolos muito aguardados, uma vez que se cria um mistério em torno de sua apresentação. Neste dia, a Basílica Santuário é completamente ocupada, tanto pela imprensa, como pelos fiéis, que buscam ter a possibilidade de prestigiar o momento em que conhecerão as características de criação do envoltório que será usado pela santa, em toda a festividade.

Durante a festa de Nazaré, treze carros são símbolos de devoção, pois neles os fiéis depositam, como forma de retribuição por uma graça alcançada, objetos que representam o sinal de união entre eles e a santa. Cada carro tem característica própria, mas apresentam traços de um acontecimento como é o caso do carro 'milagre', que representa o ocorrido com Dom Fuas Roupinho, em 1182 (já falado no capítulo 'traslado: trama de trilhas metodológicas', páginas 23 e 24), e os de grande importância para o universo simbólico Católico, como é o caso dos carros: 'do Caboclo Plácido', 'dos Escoteiros', 'a Barca Nova', 'do Anjo Custódio', 'Barca com Velas', 'do Anjo Protetor da Cidade', 'a Barca Portuguesa', 'dos Anjos I', 'Barca com Remos', 'dos Anjos', 'da Santíssima Trindade' e o 'Cesto das Promessas' (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Outro símbolo é a Berlinda, que foi introduzida na festividade em 1855, em substituição à carroça que levava a imagem. Passou por diversas modificações até



que em 1964, o escultor João Pinto, pautado por um estilo barroco e tendo o cedro vermelho como matéria-prima, confeccionou uma nova carruagem para conduzir a imagem durante as procissões da Trasladação e do Círio.

A berlinda, usada durante essas procissões, é atrelada à corda do Círio, que foi usada pela primeira vez, em 1855, quando, por uma forte chuva na cidade, a carruagem ficou atolada e foi retirada por devotos que amarraram uma corda e a conduziram até o final da procissão. Ela só foi oficializada como símbolo presente à manifestação, em 1868, deixando de serem utilizados os animais, que conduziam a berlinda (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

A corda do Círio é hoje um dos maiores símbolos de fé e devoção, presentes tanto na Trasladação, como no Círio. Ela é subdividida por cinco estações, que se atrelam ao núcleo da berlinda e direcionam a velocidade da procissão, que, a cada ano, reúne milhares de fiéis que disputam um espaço na corda. Estar na corda durante as procissões é, para o devoto, o maior ato de fé que ele pode expressar em homenagem à Santa Virgem de Nazaré.

Nesse ato de fé, alguns fiéis, que não entendem, ou mesmo, nunca foram levados a compreender o verdadeiro significado da simbologia 'corda', acabam por utilizar facas durante a procissão, única e exclusivamente, para cortarem a corda e terem como lembrança do momento um pedaço dessa devoção.

A igreja entendendo essa problemática, constantemente, vem divulgando antes da festa, nos veículos de comunicação, a campanha 'não corte a corda'. A ideia da campanha é incentivar os promesseiros a não participarem da procissão levando objetos cortantes. Isso é importante, para que cheguem até o final do percurso, sem cortar a corda e, principalmente, sem causar nenhum acidente. Com isso, eles poderão, ao final, receber a benção do arcebispo e ter, como exemplo a lembrança desse momento de festa.

Os promesseiros não só da corda, mas da festa, vêm de todos os lugares para homenagear a 'Nazica', como carinhosamente eles denominam Nossa Senhora de Nazaré. Muitos andam longas distâncias, em grupos ou solitários, para retribuírem por uma graça alcançada. Essa caminhada de fé vem se tornando uma tradição, formados por fiéis de municípios do interior do estado, que se organizam em grupos para fazer o deslocamento até a Basílica Santuário de Nazaré.

Outro fato muito marcante, durante a procissão, é o andar descalço. Existem relatos de que, em 31 de maio de 1854, o papa Pio IX concedeu indulgência plenária



a quem acompanhasse o Círio descalço, comungasse e rezasse pela igreja (ROCQUE, 1988).

Existem dois locais criados para que o fiel, local e visitante, possa rememorar momentos da festividade denominados de: Memorial Nazaré e Museu do Círio. O Memorial de Nazaré foi criado, em 2012, pela Diretoria da Festa do Círio, e abriga uma exposição permanente, que conta a história da fé e devoção à Nazaré, além de apresentar alguns objetos usados durante as procissões. Já o Museu do Círio é vinculado ao Complexo turístico Feliz Lusitânia, no bairro Cidade Velha, em Belém do Pará, e foi criado com o objetivo de apresentar alguns traços devocionais e objetos que são ofertados em momentos de fé, durante a festividade de Nazaré.

A festividade de Nazaré, todos os anos, faz uma solenidade de apresentação do Cartaz que será utilizado como instrumento de divulgação da festividade. Essa apresentação, no Complexo Arquitetônico de Nazaré (CAN), localizado na frente da Basílica Santuário, após missa de descida da Imagem de Nazaré, no mês de maio.

### **3.1.2 Caminhos litúrgicos**

No caminho litúrgico, o primeiro trajeto nos direciona à procissão chamada de 'traslado para Ananindeua', inserida em 1992, em comemoração ao bicentenário do evento. Ocorre na sexta-feira que antecede o domingo do Círio, e une a Arquidiocese Metropolitana, situada na Capital, com as dioceses dos municípios de Ananindeua e Marituba, localizadas na região Metropolitana de Belém (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Saindo da Basílica Santuário de Nazaré, logo pela manhã, após Celebração Eucarística (Missa), presidida pelo Arcebispo Metropolitano, a imagem é colocada em uma réplica da Berlinda, sob a Carroceria de um carro aberto, da Polícia Rodoviária Federal, como poderá ser visualizado na figura 7. Logo em seguida, sai em direção às paróquias das já referidas dioceses, que, se calculado em linha reta, teria um percurso de aproximadamente 25 km e tempo estimado de 45 minutos, até o ponto final, que é a igreja matriz em Ananindeua (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016). Entretanto, o trajeto em 2016 foi de 52 km, aproximadamente, em um tempo de



13h10min, maior que em 2015 e menor que em 2014, que tiveram 47 km e 12 horas e 55 km e 12h05min, de procissão, respectivamente (DIEESE, 2016).

Figura 7 - Início do traslado para Ananindeua



Fonte: PRF (2016), montagem pelo autor.

Com a chegada à Paróquia Matriz de Ananindeua, a Imagem Peregrina fica em vigília toda à noite, encerrando às 5 horas, com celebração Eucarística. Logo em seguida, às 6 horas, já sábado, a Santa Peregrina parte em direção ao Distrito de Icoaraci, situado na cidade de Belém, para a segunda procissão chamada de Romaria Rodoviária (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

A Romaria Rodoviária, com aproximadamente 24 km, reúne pelas ruas, de sua passagem algo em torno de 250 mil pessoas (DIEESE, 2016). Foi criada em 1989 pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas do Pará (SINDICARPA), e teve os três primeiros anos de romaria saindo do Monumento em homenagem à Cabanagem, localizado no bairro do Entroncamento em Belém. Somente a partir de 1992, na quarta romaria rodoviária, foi alterada a saída para o Município de Ananindeua. Ligando a Região Metropolitana (saindo da BR 316, passando pelo entroncamento, para ter acesso a Rodovia Augusto Montenegro, e finalmente chegar ao trapiche de Icoaraci) ao distrito de Icoaraci (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Para se chegar ao distrito de Icoaraci, a romaria conta com uma infraestrutura de segurança (carros da diretoria da festa, dos Bispos, Guardas de Nossa Senhora de Nazaré, Polícia Rodoviária Federal, Cruz Vermelha), que, desde a saída, se organiza para que milhares de fiéis, ao longo do percurso, possam ver a passagem da padroeira e retribuir por uma graça alcançada, como pode se vê na figura 8.



Figura 8 - Romaria Rodoviária – Círio 2016



Fonte: Círio de Nazaré (2016).

Ao chegar a Icoaraci, por volta de 8 horas, a Imagem Peregrina é recebida pelos moradores do distrito e é conduzida ao palco, montado antes da descida da escadaria do trapiche, onde, na ocasião, está terminando a celebração campal Eucarística. Vários fiéis esperam para receberem a benção da Santa, que é direcionada para a embarcação da Marinha do Brasil.

Com a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré a bordo do navio Garnier Sampaio, do 4º Comando do Distrito Naval da Marinha do Brasil, tem-se início a terceira procissão, chamada de Romaria Fluvial. Com percurso de 10 milhas náuticas, o que corresponde aproximadamente 18,5 km, liga o distrito de Icoaraci ao centro da Cidade de Belém. Teve sua primeira saída em 1986, organizada pela Companhia de Paraense de Turismo (PARATur), vinculada ao Governo do Estado do Pará, e contou com a participação de 30 embarcações, que homenageavam à Santa, no que foi chamado de Círio das Águas.

A Romaria Fluvial tem contado nos últimos três anos (2014, 2015 e 2016), com aproximadamente 500 embarcações e um número estimado de 50 mil pessoas, que, em um cortejo no rio que circunda a cidade, formam uma procissão de fé que muitos denominam de Romaria das Águas, como mostra a figura 9.



Figura 9 - Romaria Fluvial – Círio 2016



Fonte: Círio de Nazaré (2016).

Com chegada prevista para as 11 horas, na escadinha do Cais do Porto, localizada na Praça Pedro Teixeira, do Complexo Turístico Estação das Docas, os romeiros, já à espera desde cedo, se organizam para receber a Imagem Peregrina. Como é um espaço central da Cidade, a organização da festa monta, todos os anos, uma infraestrutura para as pessoas que estavam na embarcação (membros da igreja, organizadores, policiamento e os guardas de Nossa Senhora), possam ter acesso ao desembarque.

O desembarque da Imagem Peregrina é feito pelo Arcebispo de Belém, sendo recepcionada por autoridades, entre elas o Prefeito de Belém e a Polícia Militar, que a esperam com honra solene de chefe de Estado<sup>12</sup>, ato que se repete desde 1999. Após todas as honrarias previstas no protocolo, a Imagem Peregrina é posta novamente no carro da Polícia Rodoviária Federal, para se iniciar a quarta procissão, chamada de Moto-Romaria.

A Moto-Romaria é realizada desde 1990, e é organizada pela Federação Paraense de Motociclismos, com a supervisão dos órgãos de Trânsito da Cidade (Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN, e a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém - SEMOB) e da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Com um percurso de 2,5 Km, a romaria liga a Praça Pedro Teixeira ao Colégio Gentil Bittencourt, onde a cada ano, um número crescente de motociclistas a conduzem pela Av. Presidente Vargas, Av. Sezerdelo Corrêa, Av. Gentil Bittencourt, Av. Alcindo

<sup>12</sup> Lei Estadual nº 4.371, de 15 de dezembro de 1971, que proclamou a Virgem de Nazaré, Padroeira do Pará, Rainha da Amazônia e merecedora dessa grande homenagem. (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).



Cacela até a Av. Magalhães Barata, como se vê na figura 10, em 2015 (DIEESE, 2016).

Figura 10 - Moto romaria – Círio 2015



Fonte: Círio de Nazaré (2016), montagem pelo autor.

Após ter percorrido 97 km, em quatro das doze romarias, a Imagem Peregrina chega novamente ao Colégio Gentil Bittencourt, onde ficará aguardando a missa das 17 horas, para início da quinta procissão, chamada Trasladação. Entre sua chegada e a saída para a próxima procissão, os fiéis se dirigem para a Basílica Santuário de Nazaré, para mais um momento de grande fervor devocional. As 12h30min inicia a celebração de descida da Imagem Autêntica do Glória. Fato que ocorre duas vezes no ano, como já mencionado anteriormente.

A Romaria da Trasladação ou somente Trasladação acontece no sábado à noite e liga a Basílica Santuário de Nazaré à Catedral Metropolitana de Belém (Sé), sentido contrário da procissão do Círio. Percorre, em 3,750 km, as principais ruas que ligam ao centro Comercial da Cidade.

A Trasladação é a segunda maior, em números de participantes, e segunda mais antiga das procissões realizadas em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. Com um simbolismo que a diferencia das outras procissões, ela vem reunindo, de acordo com o DIEESE (2016), que fez um levantamento comparativo das procissões de 2014, 2015 e 2016, um número aproximado de 1,4 milhões de participantes.

Essa procissão acontece na noite de sábado, que antecede o segundo domingo. Nela, tem-se uma grande participação dos jovens, estudantes de concursos e pré-vestibulandos, que se organizam em grupos, para pedir, agradecer ou pagar uma promessa feita à Santa de Nazaré. Marcada para as 14 horas, ao lado da Basílica Santuário de Nazaré, os jovens já vão se amontoando em grupos, a espera da guarda de Nazaré, que logo estenderá a corda, entre as estações, para



que finalmente eles possam buscar o seu espaço e prestar o seu momento de fé e devoção.

Às 18 horas após celebração eucarística, presidida por um Bispo convidado ou o próprio Arcebispo Metropolitano de Belém, têm-se início a Trasladação, que por muito tempo foi chamada de Anticírio, por anteceder o Círio, e é considerada pelos devotos uma das mais belas em homenagem a Virgem de Nazaré, pois é cheia luzes, velas e fogos de artifícios que deixam o trajeto até a catedral, como se pode vê na figura 11, com brilho ainda maior.

Figura 11 - Trasladação – 2015



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Mesmo não se tendo uma data certa para sua primeira saída, e nem sabendo ao certo se existiram devotos participando do percurso, tem-se relatos de que no século 19, o Governador Francisco de Souza Coutinho, acompanhado do Capelão do Palácio, padre José Roiz de Moura, conduziram a Imagem de Nazaré da Igreja Matriz até o Palácio do Governo, dando início o primeiro traslado da Imagem em uma procissão. A trasladação por ser realizada a noite, demanda um sistema integrado de segurança, mobilidade e acessibilidade aos fiéis que participam do trajeto, onde se tem os postos de socorro organizado pela cruz vermelha e de segurança comandado pela Polícia Militar durante toda a noite de sábado.

Com chegada prevista para as 22 horas na Catedral Metropolitana de Belém, a Trasladação é esperada por muitos devotos que se apertam, disputando um lugar em busca de uma pétala de rosa que venha a cair do carro que conduz a



Santa ou, até mesmo, ter a chance de tocá-la. Logo após sua chega, a Imagem Peregrina fica em exposição (vigília) na frente da Catedral, onde em oração muitos romeiros esperam o horário para a sexta procissão, o Círio.

Realizada há mais de dois séculos, a procissão que pode ser vista na figura 12, é chamada de Círio de Nazaré, e tem o mesmo nome do evento. É a maior e acontece a partir das 6 horas da manhã e com um percurso de 3,6 Km.

Figura 12 - Círio de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Arquivo pessoal e montagem pelo autor.

Datada para 8 de dezembro de 1793, a primeira procissão do Círio foi realizada no período da tarde da capela do Palácio do Governo e foi assim até 1881. Como, no início, a procissão entrava pela noite, o uso de velas para iluminar a procissão era muito comum. Por isso, o termo ‘Círio’ que vem da palavra latina “cereus” (vela grande), era a principal oferta dos fiéis nas procissões em Portugal, e logo começou a ser o termo usado para denominar a procissão realizada em homenagem a Nazaré (ROCQUE, 1981).

A partir do século XIX, a procissão sofreu três grandes alterações. A primeira datada para 1854 foi no trajeto, que deixou de ser do Palácio do Governo e passou para a Catedral da Sé. A segunda, em 1882, foi no horário da saída. Devido a fortes chuvas que assolavam a região e impossibilitavam a procissão, no período da tarde, ela foi transferida para manhã. A terceira foi no dia de celebração do Círio, que até 1901 não tinha data fixa e, a partir de então, instituído que o evento acontecerá sempre no segundo domingo do mês de outubro (ROCQUE, 1981).

Com uma estimativa de dois milhões de devotos (DIEESE, 2016), a procissão do Círio teve, em 2016, a duração de 5h10min em seu trajeto de fé,



devoção e muito sacrifício, possibilitando a Belém uma das mais bonitas procissões já vista.

Com chegada prevista, para às 12 horas, na Praça do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN), a Imagem Peregrina, precisa do apoio do Exército e da Guarda de Nazaré para poder conseguir ter acesso ao espaço, uma vez que já é esperada por milhares de fiéis e membros do clero da igreja. Assim como na trasladação, existe um sistema integrado de segurança, mobilidade e acessibilidade aos devotos que participam do trajeto no Círio, porém com um número bem maior de pessoas trabalhando, em relação à equipe do sábado à noite, justamente pelo número de participantes do Círio vir crescendo a cada ano.

As procissões não se findam no segundo domingo do mês de outubro. Elas apenas se reestruturam, para possibilitar uma participação ainda maior dos devotos, que se deslocam de diversas formas para prestar homenagens à 'Nazaré'. No domingo, terminada a procissão do Círio, inicia no Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN), o Círio Musical e, no decorrer da semana, as atividades voltadas à visita da Imagem Autêntica, que continua recebendo fiéis e turistas na Basílica Santuário.

Uma semana após a procissão de maior força simbólica, a do Círio, os fiéis se reúnem pelas principais ruas do Centro da Cidade, no sábado pela manhã, em um percurso, em 2016, de 14 km, na denominada Ciclo Romaria. A Ciclo Romaria, que pode ser vista na figura 13, é a sétima procissão do evento. Foi criada em 2004 pela Federação dos Ciclistas do Pará e pela Associação dos Ciclistas de Icoaraci, é relativamente uma procissão nova se comparadas às demais. Isso não diminui a importância que os participantes e devotos atribuem a essa novidade, durante a festa. É o momento em que eles, com suas bicicletas enfeitadas, saem, juntamente com a Imagem Peregrina, em um percurso de ciclismo e de fé, tendo aproximadamente 10 mil pessoas entre participantes e fiéis que acompanham todo o trajeto pelas ruas da cidade (DIEESE, 2016).



Figura 13 - Ciclo Romaria 2015



Fonte: Círio de Nazaré (2016).

Logo no início da tarde do mesmo sábado, acontece à oitava procissão, que tem como proposta aproximar a igreja aos jovens da Diocese de Belém. Realizada desde 2001, a chamada Romaria da Juventude é uma das mais animadas procissões em homenagem à Santa. Ela tem em sua organização os Jovens da Basílica Santuário de Nazaré e os grupos de Catequeses das Paróquias, que agregam todos os movimentos, novas comunidade e grupos Jovens. Eles saem pelas ruas da cidade, em uma grande micareta, com trio elétrico, que também, presta homenagem à Nossa Senhora. É o que pode ser visto na figura 14.

Figura 14 - Romaria da juventude – 2013 e 2014



Fonte: Arquivo pessoal e montagem pelo autor,

No ano de 2016, a 15ª Romaria da Juventude, que a cada ano tem o seu trajeto alterado, saiu da “Paróquia Mãe da Divina Providência, na Av. Júlio César,



seguindo pela Pedro Álvares Cabral, Dr. Freitas, Pedro Miranda, Alcindo Cacela, José Malcher, Generalíssimo, Nazaré até Praça Santuário” (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016). Percorreu aproximadamente 9,4 km e reuniu 30 mil jovens. (DIEESE, 2016). Em todo o seu percurso, era possível ouvir e ver as orações, os cantos e danças coreografadas dos jovens de Nazaré.

A nona procissão é a mais recente de todas. Foi criada em 2014, a pedido de um diácono pertencente à Capelania do Corpo de Bombeiro Militar, à Diretoria da Festa. Após análise, teve o aceite do Arcebispo Metropolitano e integra a lista de procissões oficiais. Essa, por sua vez, teve como proposta reunir profissionais e grupos ligados ao esporte, mais sem caráter competitivo, apenas unindo esporte e devoção. Essa procissão é chamada de Romaria dos Corredores, e acontece no terceiro domingo do mês de outubro, a partir das 5h30min.

A Romaria ocorre em forma de trote (corrida de pouca velocidade), com aproximadamente 7 km, com largada da Basílica Santuário de Nazaré. Percorre as principais ruas do centro da cidade, retornando para a mesma Basílica, proporcionando aos corredores a possibilidade de se aproximarem da Imagem Peregrina e prestarem sua homenagem à Santa, como pode ser visto na benção aos corredores na figura 15. De acordo com o DIEESE (2016), em 2015, a romaria contou com um número de cinco mil inscritos, o dobro de 2014, que foi de dois mil e quinhentas pessoas. Em 2016, foram três mil participantes.

Figura 15 – Benção aos fiéis na Romaria dos Corredores 2015



Fonte: Basílica Santuário de Nazaré (2015).



A Procissão do Círio, como já se foi mencionado, reúne mais de dois milhões de pessoas no segundo domingo do mês de outubro. Mediante a isso, esposas dos diretores da Festa, preocupadas com um grande número de crianças que se perdiam durante o Círio, solicitaram à Arquidiocese que se fizesse um momento voltado somente para as crianças poderem construir um sentimento devocional à 'Santa' e estarem em mais segurança, durante a procissão. As crianças, como podem ser vistas na figura 16, são responsáveis por conduzir a Imagem de Nazaré durante a procissão.

Figura 16 - Círio das Crianças 2015



Fonte: Círio de Nazaré (2016), montagem pelo autor.

Desse modo, em 21 de outubro de 1990, surge a décima procissão denominada de Romaria das Crianças. Com um percurso estimado de 2,9 km, com saída marcada para as 8 horas, do mesmo domingo da Romaria dos Corredores, e tem sua concentração, saída e chegada, na Basílica Santuário de Nazaré, reunindo, nos anos de 2014 e 2015, 300 mil pessoas e, em 2016, 250 mil pessoas (DIEESE, 2016), entre crianças, jovens, adultos e idosos, ou seja, a família, que aproveita mais uma oportunidade para estar reverenciando a imagem de Nazaré.

No quarto domingo do mês de outubro, acontece a décima primeira procissão, que é a terceira mais antiga das doze, após o Círio e a Trasladação. Chamada de Procissão da Festa, e é organizada pelas comunidades ligadas à Basílica. Não se sabe ao certo sua origem. O que se conta é que, desde 1881, já havia relatos do acontecimento e que, em 1953, após uma forte chuva na cidade, decidiram que, no ano de 1954, a procissão, antes realizada no período da tarde, passaria para manhã (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).



Com aproximadamente 2,5 km, o percurso da romaria é alterado a cada ano, dependendo da comunidade que será contemplada com a visita da Imagem Peregrina. Tem início após celebração eucarística na Basílica Santuário de Nazaré, reunindo os diretores da festa e devotos, que estavam a serviço durante o Círio e que tem, nesse momento, a oportunidade de prestar sua homenagem à Nazaré, reunindo um número aproximado de 10 mil pessoas (DIEESE, 2016).

Já se foram 15 dias desde o segundo domingo de outubro. Chegamos ao encerramento da Festividade de Nazaré, mas, para findar a festividade, existe todo um rito para tal momento. O primeiro começa às 20 horas do próprio domingo, quando os devotos de Nossa Senhora são saudados com um show pirotécnico, que, desde 1982, marca o encerramento solene da festividade. Na ocasião, o Arcebispo de Belém presta uma singela homenagem, diplomando os diretores da festa. Na noite de encerramento, envolvendo o Círio musical e os fogos, o DIEESE estimou a participação de aproximadamente 50 mil pessoas, no ano de 2016 (DIEESE, 2016).

No dia seguinte, às 5 horas da manhã, na Basílica Santuário, tem-se o retorno da Imagem Autêntica para o 'Glória', após celebração eucarística e bênção aos devotos. Logo em seguida, às 6 horas tem-se o início da décima segunda romaria, chamada de Procissão do Recírio (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

A procissão do Recírio acontece desde 1859, marcando o retorno da Imagem Peregrina para o Colégio Gentil Bittencourt. Em um percurso de 650 metros, conta com um número de aproximadamente 50 mil pessoas. É o último ato da festividade de Nazaré, onde os fiéis, com lenços brancos nas mãos, se despendem da santa, juntamente com a guarda de Nazaré, que, em grupo, reza fervorosamente sua oração de despedida e a saudação Mariana, o Ave-Maria.

De acordo com os levantamentos feitos pelo DIEESE (2016), em 2014, participaram de todas as procissões 5.412,500 (milhões) de pessoas, percorrendo em 39 horas, 138,3 km. Em 2015, esses números se alteraram, para uma participação de 5.445,000 (milhões) pessoas, e 37h50min, caminhando por um trajeto de 130,600 Km. Já em 2016, o evento Círio de Nazaré contou, com a participação de 5.393,000 (milhões) pessoas, um pouco menos, que, nos últimos dois anos, mais com um tempo de procissão maior, compreendendo-se 41h20min e, de 140,3 Km, bem maior que nos anos anteriores, como poderá ser mais bem sintetizada na tabela 1, das 12 Romarias do Círio de Nazaré, no período de 2014 - 2016.

Tabela 1 - As 12 Romarias do Círio de Nazaré, no período de 2014 - 2016

Nº. ORDEM	EVENTO	ANO	QUANT. PARTICIPANTES	DURAÇÃO	DISTÂNCIA PERCORRIDA
1º	Traslado Ananindeua	2014	1,3 milhões de pessoas	12h05min	55,000 Km
		2015		12h00min	47,000 Km
		2016		13h10min	52,000 Km
2º	Romaria Rodoviária	2014	250 mil pessoas	03h10min	24,000 Km
		2015		02h50min	
		2016		03h00min	
3º	Romaria Fluvial	2014	500 embarcações	02h10min	18,500 Km
		2015	e	01h55min	
		2016	50 mil pessoas	02h30min	
4º	Moto Romaria	2014	16 mil motos e 40 mil pessoas	30min	2,400 Km
		2015		40min	
		2016		50min	
5º	Trasladação	2014	1,4 milhão de pessoas	05h05min	3,750 Km
		2015		04h50min	
		2016		05h10min	
6º	Círio de Nazaré	2014	2 milhões de pessoas	05h30min	3,600 Km
		2015		05h15min	
		2016		05h10min	
7º	Ciclo Romaria	2014	10 mil pessoas	02h00min	13,800 Km
		2015		01h50min	
		2016			
8º	Romaria da Juventude	2014	30 mil pessoas	03h15min	5,100 Km
		2015		02h50min	4,600 Km
		2016		04h00min	9,400 Km
9º	Romaria das Crianças	2014	300 mil pessoas	02h10min	2,800 Km
		2015	250 mil pessoas	02h00min	2,800 Km
		2016		2,900 Km	
10º	Rom. dos Corredores	2014	2.500 mil pessoas	01h00min	7,100 Km
		2015	5 mil pessoas		7,000 Km
		2016	3 mil pessoas		
11º	Procissão da Festa	2014	10 mil pessoas	01h20min	1,600 Km
		2015		01h30min	2,500 Km
		2016			2,000 Km
12º	Recírio	2014	50 mil pessoas	45min	0,650 Km
		2015		1h00min	0,700 Km
		2016			
<b>TOTAL</b>		2014	5.412,500 pessoas	39h00min	138,300 Km
		2015	5.445,000 pessoas	37h50min	130,600 Km
		2016	5.393,000 pessoas	41h20min	140,300 Km

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do DIEESE (2014, 2015, 2016).



Outro caminho litúrgico desenvolvido é chamado de peregrinação pelas casas dos fiéis. Iniciado em 1994, como preparativo para a festa do Círio, marca uma relação entre os fiéis, a santa e as comunidades. Como acontece? As pessoas interessadas em serem os responsáveis por conduzir a visitação pelas casas se inscrevem na paróquia que fazem parte, para receber uma imagem de Nossa Senhora e o Livro de Peregrinação do Círio. Após missa de envio, essas pessoas serão responsáveis por visitar as casas dos fiéis das paróquias (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

O Livro de Peregrinação direciona as pessoas para, no encontro, fazerem leituras de passagens bíblicas, cantos e partilhas da vivência cristã. Esses encontros têm um tempo de quinze dias para ocorrer, podendo ser feitos em mais dias. Devem ter seu término, geralmente, próximo ao início da festividade de Nazaré. Durante os quinze dias que marcam a festividade do Círio, as visitações à Basílica Santuário de Nazaré se intensificam, fazendo com que a igreja se programe para a realização de um número maior de celebrações eucarísticas, como missas, adorações ao Santíssimo Sacramento, grupos de oração e o terço da alvorada (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

É importante salientar que em uma grande festividade, como o Círio de Nazaré, a maioria dos caminhos, que foram e/ou serão apresentados, nesta pesquisa, tem a arquidiocese de Belém como responsável principal, mas, que divide suas funções, de organização, com grupos e instituições, que operacionalizam as atividades antes e durante a festa. Com isso, se faz necessária, a apresentação de alguns grupos que compõem parte dessa organização, para que melhor se compreenda os caminhos aqui propostos.

A Diretoria da Festa de Nazaré é criada em 1910, com a missão de organizar e planejar estratégias para a manutenção do evento Círio. Existem relatos que contam que a organização da festa, em 1793, data da primeira procissão, foi conduzida por Souza Coutinho, que era o governador da época. Tempos depois, foi passada para irmandades e confrarias ligadas à igreja (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

Hoje, a Diretoria da Festa é dividida em um Conselho Consultivo e a Diretoria Colegiada. O Conselho Consultivo é composto pelo Arcebispo de Belém (presidente), pelo reitor da Basílica Santuário de Nazaré (presidente da festa de Nazaré), pelo providencial Barnabita, pelo pároco da Igreja de Nazaré, pelos diretores do Círio atual e seu antecessor e pelo diretor secretário. Já a Diretoria



Colegiada é composta pelo presidente da festa do Círio, pelo diretor coordenador do Círio, pelos diretores beneméritos e por uma diretoria executiva (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

A Diretoria Executiva é composta por casais católicos, que são voluntários e não recebem nenhum tipo de remuneração para o exercício da missão. Tem suas atividades mantidas pela Igreja de Nazaré e por suas obras sociais. Cada casal é responsável por uma diretoria neste conselho, que se subdivide em: administrativo-financeiro, decoração, evangelização, eventos, marketing, procissão, patrimônio e de recursos socioeconômicos e filantrópicos. Todas as atividades desenvolvidas pela Diretoria da Festa têm o apoio da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (CÍRIO DE NAZARÉ, 2016).

A Guarda foi criada em 1974, três anos depois de Nossa Senhora de Nazaré ser proclamada pela Assembleia Legislativa de Pará, Patrona do Estado do Pará, concedendo-a honrarias de chefe de Estado. Isso ocorreu em “17 de dezembro de 1971, motivada pela lei 4.371” (PRF, 2016). Como primeiro grupo de proteção a uma imagem da Igreja Católica, ela é composta por católicos, com os sacramentos iniciais (batismo, eucaristia e crisma), do sexo masculino, com idade superior ou igual a dezoito anos. Esse é considerado o primeiro grupo de guardas católicos de que se tem notícia no Brasil a cuidarem de Nossa Senhora.

O grupo surgiu com a missão de ajudar na organização da Festividade Círio de Nazaré. Hoje tem a tarefa de supervisionar a Praça do Complexo Arquitetônico de Nazaré (CAN), durante a festividade, assim como, de participar das atividades e solenidades ocorridas durante o ano, no que tange a procissões e eventos ligados à igreja. O efetivo de mil e quinhentos guardas, aproximadamente, é facilmente reconhecido pela roupa (camisa amarela com detalhes azul escuro e branco - 2015) e a saudação, que faz referência a uma das orações mais antigas do devoto à Nossa Senhora, o Ave-Maria.

Com o passar dos anos, muitos homens se interessaram em ingressar no grupo da Guarda, por verem uma oportunidade de se aproximar da imagem de Nossa Senhora, durante o Círio. Entretanto, para ingressar no grupo, deve-se ser indicado por um integrante (guarda) com, no mínimo, cinco anos de participação ininterrupta, de todos os eventos e atividades relativas à função.

Já para participar do evento Círio, o Guarda, precisa cumprir com algumas obrigações. Se ele for apenas do grupo da Guarda, não exercendo nenhuma



atividade de coordenação ou não estando à frente de nenhum grupo operacional, da própria guarda, basta participar de no mínimo 10 missas dominicais (domingo), das reuniões (as quintas) e do terço dos homens (as segundas na Basílica). Agora, para um coordenador ou pessoa ligada a algum apoio operacional dentro da guarda, é preciso de, no mínimo, 20 missas dominicais, todas as obrigações citadas acima e participar das reuniões de coordenação.

Cumprindo todas as obrigações, o guarda está apto a participar dos subgrupos da festividade. Os trabalhos vão desde acolher o peregrino, que chega à Basílica, como ajudar durante a festividade nas procissões do Círio. Como em cada procissão/romaria eles têm uma missão específica, precisam contar com a colaboração de outras guardas, que surgiram tempos depois, e também, com o apoio da Pastoral do Turismo da Basílica de Nazaré, da Polícia Rodoviária Federal e da Cruz Vermelha.

Realizando atividades de acolhimento aos visitantes, a Pastoral do Turismo da Basílica (PASTUR), antes vinculada à pastoral da acolhida, surge em 2014, com a missão de informar ao visitante local ou turista, a importância do patrimônio Círio de Nazaré, no que tange a sua simbologia e seus principais elementos (Informação verbal<sup>13</sup>).

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) participa da festividade há 26 anos, e trata sua atividade, com um forte esquema de segurança, motivado por dois fatos. O primeiro, já mencionado, leva em consideração a honraria de Chefe de Estado recebida por Nossa Senhora de Nazaré, e o outro corresponde ao status de Marechal, concedido em 2011, pelo Exército Brasileiro, durante a viagem que a 'Santa' fez para o Rio de Janeiro (PRF, 2016).

A operação Círio, como é chamada pela PRF, é uma atividade que envolve não só os policiais do Norte (Informação verbal<sup>14</sup>). É mobilizado um corpo operacional Nacional, para trabalhar durante a festividade. São "aproximadamente 110 policiais, 65 viaturas, sendo 25 carros, 40 motocicletas e um helicóptero [...]" para integrar ao forte esquema tático de segurança durante as procissões (PRF, 2016).

---

<sup>13</sup> Informação fornecida na entrevista por Jane Cleia Jaques machado, responsável pela Pastoral do Turismo da Basílica Santuário de Nazaré, em 2016.

<sup>14</sup> Informação fornecida na entrevista por Marisol Teixeira Mota, responsável pela Assessoria de Imprensa da Polícia Rodoviária Federal – Regional Pará, em 2016.



Já a Cruz Vermelha, participa da festividade, há 35 anos, envolvida pelo Projeto Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que tem como missão ajudar nas ocorrências de natureza médica e de cunho social (Informação verbal<sup>15</sup>). São treinados aproximadamente seis mil socorristas, distribuídos nas doze procissões, mas, principalmente, nas de maior número em participação de fiéis, no caso, a transladação e o Círio.

Esses socorristas, além de conduzirem, aos postos de atendimento médico, as pessoas que venham necessitar desse serviço, são responsáveis por identificar crianças que estejam perdidas durante as procissões, conduzindo-as para os pontos de abrigo e acolhimento.

No ano de 2016, a Cruz Vermelha registrou um número de 760 ocorrências médicas, bem menor que em 2015 e 2014, que teve 1.018 e 1.261 atendimentos, respectivamente, como pode ser visto na tabela das principais ocorrências atendidas pela Cruz Vermelha no Círio de Nazaré de 2014 a 2016.

Tabela 2 - Principais ocorrências atendidas pela Cruz Vermelha no Círio de Nazaré (2014-2016)

<b>TIPO DE OCORRÊNCIAS QTD</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>
Cefaléia (dor de cabeça)	45	118	70
Cortes superficiais	-	39	31
Crise convulsiva	07	02	01
Desidratação	12	-	-
Desmaios	371	329	351
Dispnéia (falta de ar)	85	19	19
Dores musculares	-	11	14
Entorses	39	35	97
Ferimentos leves	198	-	-
Ferimentos Profundos (Arma branca - FAB)	05	36	06
Hiperglicemia (alta de açúcar no sangue)	52	25	11
Hipoglicemia (baixa de açúcar no sangue)	20	35	19
Hipertensão (pressão alta)	107	103	09
Hipotensão arterial (pressão baixa)	30	08	03
Insolação	42	20	08
Insuficiências Cardíacas		16	09
Luxação	80	85	16
Mialgia (dores musculares)	79	38	08
Parada Cardiorrespiratória	02	-	-
Principio de Aborto	01	-	-
Queimadura de primeiro grau	04	-	-

<sup>15</sup> Informação fornecida na entrevista por Jane Oliveira, Presidente da Cruz Vermelha - Regional Pará, em 2016.



**Continuação**

Suspeita de fratura	40	06	06
Tonteira	34	55	54
Torção	-	37	28
Traumatismo Craniano Encefálico (TCE-leve)	-	01	-
Vômito	08	-	-
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>1.261</b>	<b>1.018</b>	<b>760</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do DIEESE (2014, 2015, 2016).

Outras três instituições, que fazem parte das atividades do Círio, mas que tem funções diferenciadas durante a festividade, são o Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), a Secretaria de Estado de Turismo (SETUR) e a Coordenadoria Municipal de Turismo.

O Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) iniciou suas atividades em Belém, em 1992. Antes era apenas uma diretoria Regional, criada em 1979. Hoje, o IPHAN vem participando ativamente das atividades do Círio, uma vez que entende a festividade como um rito religioso, com várias expressões culturais (Informação verbal<sup>16</sup>). O evento, inscrito no livro de celebrações em 2004, é um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e entra para a lista representativa do Patrimônio Cultural Mundial da UNESCO, em 2013 (IPHAN, 2017).

Já a Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), criada pela lei n. 7.593, em 28 de dezembro de 2011, com a missão de “coordenar o processo de concepção de implementação da política de desenvolvimento do turismo no Estado, de forma sustentável e integrada, tornando o Pará um destino competitivo.” (SETUR, 2011). Tem como foco o gerenciamento das Políticas Públicas de Turismo e também, a colaboração com as secretarias municipais de turismo do Estado, no fomento e implantação de possibilidades de desenvolvimento do turismo local. A Secretaria vem desenvolvendo um trabalho durante as procissões, no que tange o “receptivo”, a “premiação das melhores embarcações na romaria fluvial” e uma “pesquisa de perfil demanda”, além de propor parcerias de fomento com entidades públicas e privadas, para planejar e infraestruturar melhorias para o desenvolvimento de políticas para o Círio (Informação verbal<sup>17</sup>).

<sup>16</sup> Informação fornecida na entrevista por Cyro H. de Almeida Lins, Superintendente Substituto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-Pará), em 2016.

<sup>17</sup> Informação fornecida na entrevista por Admilson Alcântara, Coordenador de Estudos, Pesquisa, Estatísticas e Informação, da Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), em 2016.



Vinculada a esse sistema de fomento, a Coordenadoria Municipal de Turismo (BELEMTUR) foi criada em 2003, substituindo a Companhia Municipal de Turismo, tem como objetivo “planejar, coordenar, controlar e avaliar as atividades relacionadas com o turismo no Município de Belém, nos termos da política nacional do turismo” (BELEMTUR, 2017). Vem desenvolvendo, em parceria com SETUR, o projeto Amigo do Turista, que é uma atividade com voluntários bilíngues, distribuídos pelos principais pontos turísticos e postos de informações ao turista, prestando atendimento e acolhimento aos visitantes (Informação verbal<sup>18</sup>).

É importante lembrar que, os dados apresentados anteriormente, mostram que nos últimos três anos (2014, 2015 e 2016) o evento contou com um número de 2 milhões de participantes. Entretanto, pesquisa do Dieese (2016) vem mostrando alternâncias quanto ao número de visitantes, durante a festividade. De acordo com o DIEESE (2016), em 2016, o número de turistas que visitaram a capital, durante a primeira semana do Círio, foi de 80,5 mil, bem menos que em 2015, que teve 84,4 mil visitantes e em 2014, que contou com 82 mil, como pode ser visto na tabela 3 abaixo.

Tabela 3 - Número de turista que visitou a capital, durante a programação do Círio, no período de 2014 -2016

<b>DIEESE – PARÁ</b>	
<b>ANO</b>	<b>NÚMERO DE TURISTAS NOS CÍRIOS</b>
2014	82 mil
2015	84,4 mil
2016	80,5 mil

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do DIEESE (2014, 2015, 2016)

Agora se compararmos ao número de pousos e desembarque, no aeroporto internacional de Belém, durante o mesmo período, teremos em 2016, um número de pouso que corresponde a 265 e um desembarque de 29.359 pessoas. Já em 2015, esse número é de 318 pousos e 33.107 pessoas, e em 2014, tem-se 358 pousos e 33.961 desembarques (INFRAERO, 2016), ficando mais bem identificado na tabela 4, que mostra os dados acima apresentados.

<sup>18</sup> Informação fornecida na entrevista por Bianca Franco, Diretora do Núcleo de Turismo, da Coordenadoria Municipal de Turismo (BELEMTur), em 2016.



Tabela 4 - Quantidade de voos e passageiros que desembarcaram durante a primeira semana do Círio, no período de 2014 -2016.

ANO	INFRAERO – PARÁ	
	POUSO	DESEMBARQUES
2014	358	33.961 pessoas
2015	318	33.107 pessoas
2016	265	29.359 pessoas

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da INFRAERO Pará (Anexo A).

### 3.2 PERCURSO DE LOUVOR: CAMINHOS POPULARES E CULTURAIIS

O Percurso de Louvor da festividade religiosa Círio de Nazaré, em meu entendimento, é apresentado aos fiéis, como um caminho popular e cultural. Assim, proponho refazer os passos na festividade, desses dois percursos, para que se compreenda como eles são vividos durante a festa.

#### 3.2.1 Caminhos populares

O Círio de Nazaré, além de ser um evento religioso, atrela aspectos culturais, econômicos, turísticos, sociais, enfim, reúne variados fatores que o direcionam ao entendimento de um fenômeno social, que, em sua totalidade de festa, reúne elementos que extrapolam os limites de uma religião, podendo assim ser considerado, como uma prática social.

Por essa perspectiva, do Círio como uma prática social, é que são apresentados os caminhos populares, como elementos oportunizados pelo momento de festa. A primeira delas é a Feira de Artesanato do Círio (FAC), que é um evento organizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-Pará), para incentivar a cultura do artesanato, promover e desenvolver os produtos confeccionados pelos artesãos locais (GUEDES, 2016). A FAC, popularmente conhecida como a feira do Miriti e do Círio, é um evento que acontece na semana de início das procissões, terminando no domingo do Círio. É realizada há mais de 15 anos, e vem reunindo artesãos de Belém e do interior do estado do Pará, com a proposta de apresentar, aos visitantes da festa, elementos da fauna, da flora

e do próprio evento, através de brinquedos e objetos decorativos, como pode ser visto na figura 17.

Figura 17 - Feira do Miriti



Fonte: Fundação Nazaré (2016), montagem pelo autor.

De acordo com o Guedes (2016), o evento contou na edição de 2016, com uma visita de mais de 20 mil pessoas, sendo que “[...] em uma área de 608 metros quadrados toda climatizada, confortável e segura foram montados 64 estandes, para 53 artesãos de Ananindeua, Abaetetuba, Belém, Curuçá e Oeiras do Pará [...]”.

O miriti é produzido a partir da extração da palmeira conhecida como *miritizeiro*. Serve como matéria-prima para a confecção dos brinquedos comercializados nas feiras. De acordo com Santos (2012), não se tem uma data de início da confecção desses objetos, mas, acredita-se, que desde o primeiro Círio, já se venha utilizando o artesanato de miriti, como elemento de retribuição a uma graça alcançada. Os fiéis “[...] pagadores de promessa carregando barcos e casas entalhadas em miriti como símbolos de bênçãos recebidas da padroeira dos paraenses” (SANTOS, 2012, p. 16) já eram figuras presentes em 1793.

Continuando os passos do Círio, na sexta-feira à noite, dia da primeira procissão, acontece, no Centro Histórico da Cidade, o Auto do Círio. Evento realizado há 23 anos, pelo Instituto de Ciências das Artes (ICA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), e inserido ao registro do IPHAN, como bem imaterial atrelado ao Círio (BRÍGIDA, 2008).

O Auto é um “cortejo dramático”, como pode ser visualizado na figura 17, e reúne pelas ruas do Centro Histórico, atores, músicos, bailarinos, cantores líricos, grupos folclóricos, escolas de samba “[...] e as expressões artísticas realizadas pela

UFPA, promovendo a prática vivenciada e a sedimentação dos saberes das artes pensadas na academia.” (BRÍGIDA, 2008, p. 36).

Figura 18 - Cortejo dramático Auto do Círio



Fonte: Brígida (2008), montagem pelo autor.

Outro momento muito esperado acontece juntamente com as buzinas e os ‘roncos’ dos motores, produzidos durante a quarta procissão, a Moto-Romaria. Logo quando a Imagem Peregrina desembarca da romaria fluvial, sábado, perto do meio dia, motociclistas aguardam ansiosamente, para início das suas homenagens. Além disso, várias pessoas caracterizadas com roupas brancas e chapéus de palha com fitas coloridas, esperam na frente do Complexo Turístico Estação das Docas, o momento em que poderão, também, prestar um gesto de devoção à ‘nazica’, como carinhosamente é chamada pelos fiéis, ao som da barrica, maraca, matraca, reco, alfaia e outros instrumentos musicais.

Após “[...] oficinas, palestras, seminários, pesquisas, projetos de extensão, rodas cantadas, ensaios, mostras e shows, que valorizam e propagam as manifestações artísticas da Amazônia” (PAVULAGEM, 2017), o Instituto Arraial do Pavulagem, traz ao som do hino “Vóis Sois o Lírio Mimoso”, para as ruas, mais um dos seus cortejos, o Arrastão do Círio.

O arrastão é posto na rua, finalizando as atividades anuais do Instituto. Iniciou, com a ideia de homenagear a Imagem de Nazaré e mergulhar na apresentação das múltiplas possibilidades de trabalhos com miriti (PAVULAGEM, 2017). Assim, em todo o seu cortejo, os fiéis podem utilizar os brinquedos e objetos confeccionados com a matéria-prima do miriti, como forma de diversão e símbolo de fé, por uma graça alcançada, como pode ser visualizado na figura 19.

Figura 19 - Arrastão do Círio 2015



Fonte: Círio de Nazaré, 2016.

O arrastão do Círio percorre as principais ruas do Centro Histórico, ao som de músicas já conhecidas, pelos participantes da manifestação cultural. Ele é conduzido com a utilização de uma barca confeccionada com miriti, denominada de 'Rainha das Águas', onde o fiel é o responsável pela sua condução, simbolicamente representando a romaria fluvial.

Finalizando o arrastão, muitos fiéis se deslocam para a Basílica Santuário de Nazaré, para início da Trasladação. Essa procissão, como já mencionada nessa pesquisa, acontece na noite de sábado e liga a Igreja de Nazaré à Catedral da Sé. Durante esse percurso, existem diversas paradas para homenagear a Imagem de Nazaré, com destaque para o momento, em que ela passa pela Praça da República, ela recebe uma singela e honrosa manifestação de carinho e fé<sup>19</sup>.

Logo após que a Imagem de Nazaré passa pela Praça da República, tem-se início a chamada Festa da Chiquita. Realizada a primeira vez entre os anos de “[...] 1975 e 1976, como o nome de ‘Festa da Maria Chiquita’, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos e curiosos [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 198), como um bloco carnavalesco. Só em 1978 é que passou a

<sup>19</sup> Antes de iniciar a apresentação dessa manifestação de fé, é importante salientar que a Igreja Católica não discrimina os homossexuais. Ela apenas pede para que as pessoas possam viver o projeto original de Deus. O próprio Papa Francisco, questionado sobre o seu posicionamento quanto a população LGBT, respondeu dizendo quem seria ele para julgar alguém. Então, não quero aqui, iniciar uma tensão na discussão a respeito do que pode ou não ser considerado como certo na fé, durante a homenagem prestada pela população LGBT, na procissão da Trasladação. Penso em apenas apresentar o a manifestação “Festa de Chiquita”, de forma a se conhecer mais uma, entre as demais manifestações, que também é reconhecida pelo IPHAN, como patrimônio imaterial atrelado ao Círio.



acontecer na noite de sábado, após a transladação (RIBEIRO, 2014). A manifestação pode ser identificada na figura 20.

Figura 20 - Festa da Chiquita



Fonte: Ribeiro (2014), montagem pelo autor.

Hoje o evento reúne a população LGBT, em uma festa que, ideologicamente, marca um posicionamento contra a homofobia. Durante a festa, existem apresentações de grupos folclóricos, *drag queens*, *gogo boys* e do cantor paraense Elói Iglesia, que também é o responsável técnico pelo evento. Além dos shows, existem premiações para as pessoas que se destacaram no cenário artístico-cultural e nas redes sociais (RIBEIRO, 2014).

### 3.2.2 Caminhos culturais

Os caminhos populares do Círio de Nazaré, que anteriormente foram apresentados, traçam elementos de um ato simbólico da expressão de devoção e reverência que os fiéis têm por Nossa Senhora de Nazaré. Outras duas expressões de fé são as que se voltam para os caminhos culturais, representados pelo Círio Musical e o Arraial de Nazaré.

O Círio Musical, que pode ser visto na figura 21, acontece durante a festividade de Nazaré desde 2006. Vem procurando oferecer aos visitantes da festividade shows com artistas e padres de grande repercussão no cenário católico Nacional.

Figura 21 - Círio Musical



Fonte: Fundação Nazaré (2016), montagem pelo autor.

Em 15 noites, nomes como Antonio Maria, Tony Alysso, Davidson Silva, Suely Façanha compõem a programação, que também conta com a participação de comunidades, como a Canção Nova, Shalom, entre outras, que se apresentam na Praça do Centro Arquitetônico de Nazaré. As noites da festividade proporcionam, aos que ali participam das celebrações eucarísticas e visita à imagem autêntica de Nazaré, shows e atividades de entretenimento, como é o caso do Arraial de Nazaré, que acontece desde 1793. Na época, destinava-se à comercialização de produtos agrícolas. Hoje, como pode ser visto na figura 22, é um parque de diversões, destinado ao lazer de quem visita a Basílica Santuário.

Figura 22 - Arraial de Nazaré



Fonte: Fundação Nazaré (2016), montagem pelo autor.



#### 4 ATRELAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Como já desenhado desde o início desta dissertação, faz-se um deslocamento para uma viagem investigativa. Assim, caminha-se agora pelo quarto capítulo, dedicado a apresentar o atrelamento teórico necessário ao entendimento do campo de pesquisa. Esclareço que o termo 'atrelamento' faz uma analogia entre o complexo trabalho de amarração da corda à berlinda que carrega a santa, feita pelos guardas de Nazaré, durante as procissões da Trasladação e Círio. O trabalho de amarração é feito com as teorias que aqui serão apresentadas, identificadas a partir dos múltiplos entrelaçamentos, vistos para o estudo dos sujeitos-devotos.

Seguindo a linha do atrelamento, entendo ser necessário fazer uma retomada, no que foi mencionado no segundo capítulo, quanto a uma preocupação da análise dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, atrelada a uma visão de turismo religioso.

Retomo essa questão, por achar necessário que se entenda que, neste trabalho, a ideia partirá de uma relação entre o turismo e a religião, pautando-se pelo diálogo, que busca relacionar os teóricos e os sujeitos em uma grande costura de saberes, no que tange a busca não por pressupostos que categorizem o sujeito, a um ou a outro determinado segmento. A proposta é relacionar teorias, aos sentimentos pulsantes, que se desprendem dos relatos, não em forma de amor, romantizado, mas como um desprendimento de devoção e fé.

Abumanssur (2003, p. 54), referindo-se ao turismo religioso, diz que, no discurso, tende-se “[...] a desconsiderar as motivações religiosas para a viagem e se concentrar no fenômeno do deslocamento e, mais especificamente [...] em torno de estrutura de transporte, hospedagem e alimentação”. Já para Steil (2003), existe uma resistência da própria igreja, no uso do termo, uma vez que muito se atrela ele, a uma ideia de peregrinação e ou romaria, dando a esses um significado de mercado e precificação do sentimento de fé.

Para Abumanssur (2003), não se deve pensar um evento religioso como um segmento de mercado. Tem-se que olhar para o deslocamento e verificar a motivação que se empreendeu para tal ato, e, assim, relacionar “[...] além do lazer e do consumo, também as tensões e as contradições dos



agentes envolvidos, como elementos constitutivos desse tipo de vivência de fé [...] que traz em si complexidade do próprio campo onde se insere.” (ABUMANSSUR, 2003, p. 54).

Neste sentido, a construção aqui parte de teóricos e/ou teorias que ajudam a compreender o sujeito imerso nesse processo de ‘costura artesanal’ do turismo e da religião, envolta a uma complexa conceituação do Turismo Religioso. Isso se verifica uma vez que, entendo, como principal motivação, para o deslocamento, a expressão de uma prática sentimental, denominada devoção. Assim, acredito não poder segmentar o sentimento de fé que pulsa no sujeito.

Por outro lado, saliento que o exposto não impediu de caminhar por teorias que levassem a uma ideia diferente da apresentada. Até porque, entendo que existam deslocamentos pautados por aspecto de consumo, que atrelam o deslocamento ao um valor comercial e não devocional. Entretanto, nesta pesquisa, não irei me debruçar por essa incorporação turística de análise, uma vez que a pulsação comunicacional, feita pelo objeto, em uma trajetória histórica, direciona o olhar para a religiosidade popular e do Círio como uma prática social.

O Turismo, aqui, é reconhecido e analisado em paralelo com o sentimento despendido pelo sujeito-devoto, ou seja, relativo à religiosidade popular. Assim busca-se tecer elementos da relação que se estabelece durante a festividade Círio de Nazaré, no que tange às marcas de hospitalidade e amorosidade que se busca na construção deste estudo.

Nesse sentido, a investigação vem mostrar a existência de múltiplos atravessamentos presentes no objeto, tanto no campo do Turismo, visto aqui pelo âmbito religioso, como da hospitalidade, dialogada com a amorosidade. Trata-se de aspectos que se relacionam numa interface de acolhimentos e subjetividades.

Ademais, para manter o diálogo com os teóricos, começo traçando uma linha de raciocínio que costura os caminhos da pesquisa. Com essa orientação passo a apresentar a ideia de turismo, hospitalidade, subjetividade, amorosidade e religiosidade, em vista de refletir (ou mesmo repensar) a temática, a partir dos saberes e dos núcleos conceituais, que, aos poucos, começam a evidenciar-se nestas páginas.

#### 4.1 TURISMO: PRIMEIRO ATRELAMENTO

Proponho (re)desenhar, para o melhor entendimento, os caminhos do Turismo. Percebe-se, nas leituras voltadas à temática turística, que o seu surgimento foi vinculado a uma prática humana, que envolvia movimentação de pessoas, chamadas de nômades, viajantes, visitantes, turistas, excursionistas e peregrinas.

Assim, pensar o turismo, hoje, é voltar-se a uma complexa trama de olhares, que se debruça por um caminho cheio de entrelaçamentos, que se costuram em um meio social. Trata-se de uma trama envolta de um fenômeno multi-interdisciplinar, que se desloca, como em uma viagem, através de percurso de conceitos, definições, debates, ou seja, constituindo-se, assim, na busca de saberes epistemológicos da área.

Como já foi citado nesse trabalho, alinhar os pressupostos para costura dos alicerces científicos, corresponde a um processo complexo. Uma vez mencionado o nó conceitual, tem-se uma complexa trama de olhares, que direcionam para as “[...] multiplicidades de abordagens dos mais conceituados autores.” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p.127). Isso faz com que a discussão, ao invés de apenas instigante, desafiadora e de profunda transformação da realidade, torne-se, muitas vezes, difícil e com pouca aplicabilidade pelos pesquisadores.

Moesch (2004) corrobora ao dizer que “Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas dentro da academia”. E segue, em seu entendimento, dizendo que a lógica da “tradição cartesiana, predominante no saber científico”, leva ao distanciamento, ou seja, uma “separação, do todo, em categorias, pressupondo que um campo do saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes deste todo.” (MOESCH, 2004, p. 34-35).

Tendo como base o exposto, e levando em consideração que “a definição de Turismo não é um ponto de partida, mas resultado de um processo interpretativo teórico” (MOESCH, 2004, p. 27), entendo ser necessário, para que se compreenda o percurso da viagem que se faz a Belém, explicar como iniciou o (re)conhecimento do turismo, para a produção deste trabalho.

Sempre tive em mente que o Turismo, que até pouco tempo conhecia, era uma atividade econômica, pautada exclusivamente por uma visão agregada a um valor na produção de bens e serviços, no qual o que mais importava, era “[...] o



encontro e a relação entre a oferta de produtos e serviços turísticos e a demanda, individual ou coletiva, interessada e motivada pelo consumo e uso destes produtos e serviços.” (BRASIL, 2010a, p. 15). Isso tudo, para potencializar seus recursos, visando movimentar e dinamizar a economia local.

Nunca refleti - até pelo fato de não ter sido ensinado a pensar de outra forma - que a visão que caminhou comigo, até pouco tempo, recheada de lacunas, poderia ser transcendida. Observo que hoje isso é feito, não a excluindo, mas, agregando-a, em um sentimento pulsante que me desloca para (re)pensar como essa ‘atividade’, vista no início, poderia caminhar em uma relação de cumplicidade com o estudo dos ‘sujeitos-devotos do Círio’.

Não quero, com isso, dizer, que a atividade turística não contribuiu ou não contribui para o cerne da discussão, alusiva a saberes do campo acadêmico. Sim, contribuiu, e muito.

Venho percebendo que a construção conceitual do Turismo, inicialmente era sustentada pela ideia de permanência, fosse o visitante nacional ou estrangeiro, em um contexto de tempo e na utilização de serviços. Hoje, pauta-se por uma busca de (re)conhecimentos das possibilidades, diria, ‘inscriacionais’, “[...] para representar os acionamentos desejantes do sujeito, no sentido de investig[ações], que permitam inscrever, criar e produzir ações voltadas a devires conhecimentos, pesquisas, devires processos no Turismo.” (BAPTISTA, 2014a, p. 344-345).

O que quero dizer com isso? Hoje, as produções acadêmicas buscam (re)desenhar o contexto turístico, não mais somente pelo fator econômico, mas pela multiplicidade de atravessamentos que o turismo apresenta, no que tange a uma movimentação do conhecimento sociofilosófico, cultural, político, religioso, ambiental, econômico, enfim, envolvendo pressupostos que se multiplicam no conhecimento e costuram-se, em busca de averiguar a movimentação impulsionante dos sujeitos.

Assim, para que se compreenda melhor essa movimentação, é necessária a apresentação dos pesquisadores que dialogam na discussão, mesmo que sejam estudiosos já conhecidos. Permita-me, então, identificá-los neste trabalho.

A construção aqui se alinha, inicialmente, pela concepção vista por Beni (2008), que apresenta o turismo como uma “ciência humana e social, ainda que seus efeitos econômicos sejam os que mais se destacam” (p. 41). Caminha para a análise do turismo, pautando-se por uma discussão, a partir de uma proposta que



esse autor denominou de Sistema de Turismo (SISTUR), e tem como objetivo “organizar o plano de estudo da atividade de Turismo [...] justificar posturas e princípios científicos, aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigação [...]” (BENI, 2008, p. 45).

Com isso, o SISTUR, direciona o olhar do pesquisador, na construção de pressuposto e na busca por mecanismos de análise do turismo, para estruturar o estudo, em uma relação entre o ambiente natural, cultural, social e econômico, permitindo, assim, “[...] visualizar três grandes conjuntos: o das Relações Ambientais, o da Organização Estrutural e o das Ações Operacionais” (BENI, 2008, p. 45). A estrutura apresentada por Beni (2008), seguindo a lógica do sistema, ajuda a compreender o engendramento dos elementos constituintes do turismo, uma vez que possibilita, entre os pesquisadores, a discussão de ampliar a visão envolta da temática turística.

Faz-se necessário ressaltar que a multiplicidade de elementos que perpassa o turismo, se estrutura por uma prática humana que direciona a sentimentos, desejos, vontades, culturas, religiosidades, experiências, que podem, por sua vez, não ser bem relacionados, utilizando, somente, a análise do sistema. Precisa-se de outros elementos, para contribuir na construção dos caminhos pela busca de saberes turístico.

Panosso Netto (2005) corrobora, afirmando que, “o turismo não nasceu de um deslocamento escrito, de uma teoria, mais sim de uma prática humana [...] de sujeitos que experienciaram algo diferente do que estavam acostumados a experimentar [...]” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 31). Assim, deve haver uma interação entre as áreas, galgando-se os caminhos à construção do conhecimento.

O autor reflete, dizendo que o turismo é uma construção de ‘experiências’ do turista. Essas experiências se desenvolvem através de construtos da relação, uma vez que o turista vai criando, internamente, desejos, vontades, uma relação afetiva com a viagem, e assim, o deslocamento pode ser desenvolvido “nos momentos que antecipam o ato do turismo e nos momentos que se seguem após o ser turista ter empreendido a viagem.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 29).

Conforme enfatiza Panosso Netto (2005), essa relação é “complexa e conflituosa e dificulta a definição do termo turismo; assim, qualquer definição do termo deve levar em consideração essa dicotomia turista-não-turista” (PANOSSO



NETTO, 2005, p. 30) para, com isso, entender que ele, o turismo, parte de um fenômeno que tem na experiência, sua principal expertise.

Quando se pensa uma viagem, não se pensa somente do ponto de vista do ato de viajar, de se deslocar de um lugar para o outro, mas pensa-se, também, na relação que se constrói em torno de toda a viagem (no antes, durante e depois). Como o próprio autor infere, “o ser torna-se turista pela experiência; o ser não é turista pela experiência; o ser considera-se turista pela experiência, e o ser deixa de ser turista pela experiência.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

Então Panosso Netto (2005) destaca, após essa relação, que se pode compreender o turismo, também, “como a busca da experiência humana, a busca da construção do ‘ser’ interno do homem, fora do seu local de experiência cotidiana.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30). Isso ocorre, não necessariamente durante o deslocamento, visto como viagem, uma vez que, independentemente do ato que esteja sendo desenvolvido, o ser humano rememora experiências vividas, independentes de fatores de cronológicos.

Essa premissa, pautada na experiência, começa a pulsar em meu pensamento indo de encontro, com a lógica de turismo como uma atividade de mercado. Como poder-se-ia atrelar o turismo somente a um valor econômico, uma vez que existe uma multiplicidade de elementos, que se modificam nas diferentes expectativas, crenças e sentimentos?

Penso que, quando alguém se desloca, acionam-se sensações e sentimentos, em torno de um ambiente, que pode ser conhecido ou não, fazendo como que, através de uma espécie de ‘costura’, entre o ser turista e o fenômeno do turismo, configure-se uma “[...] complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

É preciso, no meu entender, estabelecer então, um novo desenho da compreensão de turista. Não mais igual aos outros, categorizado, mas, voltado, para a sua identificação como alguém que se desloca, pautado pela experiência, e que se relaciona a um desejo, que pode ser comum ou não, de caminhar por locais antes não sentidos ou, mesmo, de atrelar novos significados aos locais já visitados.

O papa João Paulo II, em seu discurso em homenagem à Jornada Mundial do Turismo, em 1982, enfatizou que o Turismo é um “fenômeno social” e, como tal, precisa ter uma aproximação com o “[...] objetivo de construir aquela paz que é fruto



do respeito e do amor pelos irmãos, por meio da cristã coerência de intenções e iniciativas.” (JOÃO PAULO II, 1982). Anos depois, ele destacou a ideia a um processo de evangelização, que se pauta como “[...] um providencial espaço de encontro e uma preciosa ocasião de solidariedade” (JOÃO PAULO II, 2000), não desconsiderando, o turismo, como um fenômeno.

Nessa ideia de turismo, pautada por um fenômeno, Gastal e Moesch (2007) referem-se à movimentação desenvolvida como “um campo de práticas histórico-sociais”, onde os sujeitos, movidos por um olhar de ‘estranhamento’ se distanciam da rotina habitual, não só em uma viagem, mas também dentro da própria cidade em que residem, para se permitirem desenvolver um “[...] deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

A ideia expressa parte da sensação vivenciada, ao se deslocar, até mesmo, por ambientes já conhecidos, familiares e corriqueiros. Trata-se de situações em que o sujeito experiencia uma nova forma de se envolver com o meio em que caminha, fazendo com que ele venha “[...] parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

O estranhamento, discutido pelas autoras, não se relaciona com o “[...] tamanho da distância percorrida, mas da mobilização afetiva desencadeada.”. (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 12). Isso leva a inferir que o sujeito, com um novo olhar, desloca-se diferentemente, permitindo-se, em uma rede de “valores simbólicos”, a novas sensações, cheiros, vivências.

Todo esse processo pode ressignificar a cidade em que se vive e/ou visita; o bairro antes apenas (per)corrido; a rua que somente era utilizada como meio de passagem ou travessia; e, até mesmo, a sua própria casa, dentro de uma (re)construção “simbólica”, de si com o meio. “Por essa, razão o Turismo se constitui em um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 12).

Corroborando, Gastal (2005) destaca essa prática de deslocamento, desenvolvida pelo sujeito, ao se permitir olhar para um ambiente, antes visto como comum. Explica que, pelo estranhamento e seu valor simbólico, o sujeito permite



sair das “[...] suas rotinas espaciais e temporais por um período de tempo determinado [...] não regularmente, para o mesmo destino” (GASTAL, 2005, p. 12), o que pode ser considerado como uma movimentação conhecida como turismo.

Para apresentar a ideia de deslocamento, a autora recorre a perspectivas das “imagens e imaginários”, que se desenham como um quadro na vida do sujeito, onde este “visualmente”, por meio das imagens que se criam dentro de uma cidade, no que tange a “fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na Internet ou mesmo por intermédio dos velhos cartões postais” (GASTAL; 2005, p. 12-13), pode buscar ou não (re)conhecer, (re)conectar, (re)ver os velhos ou agora novos lugares, antes (des)conhecidos.

A ideia de imaginários parte da relação de ‘sentimentos’ que se tem com aquilo ou o que se quer conhecer, atrelando adjetivos, que, muitas vezes, aproximam e/ou expressam características, inicialmente feitas por “[...] amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local ‘romântico’, outro ‘perigoso’, outro ‘bonito’, outro ‘civilizado’” (GASTAL; 2005, p. 12-13), atrelando ao deslocamento ideias (pre)concebidas.

Não se está, aqui, dizendo que esse deslocamento vai sempre proporcionar uma imagem ou até mesmo um imaginário bom do local a ser visitado. Apenas, infere-se que, ao desenvolver um deslocamento, pautado pela vivência do estranhamento, pulsa-se uma relação afetiva, que pode variar de sujeito para sujeito. Dependendo da relação que se tenha tido com o desejo de desenvolver a movimentação, olha-se para o novo, de forma a ressignificar o ambiente.

Nesta perspectiva de estranhamento do sujeito, em uma linha reflexiva da ressignificação do ambiente e pautando-se por uma visão do fenômeno, Baptista (2016) associa a ideia de turismo a um deslocamento, visto como um processo que “mobiliza o sujeito e toda uma ‘engrenagem’ subjetiva”. Ela lembra que isso desafia “os universos existenciais de referência e produz encontros com outros corpos subjetivos, nas suas dimensões humanas e não humanas.” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

A autora associa o turismo, a uma “teia-trama” complexa e cheia de ‘substratos inscriacionais’, que “[...] são resultantes da interação afetiva de sujeitos (corpos sem órgãos), no sentido de uma interação que ‘toque os seus afetos’ e produza desterritorializações [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1085).



Isso resulta da pulsação dos sujeitos, que buscam sair de uma zona confortável, segura, em direção a territórios não conhecidos, empreendendo uma viagem de encontro com o outro.

A desterritorialização, discutida pela autora, “[...] implica uma saída do território existencial, dessa configuração subjetiva, que pode ser tanto de um sujeito em particular, quanto de um grupo de sujeitos ou de um lugar [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1084). O sujeito sai do seu território, pessoal, conhecido, e passa a se relacionar em um local visto como desconhecido, “implicando, então, ‘salto no escuro’, a ousadia de viajar, soltar-se e enfrentar o inesperado, as incertezas, o devir-viagem.” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

A autora fala que, quando se desenvolve a “[...] desterritorialização no turismo, o sujeito se inscreve, inscreve sua marca no processo [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1085), fazendo com que se crie uma nova possibilidade de lugar, pelo fato da sua estada e passagem pelo local. Isso faz com que, ele se comunique com outros corpos, em um sentido de relacionamento, como em um jogo de troca.

Baptista (2016, p. 1085) ressalta que, com esse jogo comunicacional entre os sujeitos, são gerados “fluxos significacionais que podem compor uma ‘pré-visão’, uma ‘pré-disposição’ de outras pessoas para o lugar” (BAPTISTA, 2016, p. 1085), acionando uma cumplicidade, no que se poderia dizer, de significados, para o destino, que, após sua passagem, não será mais o mesmo.

Percebe-se, após essa incursão teórica, o turismo como uma relação de estranhamento, em uma trama subjetiva, que faz o sujeito se (re)conhecer, em uma densidade profunda, a partir do ambiente que se inscreve, se cria e se aciona, ou seja, em um substrato inscricional. Isso faz com que se tenham, novas possibilidades de (re)encontros e experiências com o outro e, até mesmo, na costura de teorias do turismo.

Essa primeira construção de um entendimento de turismo pode vir a facilitar a caminhada, em direção ao estudo do sujeito-devoto do Círio de Nazaré. Vale destacar que ainda não se fecha o pensamento em torno da construção do conceito e da problematização de pesquisa, uma vez que se transita, aqui, pelo primeiro elemento que compõe sua costura. Agora se direciona a discussão para a segunda parte da caminhada, a Hospitalidade.



## 4.2 HOSPITALIDADE: SEGUNDO ATRELAMENTO

Até este ponto, a discussão transita por caminhos e incursões conceituais, que vislumbraram (re)desenhar a ideia de Turismo. A proposição dada envolve uma relação de estranhamento, de um sujeito em meio a um processo de desterritorialização, para conviver e ressignificar o percurso.

Com isso, caminha-se para o campo conceitual da Hospitalidade. A ideia aqui é entender como foram se amarrando as teorias, para a identificação das marcas de hospitalidade e amorosidade das relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

Antes, porém, precisa-se ressaltar o imaginário construído pelo senso comum, fortemente pulsante na cidade, ao apresentar Belém como acolhedora e hospitaleira, no seu abraçar, no seu conversar e no seu bem receber. Isso se evidencia, uma vez que “o paraense [pode ser direcionado ao belenense] tem a fama de ser um dos melhores e mais calorosos e fraternos anfitriões do mundo.”. (DIÁRIO DO PARÁ, 2010).

Vale lembrar, neste ponto, os artistas que, através de seus poemas, musicalizam o sentimento pulsante na cidade. Como exemplo, pode-se destacar o instrumentista, compositor e cantor Nilson Chaves, que, em 1991, descreveu as impressões de um turista, vendo a Cidade da janela de um hotel: “[...] eu olho Belém da janela do hotel. As aves que passam fazendo uma zona, mostrando pra mim que a Amazônia sou eu [...] eu olho o futuro e pergunto pra insônia, será que o Brasil nunca viu Amazônia [...]” (CHAVES, 1991). Assim como ele, tantos outros poetas enaltecem a cidade, em torno do imaginário construído, de um local sobre o qual se fala da tradição, como vinculado ao acolhimento.

Essa assertiva, a priori, sem uma fundamentação científica, mas corriqueira, está nas falas de autoridades públicas, eclesiásticas, de artistas, professores, alunos, feirantes. Está no discurso do povo, que como forma de tratamento, chamam-se, em sua grande maioria, “[...] por ‘mano’ e ‘mana’, abrem as portas e o coração ao visitante. Tem um jeito muito especial de lidar com os turistas [...]” (DIÁRIO DO PARÁ, 2010). Neste sentido direciona-se o entendimento de hospitalidade, para uma visão de acolhimento.

É importante entender que a hospitalidade, assim como o turismo, é um fenômeno social, que “[...] constitui um dos pilares que sustentam a organização



teórica, as práticas e os sistemas estratégicos de planejamento turístico, na esfera pública e privada.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 4). O seu “estudo [...] implica um amplo e complexo contexto sociocultural, a partir do momento em que se criam ou implementam relações já estabelecidas.” (GRINOVER, 2002, p. 25).

Muitos caminhos levam ao entendimento de uma significação, que “deriva de hospice (asilo, albergue), uma antiga palavra francesa que significa ‘dar ajuda / abrigo aos viajantes’.” (WALKER, 2002, p. 4). Grinover (2002, p. 26) relata a ideia de um provável conceito, que “[...] teria aparecido pela primeira vez na Europa, provavelmente no início do século XIII, calcada na palavra latina hospitalitas, ela mesma deriva de hospitalis”. E poder-se-ia dizer, que, “ela designava a hospedagem gratuita e atitudes caridosas oferecidas aos indigentes e dos viajantes acolhidos nos conventos, hospícios e hospitais.” (GRINOVER, 2002, p. 27).

Salienta-se, quanto ao entendimento de hospitalidade “[...] estende-se para além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos de entretenimento [...]” (GRINOVER, 2002, p. 27), uma vez que se busca relacionar o sujeito-devoto do Círio, como corpo pulsante de uma engrenagem que se pauta pela experiência de desterritorialização. Assim, tem-se uma relação entre o acolhido e o acolhedor, para se traçar as marcas de hospitalidade.

É importante compreender a existência de duas linhas de pensamentos, que contribuíram no estudo das ‘experiências’ de hospitalidade, pautando-se, pelo entendimento doméstico e público, que se relaciona à ideia “francesa, com cerne teórico maussiano, cujo processo ritualístico abarca deveres fundamentais nas relações de troca (dar-receber-retribuir) [...]” e, a comercial, que tem na concepção americana, a sua discussão e, “[...] destaca o conjunto de atividades baseadas na transação monetária [...]” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014a, p. 1).

Mesmo com os trabalhos desempenhados por essas duas linhas de pensamento, ainda não há uma clara conceituação, que possa constituir em todos os seus elementos, a definição de hospitalidade. Camargo infere que toda “[...] ação de hospitalidade começa com uma dádiva.” (CAMARGO, 2005, p. 19). Já Grinover a considera “uma virtude e uma qualidade social” (GRINOVER, 2007, p. 27). Baptista apresenta a ideia “[...] de um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro.” (BAPTISTA, 2002, p. 157).

Já para o Papa Francisco (2015), em homilia proferida em Assunção, no Paraguai, relaciona a ideia de que a “Igreja, como a queria Jesus, é a casa da



hospitalidade”. Ele diz que é um fundamento central na espiritualidade de todo cristão. No artigo sobre hospitalidade e turismo, Gastal e Kunz (2014), inferem a ideia de que “a hospitalidade desponta como uma maneira privilegiada de se viver em conjunto, porém regidas por regras, ritos e leis.” (GASTAL; KUNZ, 2014, p. 100).

Baptista (2014b), em seu estudo sobre amorosidade e hospitalidade, apresenta a ideia de que, ambas, se identificam como potencializadas a partir de uma lógica pautada pela “[...] mutação da sociedade contemporânea, em busca de relações mais marcadas pela lógica da cooperação sistêmico-complexa, pelo acolhimento, pelo reconhecimento do valor do outro e do respeito às diferenças.” (BAPTISTA, 2014b, p. 44)

Grinover (2006, p. 32), retornando a discussão, discorre, em seu estudo, que “a hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade [...] acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço”. Com isso, observa-se que seu estudo, permeia a hospitalidade urbana, pautada pelas dimensões de “acessibilidade, legibilidade e identidade”, e em um mergulho pela compreensão da mobilidade urbana, que perpassa a qualidade de vida, a cidadania e a urbanidade (GRINOVER, 2006, 2009 e 2013).

O autor, a partir dessas averiguações, percebe a necessidade de um aprofundamento conceitual, uma vez que entende que este tema é “[...] complexo, mas portador de novas perspectivas e novos horizontes” (GRINOVER, 2013, p. 21). Através da análise, pautada pelas dimensões apresentadas, é possível um mergulho nas relações que se estabelecem entre campo e cidade, uma vez que ele entende que é um espaço que passa por constantes transformações (GRINOVER, 2013).

Nessa perspectiva, Matheus (2002) diz que uma cidade precisa se manter primeiro como “lugar de liberdade”, para, assim, ser capaz “[...] de receber e integrar seus moradores, sejam eles temporários ou não, desenvolvendo sentimentos de identidades, orgulho e cidadania, garantindo assim o bem-estar social [...]” (MATHEUS, 2002, p. 56). Como isso, considera-se o provimento de tessituras estruturais, no que se poderia dizer uma melhor qualidade de vida, em aspectos culturais, econômicos, e, principalmente em estruturas da mobilidade urbana, favorecendo assim a hospitalidade.

Cruz (2002) também aborda a hospitalidade, pautando-a por uma visão de cidade, calçada pela produção de um espaço turístico. Ela sistematiza a temática



como um fenômeno urbano, que se consolida através de uma natureza: sociocultural, profissional, política e espacial.

Esse fenômeno turístico pode, assim, caracterizar um 'espaço sociocultural', onde "[...] acolher um visitante é um ato social, culturalmente construído". Há também a dimensão profissional, ligando a ideia de espaços e "[...] serviços criados para atender aos hóspedes ou aos visitantes de um dado lugar [...]" (CRUZ, 2002, p. 41-42). Já a ideia construída pelo imaginário político pauta-se por "[...] ações da iniciativa privada e como do setor público [...]". E a visão espacial direciona os "[...] espaços urbanos e rurais [onde] residentes e visitantes ocupam posições diferenciadas." (CRUZ, 2002, p. 42).

Como se pode notar, "a temática da hospitalidade remete a reflexões multidimensionais a partir de diferentes perspectivas e, em especial, quando associada à área do Turismo" (PERAZZOLO et al. 2016, p. 539). Tem-se, no caso uma complexa trama conceitual, que direciona para múltiplos olhares.

Schneider (2013) percebe esta ideia "[...] de igual modo, intrinsecamente relacionada com o espaço, englobando muito mais do que uma atitude cordial. Trata-se, portanto, da hospitalidade instaurada a partir das relações entre as pessoas e com o espaço." (SCHNEIDER, 2013, p. 62).

Para Baptista (2002) "a hospitalidade então apresenta-se como experiência fundamental, constitutiva da própria subjetividade, devendo como tal ser potenciada em todas as suas modalidades e em todos os contextos de vida." (BAPTISTA, 2002, p. 158). A ideia que a autora constrói parte de uma alteridade, da busca pela relação humana, onde "[...] a noção de hospitalidade refere-se a um modo fundamental de ser-se pessoa, sendo com e para o outro em comunidade de solidariedade e justiça." (BAPTISTA; AZEVEDO, 2014, p. 143).

Pensar, então, acolhimento é um desafio. Percebe-se, na incursão conceitual, a exemplificação dos diferentes modos de se debruçar para o estudo. Com isso, a busca por um aporte teórico se torna algo complexo, uma vez que se relaciona a um fenômeno humano e que se aproxima constantemente de um deslocamento entendido como turismo.

Tem-se, então, o que Santos e Perazzolo (2012) dizem quando aproximam a relação do turismo e do acolhimento, tratando-os como "[...] as experiências vividas pelos sujeitos primariamente acolhidos e primariamente acolhedores, tendo como



suposto que as experiências são processos que traçam as marcas da memória [...]” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 4).

As autoras dizem que essas experiências estabelecem trocas entre os sujeitos, onde o que está na “[...] condição primária de acolhimento, se sentirá tão mais acolhido quanto mais intensas forem suas experiências de prazer e de aprendizagem, desencadeadoras das mudanças vivenciadas e testemunhadas pela memória.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 4). Já o outro, que se coloca também na relação, mas na condição de acolhedor, “[...] poderá experimentar prazer e aprendizagens promotoras de mudanças, como efeito inevitável das trocas relacionais.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 4).

Ressalta-se, aqui, a ideia apresentada por Schneider (2013), ao dizer que “a hospitalidade encontra-se na relação com o outro, sendo marcada pela percepção mútua dos desejos que são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em uma nova mensagem dotada de novos significados [...]” (SCHNEIDER, 2013, p. 61). A relação de troca, em que os sujeitos se dispõem a viver, se estabelece no que a autora infere como “[...] um ciclo interativo que permite a geração de novos saberes.” (SCHNEIDER, 2013, p. 61).

Propõe-se aqui o resgate da questão de pesquisa deste estudo. A ideia apresentada foi da busca pelas marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos [...]. Então, tem-se que pensar como inferir a sugerida análise das marcas que pulsam dos sujeitos averiguados, relacionando-os ao atrelamento teórico até agora apresentado?

Nas trilhas metodológicas, no capítulo segundo, a ideia apresentada partiu de três perspectivas (imaginado, experienciado e inferido), para se estabelecer a averiguação. Já neste subcapítulo, busca-se atrelar a ideia de acolhimento/hospitalidade aos sujeitos que foram identificados na festividade Círio de Nazaré. Não se deve esquecer que eles têm marcantes traços de fé e devoção e fazem parte de um ‘corpo que se movimenta’, visto no terceiro capítulo, como uma prática social, denominado Círio.

Isso posto, já que esse corpo parte de uma relação pautada por múltiplos atravessamentos, poder-se-ia entendê-lo, como um sujeito coletivo, que busca se relacionar com outros sujeitos, mas individuais, grupais e também coletivos.

Considerando esse objeto de estudo, apresenta-se a proposição do ‘Corpo Coletivo Acolhedor’, que pode ser considerado a uma “[...] relação de hospitalidade



que pressupõe sujeitos na perspectiva singular e coletiva” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 7). O conceito é apresentado por Santos e Perazzolo (2012, p. 7), e “[...] tem como por suposto o acolhimento como espaço fenomênico em que os sujeitos da relação se reconhecem, interagem e se hospedam mutuamente; [...]”. As autoras inferem, dizendo que a relação que se estabelece durante a dinâmica do acolhimento parte da ideia de um “[...] corpo que se personifica na representação evocada por seu nome, e que dá forma e identidade às comunidades.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 8).

Precisa-se antes entender que o corpo, como dito, é singular, pois “[...] se dá [...] no encontro de corpos humanos de idêntica natureza”, e ao mesmo tempo coletivo, uma vez que é constituído “[...] por grupos humanos, por suas organizações estruturais e funcionais; seus elementos do entorno; seus recursos internos disponíveis ou passíveis de serem explorados [...]” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 7).

É importante lembrar, que, no subcapítulo de turismo, também é apresentado uma relação de encontro entre corpos, onde Baptista (2016) infere a compreensão de um processo de desterritorialização que impulsiona o sujeito a ressignificar o novo território, a partir de substratos inscricionais. Poder-se-ia dizer que, aqui, esses substratos seriam entendidos como “[...] dimensões fundamentais do tecido social [...]” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 9), pautando-se por “três vértices” que, de forma triangular, se relacionam entre si e delimitam “[...] o espaço em que o fenômeno do acolhimento e as práticas de hospitalidade se organizam e se desenvolvem.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 8).

Para uma melhor compreensão, as autoras sistematizam os vértices, atrelando-os ao entendimento de: “A) conjunto de serviços”, “B) organismo gestor” e “C) conhecimento e cultura”. Eles correspondem, “[...] a fragmentação da ‘totalidade’ expressa na triangulação, [...] concebida com vistas a potencializar a análise do fenômeno do acolhimento, mantendo abarcados os elementos tangíveis e intangíveis das organizações sociais.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 9).

Compreendendo-se que o vértice ‘A’ corresponde ao conjunto de serviços, e se estabelece pela dinâmica comercial e econômica, no que tange às possibilidades de compras, serviços e atendimentos em um determinado segmento. Já o vértice ‘B’ tem como foco o organismo gestor, dentro de possibilidades de um corpo operacional público e/ou privado, que tem como base a gestão de elementos



constituintes de um sistema, pautado pela infraestrutura, acessos, comunicação, e, qualquer outro meio de contribuição para a realização da ação que este esteja gerindo. O último vértice 'C' que direciona a análise de um sistema que vislumbra o conhecimento e a cultura envolve uma relação de troca entre as comunidades, saberes e valores (SANTOS; PERAZZOLO, 2012).

Com o exposto, e levando em consideração que, neste estudo, busca-se caracterizar as marcas de hospitalidade, as autoras inferem que os vértices “[...] se tomados como categorias, permitem agrupar os diferentes elementos que integram os discursos do turista/visitante, viabilizando uma leitura efetiva das características que marcam o perfil da hospitalidade das comunidades.” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 13).

Assim, o corpo coletivo acolhedor caminha atrelado ao turismo, não como uma nova conceituação para acolhimento, mas como possibilidade de identificação das marcas que pulsam nas narrativas dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré. Com isso, desloca-se para o terceiro ponto que corresponde à Subjetividade do estudo.

#### 4.3 AMOROSIDADE: TERCEIRO ATRELAMENTO

O (re)desenho feito para o turismo e para a hospitalidade vem sendo costurando, a partir do diálogo que se estabelece pelos laços afetivos que pulsam do sujeito. Em uma perspectiva pautada pelo estranhamento, em um processo de desterritorialização, do encontro com o local a ser (re)conhecido, em uma tríade relação de afetivação, ressignificação e acolhimento.

A ideia que vem se estabelecendo traça o reconhecimento de um sujeito, que, neste momento, precisa ser identificado, para que se continue o diálogo relacional deste trabalho. A proposta é fazer uma incursão pela subjetividade, que costura os caminhos da pesquisa, ou seja, apresentar o sujeito que permeia o estudo.

O sujeito, aqui, é pulsante, em si e no outro. Não como indivíduo, sozinho em um círculo do seu eu, vivendo somente para si, sem compartilhar experiências, saberes, desejos e vontades. Percebe-se esse sujeito, como alguém que não vive “individualmente, isoladamente. ‘O sujeito só existe em relação ao Outro e o Outro é tudo o que é não eu.’” (BAPTISTA, 2004, p. 3).



Tem-se, então, relações de aceitação subjetiva, de alteridade, que embora reconheçam e vivam diferenças, são construídas pelas condições efêmeras do encontro. Assim, o sujeito investe no convívio com o outro, e o outro, com ele, em uma interação de “encontro de corpos.” (BAPTISTA, 2004, p. 4).

Ao falar da interação de encontro de corpos, Baptista (2004, p. 4) infere, dizendo que são “sujeitos que se encontram, como espécie de ‘corpos-existência’ e, nesses encontros, transformando-se, misturando-se na informação partilhada. Produção múltipla, produção conjunta, inter-ação, trans-form-a-ção.” (BAPTISTA, 2004, p. 4). Esses sujeitos vão passando por um processo de coexistências, significações, que, vão se consolidando na construção de laços afetivos.

Segundo a autora, trata-se de laços de afeto, não necessariamente de concordância. Constituem uma relação de respeito, de aceitação e de reconhecimento das diferenças, em uma caminhada de “amorosidade”. Assim, os laços afetivos ou, mesmo, de amorosidade, se estabelecem não a partir de “[...]. laços de concordância, de idealização, de anulação do eu, em relação ao Outro, mas de aceitação na convivência.” (BAPTISTA, 2004, p. 4). A premissa é a de cuidado com o outro, de investimento na convivência, na ética da relação.

O entendimento de amorosidade parte da potencialização do amor, trabalhado pelo biólogo Humberto Maturana (1998), que o identifica como “a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência [...] amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências” (MATURANA, 1998, p. 67). Já a noção de subjetividade está pautada pela visão de Félix Guattari (1992), que infere seu desenvolvimento como “produzido por instâncias individuais, coletivas e institucionais.” (GUATTARI, 1992, p. 11).

Considera-se amorosidade como elemento constitutivo, para as relações do sujeito. Nesse sentido, é importante entender, primeiramente, o que se apresenta como definição. A palavra é um substantivo feminino que se relaciona a uma qualidade ou virtude de “tornar-se amoroso”. Por sua vez, ‘amoroso’ é um adjetivo, que caracteriza “quem tem ou que sente amor”, e este, o ‘amor’, se identifica como um substantivo masculino, expresso por um “sentimento de afeição”, “apego”, “dedicação”, “paixão”, “forma carinhosa de dirigir-se a alguém” de forma amorosa (BORBA, 2002, p. 76).



O sentimento literal de amor é impreciso. Tem uma definição pulverizada em vários entendimentos. Vamos, então, tentar avançar na perspectiva expressa neste trabalho. Para Maturana (1998, p. 22), o amor “é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência.”. Assim, olhando para essa emoção, que pulsa nas interações com o sujeito, direciona-se para a relação de amor descrita na carta encíclica ‘Deus Carita Est’, ou seja, ‘Deus é Amor’, onde o Papa Bento XVI (2005, p. 3-6) infere a uma relação da tríade: ‘eros’ – “como termo para significar o amor mundano”; ‘philia’ – “amor de amizade”; e, ‘ágape’ – “como expressão do amor fundado sobre a fé e por ela plasmado”; no intuito de levar a compreensão o sentido, visto pela a igreja.

Ele entende que, para se desenvolver o amor, precisa-se partir de um verdadeiro caminho, em que “[...] torna-se cuidado do outro e pelo outro [...] já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes, procura-o.” (BENTO XVI, 2005, p. 5).

Neste sentido, o Papa Bento XVI (2005) diz que não se pode distanciar os sentimentos ‘eros’ do ‘ágape’, para, distintamente caracterizar o amor, uma vez que são essenciais para as relações “[...] básicas e vitais da existência humana e constituiria um mundo independente, considerado talvez admirável, mas decididamente separado do conjunto da existência humana.” (BENTO XVI, 2005, p. 6). Ele entende, portanto, ser importante a correlação e não a separação.

Ele segue dizendo que, “quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral”. Trata-se de uma realidade, pautada entre a relação da vivência cristã trina (Deus pai, Deus filho, Deus Espírito Santo) com a vivência humana. (BENTO XVI, 2005, p. 6).

O amor “é emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 23), seja ela, constituinte da vida humana ou de fatores sociais, é que se traça o caminho da subjetividade.

Pensar amorosidade é direcionar o sujeito a “um campo de forças múltiplo, complexo, marcado por múltiplas influências [...] desde sua família, suas tribos, sua musicalidade, suas preferências” (BAPTISTA, 2001, p. 8) e levando em conta os



atravessamentos que passam dele para o outro e do outro para ele. A aceitação do outro, coloca o sujeito em constante movimento. Este por sua vez, se desloca de seu ambiente existencial como forma de redesenhar a imagem de si em um campo múltiplo, no que tange o reconhecimento das potencialidades de reinvenção de si.

Não se pode tratar o sujeito como um ser geral e individual tem-se, que levar em conta os elementos “[...] parciais e heterogêneos de subjetividade e de Agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, intrapessoais.” (GUATTARI, 1992, p. 162).

Essas reflexões são importantes para (re)pensar o sujeito do turismo em sua complexidade, ampliando a visão que se estabelece, uma vez que ele não se restringe à condição de público, em um determinado segmento. Precisa-se, identificar as potencialidades e os elementos que o compõem e estão mais pulsantes, em sua movimentação.

É importante se conhecer, neste momento, o diálogo com Felix Guattari (1992), para se compreender a discussão de subjetividade, que parte de uma relação de um campo com múltiplos elementos. Estes elementos levam ao entendimento de agenciamentos coletivos ou máquinas desejantes, assim como de subjetividade maquínica, que é considerada aqui neste trabalho, a partir da relação de amorosidade.

A máquina, dita aqui, tem dimensões subjetivas. O que quero dizer com isso? Não se pensa nela somente como objeto de uma concepção mecânica, técnica, operacional, mas se compreende como composta por elementos que não funcionam sozinhos, isolados, mas que se constituem de engrenagens que se ativam por meio de afetivações acionadas pelo sujeito, ou seja, em meio a uma subjetivação.

A ideia de afetivação, na perspectiva de Guattari (1992, p. 14), direciona a apresentação de três componentes do maquinismo de subjetivação, que são: “semiológicos significantes”, “elementos fabricados” e, “dimensões semiológicas a-significantes”; cada um desses direciona para a produção da subjetividade pulsante no sujeito.

Nesta perspectiva, a ‘semiologia significativa’, tem-se como componentes elementos constitutivos “[...] através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte.”. Já na visão dos ‘elementos fabricados’, temos um



apelo mais midiático, ou seja, produzidos “[...] pela indústria da mídia, do cinema, etc.” (GUATTARI, 1992, p. 14).

As ‘dimensões semiológicas a-significantes’, no que tange à afetivação pulsante no sujeito, apresenta-se como uma relação que coloca em funcionamento “[...] máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.” (GUATTARI, 1992, p. 14).

Evidencia-se aqui, o reconhecimento visto por Baptista (2013, p. 7) de “[...] processos sutis, do que se pode chamar de comunicação abstrata, na constituição de campos significacionais, na interação de sujeitos, entre si e como o meio ambiente”, ou seja, o entendimento dos “agenciamentos dos Equipamentos Coletivos da Produção da Subjetividade.” (BAPTISTA, 2013, p. 7).

Trata-se, no que a autora infere, como um processo de “desterritorialização desejante”, que envolve a compreensão de processos que passam o sujeito em um espaço-território, em uma interação mútua entre si e o ambiente (BAPTISTA, 2013, p. 8). Desterritorialização, como inferido no subcapítulo de turismo, e retomando agora a conceituação, “[...] implica uma saída do território existencial, dessa configuração subjetiva, que pode ser tanto de um sujeito em particular, quanto de um grupo de sujeitos ou de um lugar [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

Isso leva a entender que o sujeito, sai de um espaço conhecido, e se insere em um ambiente desconhecido, fazendo com que ele, agora, em um novo local, “[...] se despreja do ‘si mesmo’, das amarras territorializadas dos maquinismos de subjetivação dos seus territórios existenciais” (BAPTISTA, 2014c, p. 102), para um encontro com o outro, como em um jogo, que o reinventa e, agora não será mais o mesmo, após o processo de afetivação com o novo.

Percebe-se um atrelamento as experiências de estranhamento no turismo, fazendo com que o sujeito, através de uma trama subjetiva se inscreva nesse novo e desconhecido ambiente. Tem-se aqui a ideia de um sujeito Maquínico contemporâneo “forjado em série, marcado por uma ordem capitalística mundial, seguindo tendências do mercado, ao mesmo tempo em que se aventuram em processo de singularização” (BAPTISTA, 2001, p. 8) e, (re)descobertas. A visão desejante parte, dos acionamentos do desejo, “[...] o que implica no agenciamento



de uma matriz de força mobilizadora, que também pode ser denominada de agenciamentos de potência, de potencialização.” (BAPTISTA, 2016, p. 1087).

O sujeito se impulsiona a vivenciar algo, por uma vontade de buscar experiências novas, desafiadoras, conscientes ou não, do desejo de ir além do que já se foi, com isso, “[...] o movimento, o deslocamento, a desterritorialização decorre da ação dessa força desejante.” (BAPTISTA, 2016, p. 1087).

Com isso, apresenta-se o sujeito, em um processo de descoberta e afetivação com o novo território, pulsante em um processo de desterritorialização, pautado por uma força desejante, que o transforma, o reinventa e o movimenta a experimentar a ação de troca e aceitação do outro como legítimo outro na convivência, ou seja, se permitir a desenvolver através da amorosidade, uma relação subjetiva de repeto.

#### 4.4 RELIGIOSIDADE: O QUARTO ATRELAMENTO

É interessante trazer à discussão a ideia de religiosidade. Haja vista, que muito se tem pensado sobre como defini-la ou mesmo apresentá-la em um aporte religioso, cultural, social, antropológico, enfim, dentro de uma concepção que, às vezes, possa não conseguir reunir em uma única teoria, a multiplicidade de seus elementos.

Convém, antes de tudo, apresentar o entendimento que fundamenta o percurso da religiosidade. Nesse sentido, ao pensar a Religião, percebe-se que o (ser)humano passou (e ainda passa) por ‘mutações’ da lógica religiosa que se estabelece, no que tange à relação do ser superior (sobrenatural, podendo ser considerado como Deus) com o eu humano.

Então, pensar hoje religião ou, mesmo, o que a caracteriza, vai muito além do seu significado, pois “as práticas propostas pela estrutura religiosa formal têm sido progressivamente reinterpretadas pelo povo à luz de sua experiência cotidiana concreta.” (GASPAR, 2002, p. 23). Essa ideia vai ao encontro do pensamento trabalhado por Schneider (2013, p. 25), quando fala que “ao longo dos tempos, o campo religioso vem passando por transformações que são responsáveis por criar/instituir um universo complexo de crenças.”.

Em vista disso, Greschat (2005, p.17) contribui, quando diz que “a palavra ‘religião’ é como um labirinto.”. Através de uma pequena viagem por alguns



conceitos, seria possível chegar a uma complexa trama de definições. Embora se tenha avançado, na busca por defini-la, não se pode dizer que se tenha chegado a uma visão completa do termo. Corroborando com essa premissa, Krindges (2016, p. 81) diz que “[...] é algo extremamente amplo e trabalhoso de empreender, e requer tomar-se em conta o curso da história, as inúmeras análises filosóficas, antropológicas, teológicas, entre outras”.

Hock (2002, p. 17) vem colaborar, na discussão, e diz que “[...] um dos problemas na definição do termo ‘religião’ reside no fato de que o próprio termo nasceu num contexto cultural e histórico muito específico. – num primeiro momento, pertence à história intelectual ocidental.”. Etimologicamente<sup>20</sup>, a palavra deriva do latim “*Religio*”, e faça referência à ligação de um ser divino com o ser humano.

Durkheim (1996, p. 4) entra na discussão, ao dizer que “a religião só pode ser definida em função das características que se encontram por toda parte onde houver religião”. Então, ao pensar uma definição, temos que averiguar as particularidades que se constroem na relação do sentimento vivenciado por um ser religioso a um ser sobrenatural.

O autor ainda nos fala que esse vínculo (relação) nos coloca em um universo de mistérios, em um mundo desconhecido, “[...] incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro” (DURKHEIM, 1996, p. 5), ou seja, qualquer entendimento racional para explicar o fato.

Retomo o diálogo com Krindges (2016), que, logo no início do seu trabalho, pautado pelo estudo de Freud diz que a religião pode ser considerada como “[...] mecanismo ou processo psicopatológico, descrevendo a neurose obsessiva, em seus atos obsessivos e ritos cerimoniais, como correlatos com a formação da religião.” (KRINDGES, 2016, p. 13).

Para a Igreja Católica, o sentido de religião é ligado à ideia de uma virtude de justiça, na qual o sujeito em um ato de culto, se liga a Deus e ao próximo, em uma relação harmônica, no “[...] que diz respeito ao que é justo, correto ou direito

---

<sup>20</sup> Etimologia da Palavra Religião: “A origem é discutida, apresentando-se, entre outras, o verbo RELIGARE, “atar firmemente”, de RE-, intensificativo, mais LIGARE, “unir, atar”, pelo sentido de “atender a uma obrigação” ou mesmo “laço entre o ser humano e o divino”. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/religiao/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.



nas ações humanas, isto é, nas relações com o outro, mesmo quando aí não houver uma igualdade ou dívida rigorosas.” (NASCIMENTO, 2008, p. 86).

É importante entender que a Virtude, para a Igreja Católica, pauta-se por uma “[...] disposição habitual e firme para fazer o bem. Permite à pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si. Com todas as suas forças sensíveis e espirituais, a pessoa virtuosa tende ao bem, procura-o e escolhe-o na prática.” (IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 485).

As virtudes são entendidas por dois caminhos, as Teologais, que, por sua vez, são graça infusa por Deus, derramada no momento do Batismo, e são reconhecidas como fé, caridade e esperança, e as Cardeais ou humanas, que “[...] são disposições estáveis da inteligência e da vontade que, regulam nossos atos, ordenando nossas paixões e guiando-nos segundo a razão e a fé” (IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 485), que podem se agrupadas como prudência, justiça, fortaleza e temperança.

Percebo portanto, que, na tentativa de buscar uma real definição, deparo-me com teorias que, por vezes, aproximam e distanciam o entendimento de religião a uma ligação entre o que possa ser considerado divino (ou sagrado, ou Deus) com os sentimentos emanados pelo homem que, vez ou outra, busca uma relação de instituição-sujeito, para explicar as mudanças que se passam na vida e no mundo. Durkheim (1996, p. 32) reaparece, ao dizer que a religião pode ser definida como um “[...] sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem.”.

Diante dessas visões, questiona-se sobre, o que poderia ser compreendido como Religião. Posso inferir, trazendo à discussão as palavras do evangelho de Jesus, segundo Marcos. Quando questionado sobre os mandamentos de Deus, Jesus responde aos fariseus “[...] amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e [...] amarás o teu próximo como a ti mesmo.”. (BÍBLIA, Marcos 12, 30-31, 1991).

Vejo aqui, a existência de três amores: o amor a Deus, o amor ao próximo e o amor ao ‘eu’. Tem-se uma união trina de amores, mas não romantizada, carnal, pensada por uma perspectiva sexual. Trata-se, de uma relação de respeito, (re)conhecimento fraterno e, acima de tudo, de convivência.



Então, no meu entendimento, religião poderia vir a ser uma relação de cumplicidade entre o algo sagrado (considerado por mim como um Deus) e as pessoas (entendida na convivência do 'eu' com o outro), manifesta pela experiência vivencial do reconhecimento das diferenças, do respeito e do amor.

Por essa ideia, encaminha-se o deslocamento da compreensão da religiosidade, vista pelo lado católico como piedade e/ou espiritualidade, e, pelo lado Científico como um valor social da relação do homem com a religião, independentemente de crenças ou dogma de fé. Vale ressaltar que não há intenção, neste texto, no sentido de caracterizar essa identificação, como algo sagrado à luz católica e profana, pelo lado científico. Até porque, a meu ver, isso seria restringir os elementos constitutivos a uma construção pautada pelo mundo das diferenças. Desse modo, estaria inferindo distância entre a relação de cumplicidade existente entre o ser divino e o ser humano, assim como, também, na relação que se constrói nessa pesquisa, dos sujeitos-devotos. Então, entende-se que reduzir a essa análise (sagrado e profano) é descaracterizar o valor espiritual em volta da religiosidade.

É interessante perceber, com isso, que a costura dos atrelamentos, nos subcapítulos anteriores, alinhavou um percurso de trilhas conceituais, que buscou redesenhar o campo de pesquisa do turismo, da hospitalidade, da amorosidade e da religião.

Quando se pensa iniciar um estudo, vivenciado pela relação do fenômeno do turismo e da religião, é comum atrelar-se a ideia de uma movimentação empreendida como turismo religioso, peregrinação e/ou romaria. Steil (2003) fala que muito se vem dialogando sobre a "tríade" relacional do "turismo", da "peregrinação" e da "romaria", e quando se atrela a ideia dessa temática, voltada para os vocabulários específicos, denotam-se "[...] filiações ideológicas, posições hierárquicas e visões de mundo diversificadas dentro de um campo heterogêneo de práticas sociais e crenças religiosas [...]" (STEIL, 2003, p. 30), que hora se relacionam e se distanciam na sociedade.

É preciso, antes, entender que ambos os significados são postos em movimento por sujeitos, que, muitas vezes, caminham em direção a algo visto como sagrado, em busca de acolhimento espiritual, retribuição a uma graça alcançada e como sinal de fé.

Como já dito anteriormente, a Igreja Católica entende a religião como uma virtude de justiça. E assim, tanto o sentimento de fé como o de devoção tornam-se



um ato de culto, de uma vontade pronta, ou seja, uma entrega a tudo que se liga ao 'sobrenatural', entendido como Deus e/ou um Santo. Oliveira (2004) entende que "a fé é e continuará sendo uma qualidade híbrida – divina/humana, sagrada/profana – capaz de justificar imediatamente grandes viagens em busca de algo que transcende o cotidiano" (OLIVEIRA, 2004, p. 14), e que pode levar a um deslocamento, entendido como peregrinação.

Já o Ministério do Turismo, entende que essa movimentação, "[...] configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas" (BRASIL, 2010b, p. 19). Compreende, assim, o deslocamento como turismo religioso.

Schneider (2013) acredita que essa movimentação de fé, entendida como turismo religioso, "[...] apresenta-se como um fenômeno múltiplo, de caráter complexo, abrangendo diferentes significados e motivações e podendo ser analisado e compreendido por meio de abordagens diversas." (SCHNEIDER, 2013, P. 36).

Então, o que realmente pode ser entendido, da experiência vivenciada pelo sujeito que participa da festividade Círio de Nazaré, lembrando que essa relação não se pauta pela identificação de turismo religioso? A Arquidiocese de Belém acredita que a ideia, parta de uma "[...] prática religiosa, pautada por uma raiz mariana, não podendo separar o paraense e o belenense, do sentimento devocional que é ofertado a Maria" (Informação verbal)<sup>21</sup>.

Outra ideia, a respeito desse sentimento, ou mesmo, experiência, está muito atrelado à vivência plural, que veio se construindo no Brasil, na relação entre a pessoa e a religião. Gaspar (2002) acredita que fatores ligados à colonização, através da "[...] combinação de crenças e costumes dos vários povos ameríndios, africanos e europeus que participaram da formação cultural brasileira" (GASPAR, 2002, p. 7), podem elucidar o entendimento da prática devocional.

Com isso, olhando para a linha histórica, da colonização e da influência desses povos, percebe-se que no Brasil houve uma grande mistura de expressões e sentimentos, pautados pela relação de traços culturais, presentes durante os primeiros tempos, que podem vir a justificar a relação sincrética vivenciada, hoje, na religião do país.

---

<sup>21</sup> Entrevista fornecida por Dom Alberto Taveira, Arcebispo Metropolitano de Belém, em 2016.



Digo isso, trazendo como exemplo, os povos que foram acima citados. Os ameríndios atrelavam suas relações entre duas perspectivas. A primeira, direcionada à natureza, que personificava nos animais, nos espíritos e/ou nos guardiões, a ideia de que tudo que existia, tinha um ser protetor, que poderia ser denominado como 'mãe'. Outra fazia relação, aos “deuses criadores e heróis civilizadores masculinos”, que geralmente eram evocados em momentos de “ritos fúnebres”, de proteção em uma batalha, e entre outros momentos necessários (GASPAR, 2002, p. 7-8).

Já os povos africanos, contavam com dois traços importantes, tinham uma “hierarquia sacerdotal”, onde as “[...] mulheres eram responsáveis pelo contato direto com os deuses, através do êxtase ritual e dos cuidados do templo; os homens cuidavam da adivinhação e da cura.” (GASPAR, 2002, p. 9).

Os europeus trouxeram a tradição cristã como forma de expressão da fé. É importante entender, nesta tradição, trazida principalmente pelos portugueses, a existências de dois traços fundamentais. O primeiro faz alusão à relação de um Deus, que envia seu filho à terra, como figura salvífica da humanidade. Outra faz referência a essa mesma ideia de um Deus, agora Trino, que se apresenta como três pessoas em uma (Pai, Filho e Espírito Santo), tendo a figura feminina, de uma mãe, como símbolo presente na relação. (GASPAR, 2002, p. 11)

Essa segunda ideia, muito presente, nos locais de colonização portuguesa, se deu pela influência de “[...] populações milenarmente enraizadas e dedicadas ao culto da mãe-terra e das forças da natureza [...]” (GASPAR, 2002, p. 11), direcionando-se assim, a relação religiosa, ao culto a Virgem Maria. Muitos defensores do cristianismo foram se formando, durante toda a primeira trajetória da denominação religiosa cristã. Mortos e transformados em mártires, esses foram canonizados e transformados em Santos da igreja e de profunda devoção da população católica. Com isso, “[...] os negros e caboclos do Brasil aproveitaram essa face mais benévola, flexível e abrangente, utilizando as figuras de Cristo, da Virgem e dos Santos para compor uma religião popular complexa e rica.” (GASPAR, 2002, p. 11).

Hoje, percebe-se que o culto aos santos da igreja católica dá ao intercedido à ideia de que aquelas pessoas que se destacaram “[...] como mártires da fé ou por uma vida de santidade, o que lhes permitiu tornarem-se intercessores de milagres”



(GASPAR, 2002, p. 124), têm o dom de ser o caminho mais rápido de contato com Deus.

Salienta-se que o culto que vem apresentando, um maior envolvimento, no cenário religioso católico, é o mariano. Isso se exemplifica, porque a ideia que é atrelada a Maria se faz pela ligação à mãe do Salvador, a sua pobreza, por ser uma “[...] mulher humilde, confiante em Deus [...] forte, intrépida, corajosa” (BOFF, 2006, p. 73), e que tem “[...] múltiplas personalidades, de acordo com as fases da sua vida, com seus milagres e aparições; e cada uma Senhora atende preferencialmente a um tipo de pedido.” (GASPAR, 2002, p. 125-126).

É importante entender que a Virgem Maria teve um papel preponderante no desenvolvimento histórico, social e eclesial dos povos da América Latina e Caribe. Pode-se perceber a existência de três momentos de profunda influência no cenário “histórico-ecclesial”. O primeiro, já relatado anteriormente, onde a presença da “Grande Mãe Protetora” se fez necessária como colaboradora da preservação dos traços culturais dos povos colonizados (BOFF, 2006, p. 31-32).

A segunda liga a ‘pessoa’ de Maria a uma imagem “nacionalista”, onde Ela é vista como “[...] a grande defensora e a patrona da respectiva nação em sua reivindicação de liberdade política” (BOFF, 2006, p. 32), tendo vezes, características de “Rainha” e “Generala”, fortalecendo o ícone da afirmação político-social-ecclesial dos locais em conflito e/ou expansão. Assim, sua presença é “socialmente forte” desde o início, em países como “México”, “Guatemala” e “Peru”, em outros, ela apenas participou do fortalecimento histórico, como é o caso da “Nicarágua”, “Chile”, “Argentina”, “Uruguai” e “Brasil” (BOFF, 2006, p. 32-33).

O terceiro momento, identificado a partir do Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, coloca a Igreja, não só da América Latina, mas do Estado do Vaticano, em uma releitura da sua doutrina, e mais envolvida na sociedade, no que se pode dizer, nos valores da fé, tendo Maria, como corpo inspirador do povo de Deus (BOFF, 2006). Essa fase marca um momento de transformação no cenário religioso. Maria é posta aos cristãos, católicos, como sinal de principal culto, mas não de adoração, uma vez que a igreja entende que isso é feito somente a Deus Trino. Ela, por sua vez, representa um meio de veneração e devoção.

Trazendo a ideia para o cenário do Brasil, um forte traço desse sentimento de veneração, diz respeito ao uso de símbolos, que representam os sinais devocionais a Nossa Senhora, como a “[...] a reza da Ave-Maria, da Salve-Rainha,



do Ângelus e do Rosário [...]” (BOFF, 2006, p. 218), que são expressões fortes vivenciadas pelo sujeito católico.

Outros símbolos de veneração que podem ser atrelados a Ela, diz respeito às festas em sua homenagem, as viagens de visitação a santuários em sua honra, e “[...] a linguagem popular, permeada de interjeições marianas (Virgem!, Nossa Senhora!, Ave Maria! etc.), os nomes de mulheres (Maria, Maria das Graças, Ana Maria, Dora, Imaculada etc.)” (BOFF, 2006, p. 218) muito utilizados dentro da sociedade.

De acordo com Boff (2006), “só no Brasil encontram-se quase 40 toponímicos trazendo o nome de ‘Santa Maria’, inclusive o antigo nome da atual Belém, que era Santa Maria de Belém do Grão Pará” (BOFF, 2006, p. 218), teve sua origem, como já vista aqui, inserida nesse contexto histórico. Infere-se, então com isso, que o sentimento que permeia o sujeito que presta culto a Maria, é reflexo de todo essa conjuntura social que veio se construindo dentro do cenário religioso e, principalmente, de expansão e domínio dos grandes colonizadores da época.

A igreja católica entende que a veneração prestada a Nossa Senhora, gira em torno da expressão de fé, de um sujeito, que vivencia um sentimento de encontro com algo sagrado. Com isso, o entendimento que se tem sobre a fé, dentro do deslocamento de culto, é a de religiosidade popular. Para a Igreja, a denominação mais correta, desse ato de devoção, seria de piedade popular.

O termo piedade é usado pela igreja, como recurso “teológico”. Já a religiosidade, tem um olhar “[...] mais para a esfera sociológica” (BOFF, 2006, p. 550). Ambos os sentidos, tem importância, mas o uso da piedade se faz como escolha, que vem sendo designada pelo magistério religioso, desde “Paulo VI” (BOFF, 2006, p. 550). Entretanto, acredito que tanto a piedade como a religiosidade, são termos que podem ser utilizados nessa pesquisa como expressões covalentes, uma vez que traçam perfeitamente o sentimento vivido pelo sujeito-devoto.

A compreensão que se tem, da religiosidade ou piedade popular, para a igreja católica, gira em três ideias centrais, onde a expressão ‘popular’ pode designar uma religiosidade, que se pauta “de todo o povo”, “dos pobres” e por “não-oficial” (BOFF, 2006, p. 551).

Para uma religiosidade popular, que se liga a todo o povo, Boff (2006, p. 551) explica que parte da compreensão “[...] das multidões católicas, da massa dos fiéis, sejam eles ricos ou pobres, gente da cidade ou do campo, praticantes ou não



praticantes”. Já para a inferência de uma ligação com os pobres, se faz pautada pela relação que se criou em ter a igreja católica como “[...] a religião das ‘classes populares’, que são as ‘classes pobres’ [...] em sua imensa maioria, as ‘multidões’ [...]” (BOFF, 2006, p. 551).

A outra relação, que se atrela a religiosidade popular a uma ideia ‘não-oficial’, “trata-se de um catolicismo mais espontâneo e informal, diferente do oficial e racionalizado dos pastores, teólogos e leigos cultos [...] é apenas outro, por se vestir com hábitos da cultura dos simples [...]” (BOFF, 2006, p. 551), ou seja, não se prende em a ritos rígidos.

Faz-se necessário a compreensão, que, de acordo com a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (2011), a expressão empreendida ao culto a Maria, não desvaloriza o sentimento espiritual que circunda a vivência popular, já que se entende que a fé, presente de variadas formas, permeia “[...] os setores sociais, em uma multidão que merece [...] respeito e carinho, porque sua piedade ‘reflete uma sede de Deus que somente os pobres e simples podem conhecer’.” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, 2011, p. 120).

A Arquidiocese de Belém, diz que “a religiosidade popular, em si já é evangelizadora [...] uma vez que ela apresenta uma mistura entre a emoção e a devoção” (Informação verbal), fazendo com que o sujeito, olhe para Maria, como sinal de esperança e possibilidade de encontro com Deus. Já que “a decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor.” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, 2011, p. 121).

O Papa Francisco (2016) diz ser um grande erro inferir que, um ato de deslocamento, visto como peregrinação, possa fazer com que se pense que o sujeito caminhe solitariamente, desenvolvendo um sentimento de “espiritualidade não pessoal”. Ele acredita que “[...] na realidade, o peregrino leva consigo a própria história, a própria fé, luzes e sombras da própria vida. Cada um traz no coração um desejo especial e uma oração particular” (FRANCISCO, 2016).

Nessa perspectiva, a trilha da religiosidade popular elucida o percurso do atrelamento do sujeito, na festividade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em um espaço repleto de imaginários e sentimentos pulsantes de fé e devoção. Onde a discussão, pauta-se por sentimentos coletivos dentro de uma vivência em um evento religioso.



## 5 ESTAÇÕES: NARRATIVAS DOS SUJEITOS-DEVOTOS

Como alinhavado no capítulo das trilhas metodológicas, a viagem investigativa pautou-se por um protocolo de pesquisa orientado por sinalizadores e dividido em questões. Estiveram envolvidos 28 sujeitos, como entrevistados, estando estes em quatro grupos (igreja, turismo-cultura, acadêmico e festa).

Os sujeitos de cada grupo representam uma instituição e/ou pessoas que participam da festividade de Nazaré. Ele são ligados aos dirigentes da igreja de Belém, à Diretoria da Festa Círio, à Pastoral do Turismo da Basílica Santuário da Nazaré (PASTur Nazaré), à Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (GNSN), à Polícia Rodoviária Federal (PRF), à Cruz Vermelha, ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), à Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), à Coordenadoria Municipal de Turismo (BELEMTUR), à Universidade Federal do Pará (UFPA), à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, assim como aos artistas, aos moradores e aos visitantes da cidade.

É importante frisar que, durante as entrevistas, foi disponibilizado aos sujeitos um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo sigilo nas suas identificações. Assim, nesta pesquisa, os sujeitos serão chamados por prenomes de Santos<sup>22</sup> da Igreja Católica. A decisão decorre do desejo de nominar, sem identificar, ao mesmo tempo em que se define um critério de escolha desses nomes. Vale ressaltar que se buscou uma lógica e coerência na escolha dos nomes, considerando características dos sujeitos, tipo de vinculação à igreja e ao universo religioso. Neste sentido, a importância aqui está vinculada à posição que o sujeito ocupa em relação ao universo religioso, e não à importância do sujeito em si, aspecto não pautado neste trabalho, já que a fala de todos é relevante.

Assim, na apresentação do perfil dos entrevistados, pautando-se pelo que foi averiguado na questão conhecendo o sujeito, pode-se dizer que onze sujeitos/instituições são ligados às atividades da igreja; sete faziam parte de alguma relação turístico-cultural vinculada ao evento; seis estavam participando do corpo acadêmico, ou seja, ao universo de pesquisa voltado ao evento; e quatro faziam parte de alguma relação com a festa, no que tange à participação nas procissões.

---

<sup>22</sup> Santos Padres da Igreja e Doutores da Igreja. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2005/09/padres-da-igreja-e-doutores-da-igreja.html/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.



Então, tem-se, no grupo ligado à Igreja, uma analogia aos santos de grande importância para o corpo litúrgico católico. Com isso, constitui-se o elenco de sujeitos que falam.

- *Santo Agostinho* tem 66 anos, não é nascido em Belém, e sim no Sudeste do Brasil, se considera católico, é devoto de Maria Santíssima. Vem se envolvendo com a festividade, no que se pode dizer, em um campo litúrgico, na peregrinação e romarias, desde a sua chegada Belém em 2010, tendo um tempo de participação de 6 anos.
- *São Tomás de Aquino* tem 58 anos, não é nascido em Belém, e sim no Sul do Brasil. Apresenta-se com expressões devocionais por Maria de Nazaré, no que se pode relacionar ao brilho dos olhos, ao narrar sua história, de saída da sua cidade natal e a chegada a Belém, podendo ser considerado um católico. Tem um envolvimento com a festa, pautado por dois momentos: na sua chegada, em 1999, e com uma nova participação no corpo litúrgico da festa, em 2014, apresentando um tempo de participação de 17 anos.
- *São Joaquim e Sant'ana* são casados há 31 anos. Ele tem 55 anos e não é do Estado do Pará; ela tem 53 anos e é nascida em Belém. Juntos se consideram um casal católico praticante. São devotos, que participam de todas as atividades propostas pela igreja. Nesse tempo de casados, eles viveram duas formas de participação. Nos primeiros 19 anos, só como casal católico, participantes da festividade de Nazaré, e nos últimos 12 anos, mais envolvidos como a igreja e a festa de Nazaré. Com isso, somam 31 anos juntos, participando da programação de Nazaré.
- *São Miguel* tem 46 anos, é nascido em Belém, se considera católico, é devoto, porém de Santo Antonio e São Francisco, mas vê em Nossa Senhora de Nazaré algo diferente, e apresenta sinais de uma provável devoção também a ela. Não saberia dizer uma data de início, mas recorda que vem participando da festa de Nazaré há 28 anos, pois, aos 18 anos, estava como promesseiro da corda. Assim, nesse período, existem dois momentos distintos: o primeiro vai de 1988 a 2007, participando do Círio como promesseiro, e o segundo, a partir de 2008 até o dia da entrevista [pois é até onde eu posso falar dele], onde tem se envolvido mais ativamente nas atividades da igreja e da festividade, não só na corda, mas em toda a programação, procissão e festa.



- *São Gabriel* não quis revelar a sua idade, mas deu uma relação de entre 30-40 anos. É residente de Belém, considera-se espiritualista e tem um sentimento especial, ao falar de Nossa Senhora de Nazaré, dizendo que acredita nas boas energias que ela emana. Vem participando da festividade desde criança, indo com seus pais, e agora como pessoa adulta, vem se envolvendo há 10 anos nas procissões.
- *São Rafael* tem 60 anos, não mora na Capital, e sim na mesorregião metropolitana de Belém, com uma distância aproximada de 106 km. Considera-se uma pessoa católica e devota. Acredita que tenha vivido à festividade desde criança, com seus familiares. Participa há 30 anos, no voluntariado das procissões.
- *Santa Francisca* tem 32 anos, não mora na capital, e sim na região metropolitana, distante a 18 km, tendo como referência a Basílica Santuário de Nazaré. Ela se considera católica e devota. Começou a participar da festividade em dois momentos: o primeiro não saberia identificar uma data para o início, mas acredita que, desde criança, participava com seus familiares; e há seis anos vem vivendo mais ativamente a rotina da igreja e da festividade de Nazaré.
- *Santa Foy de Gascogne* tem 31 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e participa da festividade desde criança, mas, desde 2008, tem se envolvido mais ativamente nas programações do Círio.
- *São Luís Maria de Montfort* tem 48 anos, considera-se um escravo no amor por Nossa Senhora e, assim, se denomina um católico ultraconservador. É de Belém, e vem participando da festividade desde os cinco anos.
- *Santo Expedito* não quis dizer a sua idade, mas é de Belém, é cristão, não acredita em devoção a Maria e vem participando das atividades do Círio desde 2012.

Para identificar o grupo do Turismo-Cultura, levou-se em consideração o padroeiro<sup>23</sup> do turismo e das artes e algumas características que pulsaram durante as entrevistas. Assim, fazem parte desse universo as analogias com os Santos.

---

<sup>23</sup> SANCTORUM. Santos Padroeiros - Lista com nome relacionado a sua proteção. Santos e ícones Católicos. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/p/santos-padroeiros-lista-com-nome.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.



- *São Jorge* é servidor público, tem 35 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Nordeste do Brasil. Considera-se de matriz afro-brasileira, não é devoto, mas se emociona ao ver as energias que emanam na concretização das procissões. Iniciou sua vivência na festividade em 2013, ano em que chegou a Belém.
- *São Francisco Xavier* é servidor público, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católico, é devoto e tem uma participação pautada pela vivência familiar desde a infância e, pelo trabalho, desde a década de 1980.
- *São Judas Tadeu* é servidor público, omitiu a idade, é de Belém. Considera-se católico, devoto e sempre participou da festividade.
- *Santa Margarida* é servidora pública, tem 31 anos, é de Belém. Considera-se católica não praticante, mas devota. Participa da festividade desde criança. No trabalho, colabora com os voluntários do Círio.
- *Santa Cecília* é artista, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e começou a participar da festividade a partir de dois momentos: assistindo quando criança às procissões, levada pelos seus familiares, e, aos 18 anos, desenvolvendo um trabalho voltado as suas habilidades artístico-culturais.
- *São Vito* é fotógrafo, não quis revelar sua idade, mas disse que estava na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se católico, devoto e participa da festividade há mais de 15 anos. Com o seu trabalho, narra pelas suas lentes, um pouco dessa vivência.
- *São João Bosco* é roteirista, diretor e cineasta, não quis revelar sua idade, mas disse que estava na faixa etária de 40-49 anos. É de Belém, considera-se um católico, devoto e vem participando a vida toda da festividade. Ele imprime uma característica artístico-cultural, ao narrar a festividade.

Existe, para a Igreja Católica, um grupo de Santos, que são denominados de Doutores, que correspondem a pessoas que se destacaram em um notório saber teológico. Assim, pautando-se por uma analogia, aproximam-se os entrevistados do grupo acadêmico, detentores de um notório saber, voltado ao conhecimento científico do Círio, aos prenomes de Santos.

- *Santa Teresa de Ávila* é professora universitária, tem 65 anos. É de Belém, considera-se católica do Círio, não é devota, apenas tem um sentimento de



respeito, por acreditar que Nossa Senhora de Nazaré é uma figura que se liga muito a da sua Mãe. Sua participação com a festividade vem desde a infância.

- *Santa Catarina de Sena* é professora universitária, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católica não praticante, mas devota e participa da festividade desde criança.
- *São João Ávila* é professor universitário, não quis dizer a idade e nem sua vinculação religiosa, tampouco a devoção. É de Belém e participa da festividade desde criança.
- *Santa Hildegarda de Bingen* é professora universitária, na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se espiritualista, não é devota, e participa da festividade há mais de 30 anos.
- *São Gregório de Narek* é professor universitário, na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se católico, devoto e vem se envolvendo com a festividade há 31 anos.
- *Santa Teresinha do Menino Jesus* não é professora universitária, mas é pesquisadora do Círio, tem 36 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Nordeste do Brasil. Considera-se católica, mas não uma devota. Vem participando da festividade desde sua chegada a Belém em 1999.

Já para o grupo festa, os santos serão relacionados à narrativa que se desprende das falas durante o contato com os entrevistados. Assim a ideia da analogia, aqui, se faz, ligando os santos a características profissionais e/ou pessoais.

- *São João Batista de La Salle* está na faixa etária de 40-49 anos, morou em Belém por muito tempo. Atualmente reside no Centro-Oeste do Brasil, mas visita a capital paraense nos momentos de festa, de sua família e do Círio. É turista, que se considera católico. Hoje vive mais o sentimento de devoção e vem participando da festividade como promesseiro da corda. Acredita ter um tempo de vivências há mais de 15 anos.
- *Santa Úrsula* está na faixa etária de 50-59 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Centro-Oeste do Brasil. Foi convidada a conhecer a festividade de Nazaré, por *São João Batista de La Salle*, em 2013, e se considera católica, e acredita em Maria. Sempre que pode, vem à cidade no mês do Círio.



- *Santa Mônica* tem 51 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e vem participando da festividade desde criança, sempre ao lado da sua família.
- *São Lucas* tem 45 anos, não é de Belém, mas da Mesorregião do Baixo Amazonas. Atualmente mora em Belém, considera-se católico, devoto e participa da festividade desde quando chegou a Belém, como ele mesmo disse “há muito tempo”.

Após, essa apresentação do perfil dos entrevistados, nota-se a primeira sequência de relações que emergiram das narrativas: a faixa etária dos sujeitos. Pode se averiguar que nenhum sujeito entrevistado estava nas intercessões de 10 a 29; porém 08 encontravam-se na faixa etária entre 30 a 39 anos; 08 estavam vinculados a uma idade entre 40 a 49 anos; 05 estavam com mais de 50 ou próximos de completar 59 anos; 03 estavam na relação entre 60 ou mais idades; e, nota-se que 04 sujeitos não deixaram claro sua idade, entrando na relação das omissões da faixa etária. Podendo ser mais bem visualizado na tabela 5.

Tabela 5 - Faixa etária dos sujeitos entrevistados

Faixa Etária	
10 – 19	00
20 – 29	00
30 – 39	08
40 – 49	08
50 – 59	05
60 ou +	03
Omitiu	04
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se que 18 sujeitos, ou seja, a maioria, pertence à cidade de Belém, 03 são do interior do Pará, sendo divididos entre as regiões metropolitanas e o baixo Amazonas, e 07 pertencem a outras regiões do Brasil, como pode ser visto na tabela 6.



Tabela 6 - Procedências dos sujeitos entrevistados

<b>Procedência</b>	
Belém	18
Interior do Pará	03
Outras regiões	07
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra relação que emerge das narrativas e é apresentada na tabela 7 faz referência à vinculação religiosa que destacaram está vivenciando. Eles se apresentaram como sujeitos que são: católico [17], católico praticante [02], católico ultraconservador [01], católico não praticante [02], católico do Círio [01], Cristão [01], de matriz afro-brasileira [01], espiritualista [02] e não sem identifica com nenhuma religião [01].

Tabela 7 - Vinculação religiosa dos entrevistados

<b>Vinculação religiosa</b>	
Católico	17
Católico praticante	02
Católico ultraconservador	01
Católico não praticante	02
Católico do Círio	01
Cristão	01
Matriz Afro-Brasileira	01
Espiritualista	02
Sem identifica com nenhuma religião	01
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma relação muito interessante de se averiguar diz respeito às vinculações religiosas. Em um ambiente de maior predomínio de uma determinada denominação religiosa, pode-se identificar a presença de sujeitos que tinham experiências de outras vivências e, até mesmo, crenças religiosas, convivendo harmonicamente para



a realização da festividade. É o caso do grupo Igreja, que têm em seu meio social, sujeitos com vinculações religiosas pautadas pelo universo católico, católicos praticantes e ultraconservador, cristão e espiritualista. Todos se relacionando em um processo de aceitação do outro na convivência, e desenvolvendo as atividades de organização e planejamento da festividade religiosa.

É importante ressaltar que esses sujeitos estavam representando uma determinada instituição, que participava das atividades colaborando no planejamento e organização do evento. Eles não são os responsáveis, na festividade, pelo processo de evangelização da festa, ficando isso a cargo dos dirigentes religiosos.

A relação existente no grupo turismo-cultura pauta-se por vínculos de sujeitos que se denominam católicos, católico não praticante e de matriz afro-brasileira. Outra relação que se desprende do perfil é vista no grupo Acadêmico, que tem considerações religiosas pautadas pelo entendimento de sujeitos que vivenciam experiências católicas, católicas não praticantes, católica do círio e espiritualista. Já no grupo festa, pode-se perceber o predomínio da vinculação religiosa católica. Como poderá ser mais bem visualizado no quadro 3.

Quadro 3 - Relação dos grupos quanto às vinculações existentes

<b>GRUPO-VINCULAÇÃO-GRUPOS</b>		
<b>GRUPOS</b>	Igreja	Católico, católico praticante e ultraconservador, Cristão e espiritualista;
	Acadêmico	Católico, católico não praticante, católico do círio e espiritualista;
	Turismo/ Cultura	Católico, católico não praticante e de matriz afro-brasileira.
	Festa	Católico
<b>VINCULAÇÕES</b>	Católico	Igreja, acadêmico, festa e Turismo-Cultura;
	Católico não praticante	Turismo-Cultura e Acadêmico;
	Espiritualista	Igreja e Acadêmico.

Fonte: Elaborado pelo autor.



É importante averiguar a relação que os sujeitos apresentam com a festividade no que diz respeito ao sentimento devocional. Foi notório o sentimento que se desprendia nos sujeitos ao falar do Círio. Em muitos [22], posso dizer sentir traços que poderia relacionar a um sentimento que se aproxima de uma devoção. Lembro que 23 sujeitos se consideraram católicos, dentro de suas variações de termos (católico, católico praticante, católico ultraconservador, católico não praticante, e católico do Círio), mas, ressalto, que, Santa Teresa de Ávila e Santa Teresinha do Menino Jesus, se consideram católicas, nas variações, de Círio e católica, especificamente, mas não devotas, então, para essa relação com a devoção, elas, farão parte dos sujeitos que não são devotos.

Assim, somente 15 afirmaram ser devotos; 05 disseram não ser devoto, até pelo fato de não acreditarem em devoção; 01 sujeito não deixou claro se era ou não devoto; 07 variaram em torno de: ser devoto de Maria Santíssima; ser devoto de Maria de Nazaré; por ver em Nossa Senhora de Nazaré algo diferente; por acreditar nas boas energias; ser escravo no amor por Nossa Senhora; ter um sentimento devocional; e, acreditar em Maria. Com isso, tem-se em síntese na tabela 8 a relação aos sentimentos devocionais.

Tabela 8 - Relação aos sentimentos devocionais dos sujeitos

<b>RELAÇÃO DE DEVOÇÃO</b>			
Traços devocionais	22	Afirmção da devoção	15
Não demonstração de traços	06	Variações de sentimentos	07
<b>TOTAL</b>	28	Negação da devoção	05
		Não soube dizer	01
		<b>TOTAL</b>	28

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra informação relevante, para as relações com os sujeitos, diz respeito à motivação e ao tempo que ele vem se envolvendo com a manifestação religiosa. A frase mais ouvida diz respeito a uma vinculação com a infância [14], para pontuar o marco inicial da participação e o envolvimento com a festa. Outros disseram que iniciaram essa provável participação, quando chegaram a Belém [06], ou mesmo, quando vieram à primeira vez a cidade [01], no momento de festa; tiveram relatos



que expressaram a participação de sujeito tendo experienciado ‘a vida toda’ [01] e/ou ter sempre participado [01]. Alguns sujeitos não souberam responder [03] e/ou mesmo não se sentiram motivados a ter uma resposta [01]. Então se tem na tabela 9, a relação de motivação e tempo, atrelado a vivência familiar, e ou experiências oportunizadas por convites para participação na festividade ou na chegada a cidade.

Tabela 9 - Relação dos sujeitos quanto à motivação e ao tempo de participação no evento

<b>MOTIVAÇÃO E TEMPO</b>	
Desde a infância	14
Quando chegou	06
A vida toda	01
Sempre participou	02
Por um convite	01
Não soube	03
Não respondeu	01
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5.1 O IMAGINADO: PRIMEIRA ESTAÇÃO

É interessante perceber e, sentir, após o primeiro contato com os entrevistados, a pulsação de suas falas. Lembro que na perspectiva do imaginado, buscou-se averiguar quem era o sujeito que falava. Com isso, começa-se a ser sinalizada uma relação de identificação dos sujeitos com os objetivos desta pesquisa. Uma vez que se tem como proposta identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos, percebe-se que a relação existente focaliza, a priori, para um valor além do sentimento doutrinário, pautando-se, pela religiosidade em uma perspectiva popular.

Resalto, agora, reconhecer nos sujeitos participantes da manifestação religiosa Círio de Nazaré, algum fato que possa vir a direcionar sua história com o Círio, tentando com isso, reconhecer nos sujeitos o que os movia realmente para se



permitirem se relacionar com a festa. Com isso, depreende-se das falas dos sujeitos as narrativas abaixo.

*Santo Agostinho*, diz que quando está no Círio, se antecipa para chegar ao Colégio Santa Catarina de Sena, que fica localizado próximo à Basílica Santuário de Nazaré, para sentir, mesmo que “cansado”, o contato da “benção” que é ofertada aos fiéis, e isso, em suas palavras “[...] talvez seja uma das experiências mais gostosas” vividas. Ele também, diz, que retorna para sua casa com o coração cheio de esperança, porque percebe, que “muitas pessoas”, que participam da procissão, “[...] tem seu único contato explícito com a Igreja, neste momento”. Então “é maravilhoso” perceber a alegria das pessoas, que ficam tão comovidas com o momento, que ofertam, até mesmo para ele, um pedaço do símbolo de sacrifício e fé, chamado corda, como presente.

*São Tomás de Aquino* acredita que o que o mova dentro da festividade é a possibilidade de “[...] puxar a carroça do Círio” com os demais fiéis. Mesmo sendo muitas vezes complicado ter que permanecer dentro da procissão, pelo número de pessoas que vão se espremendo para se aproximar da Berlinda, ele se encanta com tanta solidariedade, mesmo que, às vezes, veja pessoas passando mal e desmaiando. Acredita que, nesses momentos, de aflição e angústia o Círio faz com que as pessoas cresçam como seres humanos. Como ele mesmo diz “[...] nós nos sentimos todos como irmãos fraternos, e sabemos o quanto nós somos da mesma origem, e que devemos nos respeitar, no meio de todas essas diferenças [...]”.

*São Joaquim e Sant’ana*, ao longo dos 31 anos de casados, afirmam que muitas coisas já aconteceram durante o Círio. Onde eles juntos, já vivenciaram a festa de “luto pela perda de um ente querido”, alegres ao ver um amigo dando um “testemunho de fé”. Mas, o que realmente os move dentro da festa, é poder ver as pessoas se identificando com “Nossa Senhora”, uma vez que “[...] ela não quer que a gente somente a veja como sendo maravilhosa... boa”. Segundo eles precisamos ter em mente não só o “enaltecer”, mas, também, o “testemunho” das coisas que acontecem de bom nas nossas vidas, ao vivermos e convivermos diariamente com Maria.

*São Miguel* acredita que quando começou a frequentar mais a igreja, pôde participar mais ativamente de “dentro da festa”. E o que mais o impressionou foi saber que para as pessoas, “a vivência com o Círio, é real”. Ele fala isso, relatando



que uma senhora o abordou, durante o Círio, pedindo para que ele pegasse uma rosa, entre tantas que estavam no presbitério, próximo à imagem de Nossa Senhora.

No primeiro momento, ele hesitou, pois pensou que se fizesse isso, de pegar um rosa, poderia causar um alvoroço, e fazer com que mais pessoas quisessem fazer o mesmo. Apesar disso, comovido por algo que não soube explicar, juntou uma rosa que estava caída no chão e entregou àquela senhora que logo desapareceu em meio a tantas pessoas que se apertavam próximo a imagem. Meses depois, estava novamente na Basílica Santuário de Nazaré, participando de uma celebração eucarística, quando foi abordado por uma senhora, que o agradeceu, e disse que tinha sido curada. Ficou meio sem entender o que ela lhe falava, mas logo que ela começou a explicar o que tinha acontecido, ele entendeu, e se recordou do ocorrido. Miguel conta que “[...] o poder da fé e o poder de Nossa Senhora em nossas vidas [...]”, faz com que Deus possa “[...] fazer os milagres”, pois aquela senhora, saindo da igreja, fez um chá, com as pétalas da rosa, e que após exames, pré-operatório, constatou que o câncer que existia em seu organismo tinha desaparecido, não necessitando mais ser submetida a uma cirurgia.

*São Gabriel* relata que sua vivência é movida pela emoção que se percebe durante as homenagens, principalmente durante o traslado para Ananindeua, quando pessoas “doentes” e acamadas são colocadas próximas às portas, uma vez que elas “[...] não tem a mínima condição de ver a santa de longe no dia do Círio, e elas tem a oportunidade de ver [...] de dentro das suas casas”. Essas homenagens, como se refere, são “emocionantes”.

*São Rafael* não demonstrou muito, o que realmente o movia dentro da festa, uma vez que se colocava, como uma pessoa agitada e apressada, para concluir a entrevista. Não me permitiu avançar neste ponto, uma vez que precisava sair, do local, que estávamos para uma confraternização de final de ano. Porém, pude perceber que seu maior movimento dentro do Círio diz respeito ao trabalho voluntário que realizava, durante as procissões.

*Santa Francisca* relata que se sente comovida, ao ver pessoas “doentes, querendo participar das procissões”, e não podendo. Todos os anos percebe que existe um número crescente de fiéis, que buscam, como retribuição, a uma graça alcançada, se aproximar da imagem durante as duas maiores procissões (trasladação e Círio). Elas, contudo, não conseguem, uma vez que existe toda uma



proteção e um cuidado, para manter as pessoas, até pelo bom andamento das procissões, afastadas da imagem.

*Santa Foy de Gascogne* refere-se a sua movimentação dentro da festa com alegria, uma vez que já teve a oportunidade de “[...] ver a berlinda ser ornamentada, a preparação da corda [...], o treinamento dos guardas, a reforma dos barcos e das estações”. Ela diz que quanto mais fica próxima da festa, tem a possibilidade de “[...] conhecer melhor o círio [...]”, por dentro.

*São Luís Maria de Montfort* diz que, em 48 anos de movimentação pelo Círio, hoje vem se colocando como “servo de Nossa Senhora”, no que tange, uma extrema reverência “no amor e respeito” por ela.

*Santo Expedito* se movimenta pelo Círio de Nazaré, “numa demonstração de amor” pelo outro. Tendo como premissa a ideia de “[...] aproximar as pessoas de Deus e materializar o maior dos mandamentos deixados por Ele aos homens [...] ‘Amai a Deus sobre todas as coisas e ama teu próximo como a ti mesmo’”.

*São Jorge* diz que todas as vezes que vai ao Círio sente um “nó na garganta”, pois o que acontece durante a manifestação de fé, ele nunca viu antes. Esclarece que “[...] já presenciou muita manifestação de fé pelo mundo a fora”, mas que, como o vivenciado durante as procissões, nunca tinha visto. Relata dois fatos, o primeiro, quando, pela primeira vez, resolveu ajudar alguns amigos a entregarem água durante a festa. Em certo momento, foi “surpreendido” por um rapaz, que estava na corda, como um olhar meio choroso, dirigiu a voz como um grito em sua direção – “moço me empurra, me empurra, que eu tô soltando a corda, me empurra, por favor [...]”. Ele sem saber o que fazer, apenas levado pelo instinto, empurrou o rapaz como havia sido pedido. E o mesmo, desapareceu em meio aos muitos que se apertavam para conseguir segurar a corda. Para ele, este fato é “bem curioso” e diferente dos já vistos em outras procissões.

O segundo fato diz respeito à Festa da Chiquita. Ele conta que, quando chegou, não imaginava o “[...] profundo respeito que as pessoas da comunidade LGBT, têm com a santa”. Ele conta que “[...] nas pessoas, não existia nenhum marcador distintivo, do restante dos devotos que estavam ali”. Elas se misturavam e, como ele mesmo se referiu, “um monte de gays, lésbicas, trans todo mundo esperando a festa começar”. Mas na hora que veio a “Nazica, todo mundo parou, e as ‘bixas’ todas se viraram para a santa, rezando”. Ele conta que foi uma experiência diferente e muito interessante de se ver.



*São Francisco Xavier*, esclarece haver fatos “inesquecíveis” em sua movimentação dentro da festividade. Mas, com “muita alegria”, relata as viagens, empreendidas por ele, em evento e acompanhando a imagem peregrina de Nazaré, que como mesmo se refere, são “momentos valiosíssimos” de crescimento e amadurecimento profissional. Isso representa, para ele, a oportunidade de planejar e se envolver, mais ativamente, nos trabalhos demandados durante os eventos e as viagens de apresentação das potencialidades da festa de Nazaré, e que, como “um sonho e um privilégio, poder participar um pouco da história”, que um dia será descrita.

*São Judas Tadeu* infere que sua movimentação dentro da festa, vem se resumindo ao trabalho, assim, não tem “muito tempo para curtir o Círio”, uma vez que é responsável pela coordenação de quinta a domingo, de alguns grupos de pesquisadores que transitam pela cidade, em busca de informações referentes ao evento, no que tange as possibilidades para o desenvolvimento da festa. Acredita que sua movimentação, pauta-se por um olhar cuidadoso. E traz como exemplo, o corte da corda durante o Círio. Ele relata que vem verificando, que o fato de os devotos cortarem a corda antes do final da procissão, “cria um clima meio violento”, mas que se justifica “[...] pelo quantitativo de pessoas que tem buscado, através do Círio, conforto em situações de droga, do filho preso e do desemprego”, e como podem traçar uma relação do “perfil do devoto que ‘vai’ na corda”.

*Santa Margarida* relata uma grande vivência familiar, durante o almoço do Círio. Uma vez que o sentimento proporcionado ao estar ao redor da mesa, durante o Círio, “rindo” e vivendo um sentimento de “descontração”, aproximam os familiares, que após o “contato na procissão com Nossa Senhora [...] e de um choro agradável, de conexão direta com ela” se reúnem na sua casa para partilhar as experiências vividas.

*Santa Cecília* conta que sua movimentação dentro da festa se liga “a emoção” que seu trabalho proporciona as pessoas “durante uma musica e outra”. Relata que em um dos momentos vivido, estava cheia de emoção e que “não consegui cantar, só chorar” e ficando depois “morta de vergonha do contratante”, mas que a elogiou, pois também, se comoveu com as musicas e a forma que ela se emocionava olhando para a santa durante a procissão.

Ela relata ainda, que percebe um desprendimento nas pessoas durante as procissões, no que se pode dizer uma saída do que se considera normal, para algo



inexplicável. Contando que uma vez viu um pai largando a mão da sua filha, durante a procissão de domingo, para socorrer uma pessoa que estava desmaiando, e que isso, ela conta trazendo a ideia de que “[...] a gente fica tão preso nos problemas [...], nas coisas da gente [...] fica agarrando a bolsa, agarrando o filho, e ele se desprende completamente” para ajudar um estranho, se esquecendo da sua filha. Para ela, isso, só reafirma o poder que a fé proporciona as pessoas durante o evento.

*São Vito* conta que não tem uma movimentação grande dentro da festa, mas que se encantou “ao ver a corda e a Berlinda serem organizadas”, uma vez que pouquíssimas pessoas tem a possibilidade de ter esse contato tão próximo com os dois grandes símbolos da festa.

*São João Bosco* mesmo se mostrando interessado com a ideia da pesquisa, não estabeleceu nenhuma relação direta que viesse a explicar, ou mesmo, demonstrar algum fato que caracterizasse sua movimentação dentro do evento. Respondeu apenas que não tinha nenhuma resposta específica.

*Santa Teresa de Ávila* demonstrou profunda alegria a rememorar sua movimentação dentro da festividade, onde disse que se sente “alegre por poder ver o Círio todos os anos”, e que percebe essa mesma alegria nas pessoas. Entretanto, fica profundamente “chateada, ao ver a televisão querendo apressar o Círio”. Aonde a utilização de expressões como “já ta chegando!”, “ainda não chegou!”, “porque vai chegar!”, vem fazendo parte da programação das emissoras de comunicação durante a festa, causando certa ansiedade nos devotos, que acompanhando a programação do Círio pela televisão.

Relata que essa pressa, que vem vindo nas programações, no seu entendimento, se faz, para poder justificar a mudança de programação que as mesmas, fizeram para transmitir o evento. Sendo reflexo disso, a grande parada que a procissão do Círio, no domingo faz tendo que ficar muito tempo aguardando, ou mesmo, como ela diz, “enrolando, na Avenida Nazaré, porque se não, daqui a pouco, vai chegar dez e meia da manhã”, e isso, pode ser ruim para as emissoras que estão fazendo a transmissão.

*Santa Catarina de Sena* explica que não tem uma movimentação “extraordinária” dentro da festividade, mas se sente muito mexida ao ver as “pessoas desmaiando e passando mal” durante as procissões. Mas que entende, esse processo como um “cotidiano do Círio”.



*São João Ávila*, não demonstrou claramente qual seria sua movimentação dentro da festa, apenas disse que o Círio “merece uma atenção especial, uma vez que é um dos eventos que mais comove a cidade”. Necessitando de uma pesquisa, científica, da própria academia, para se averiguar realmente quais as inferências reais da movimentação empreendida pelas pessoas durante a festa religiosa.

*Santa Hildegarda de Bingen* se emociona ao falar de como vem sendo sua movimentação dentro do evento. Com lágrimas nos olhos, disse que se arrepiou, quando caminhava durante a procissão do Círio, ao ver na esquina da Av. Presidente Vargas com a Av. Nazaré, o povo cantando o samba enredo “oh virgem santa, olhai por nós [...]”. E isso, para ela isso “é o Círio. É o povo que faz a festa, traz a sua fé em todas as formas, seja rezando, seja cantando um samba enredo para a Nazinha”.

*São Gregório de Narek* ao se referir ao Círio, atrela a ideia de que Nossa Senhora “é como uma mãe” para ele. Relata em uma lembrança, um fato que marcou “sua infância”, sobe no parapeito de uma casa na Av. Nazaré, para poder ficar “mais próximo da imagem de Nazaré e olhar diretamente para ela”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* relata que sua vivência com o Círio, sempre foi marcada pelo estranhamento das coisas que aconteciam. Relata um fato curioso para explicar esse sentimento. Conta que quando chegou a Belém, foi acompanhar o Círio com um amigo. E que este, durante a procissão, estava com uma latinha de cerveja na mão. E quando a procissão passou, “ele levantou a lata de cerveja para Nossa Senhora”. Explicou que a cena, para quem estava de fora, poderia ser considerada como “um desrespeito” para com os demais devotos. Mas curiosa, foi perguntar os motivos para tal ato. E teve como resposta, que o que ele fez simbolizou “[...] uma saudação para um amigo”. E isso despertou nela “a curiosidade, sobre essa questão da emoção, diversão, sagrado e profano” vivenciada durante a festividade religiosa.

*São João Batista de La Salle* relata que mesmo o Círio sendo um momento “feliz”, teve “duas perdas” familiares no mês de outubro. E que Nossa Senhora foi fundamental na vivência do luto, uma vez que ele olhou para Maria como sinal de compreensão, carinho e esperança de que as pessoas que partiram seriam reencontradas. E essa certeza se fez, por “encontrar em Nossa Senhora os traços de uma mãe”, onde durante a procissão “sente como se a sua própria mãe passe” por ele durante o Círio.



*Santa Úrsula* conta que das três vezes que participou do Círio, teve a “oportunidade de ser abraçada e amparada por pessoas que nunca tinha visto, e que se emocionaram” com sua “emoção” e “choro”. Relata que, em sua experiência pode ver “pessoas com aparência de tão fortes, em prantos, quando a imagem de Nossa Senhora passava”, e que essas mesmo com “os pés e joelhos sagrando e seguindo a procissão” tinha a ajuda de desconhecidos que como sinal de bondade ajudavam essas pessoas a concluírem a procissão.

*Santa Mônica* relata sua movimentação, pautada por experiências vividas ao lado de seus familiares, onde o “nascimento de um neto” é visto por ela como um sinal de alegria, e “Maria”, que sempre “passa na frente”, principalmente dos obstáculos, e compreendida como “a esperança e a busca por dias melhores”.

*São Lucas* mesmo tendo um traço de devoção forte, e isso, digo pela averiguação do seu perfil, já apresentado, não se deixou reconhecer, durante a pesquisa, os sinais que pudessem expressar sua movimentação durante a procissão, respondendo somente frases curtas, diretas e negativas as questões propostas a ele.

Agora se passa a identificar nos sujeitos, o que eles rememoram ao pensar a festividade de Nazaré, ainda sobre a perspectiva do Imaginado, levando em consideração, nas narrativas, às recordações da festa. Assim, tem-se, no discurso, a pulsação de palavras e/ou expressões que podem ajudar, na identificação dessa perspectiva em análise.

*Santo Agostinho* relata que durante a festa de Nazaré, tem em mente “Nossa Senhora e no povo de Deus”, uma vez que entende o Círio como um “evento fundamental de vida de igreja”, e vem se preocupando em direcionar a festividade para um instrumento “evangelização”.

*São Tomás de Aquino* diz que se solidariza com as pessoas que estão na festividade, uma vez que percebe que elas caminham em busca de se aproximar uma das outras, prestando “solidariedade”, ofertando sua pobreza, não financeira, mas sendo pobre para o outro, no sentido de olhar e mostrar que todos são iguais. E com isso, de acordo com ele, “a gente constrói uma sociedade mais digna, mais justa, um mundo mais fraterno, onde possa se viver mais em paz [...], paz com justiça”.

*São Joaquim e Sant’ana* acreditam que a primeira coisa que venha a direcionar a essa questão, diz respeito à família. Depreende-se das suas narrativas,



a ideia de que quando Nossa Senhora passa por eles, nas procissões, a imagem “da família”, “dos pais”, “dos filhos” e a recordação “das pessoas que já partiram”, fazem parte da caminhada.

*São Miguel* diz que ao pensar em algo, lembra logo de sua “mãe”. Ele fala, recordando que após, o seu envolvimento, mais ativamente na festa religiosa, sua rotina em casa vem se modificado. Sua mãe tem vivido esse momento com ele. Relata que a escolha de participar nas atividades do Círio faz com que ele esteja mais ativamente nas programações, precisando frequentar mais missas e momentos da própria festa, deixando muitas vezes de participar de momentos em família. E que no dia da procissão, sua mãe “independente de chegar uma hora da tarde, ou chegar três horas, ela acabava esperando para almoçar”.

*São Gabriel* diz que uma das primeiras coisas que vem a sua mente é “a chegada dos colegas de fora, felizes para participar do Círio”. Uma vez que essas pessoas só vem para cidade nesse momento, para juntos, desenvolverem atividades voltadas para festa religiosa. Então, a chegada e o contato que eles têm durante toda a estada na festa faz todos os anos, o Círio ser uma verdadeira festa.

*São Rafael* atrelando sua devoção, diz que se recorda de “Nossa Senhora de Nazaré”. E que diferente de muitos, não pensa “no pato com tucupi e nem na maniçoba”, apenas utiliza esse momento para “agradecer e solicita muita coisa. É um momento muito importante” para se recordar e pensar “na ‘nossa mãezinha’, padroeira do nosso Estado”.

*Santa Francisca* sendo enfática na resposta atrela o pensamento à sua “mãe”. Que para ela não teria como não ser lembrada por primeiro. Rememorar, o fato, dizendo que sua mãe constantemente vem lhe pedindo para conseguir coisas da festividade. Como exemplo, disse, que quando começa a se aproximar o mês de outubro, sua mãe logo liga para ela e diz: “olha meus ingressos, e as minhas blusas, viu!”. Então, não teria como pensar antes em outra pessoa. Relata que todos os anos, sua mãe vem do interior para participar, da Trasladação e do Círio.

*Santa Foy de Gascogne* tem no seu trabalho, durante a festividade e nos outros dias do ano, a associação de que as pessoas que estão ali, participando com ela, são como uma família, e que o “Círio de Nazaré e a Basílica”, para as pessoas que colaboram, “seriam como uma família e uma casa”, respectivamente. Mesmo entendendo, que existam os familiares reais, de sangue, atrela a ideia de que as pessoas que trabalham com ela acabam exercendo essa função familiar. E que para



não ter problemas com os reais familiares, acabam trazendo os pais e irmão para juntos participarem da festividade.

*São Luís Maria de Montfort* relata que todas as vezes que pensa em algo relacionado ao Círio, direciona a “Nossa Senhora”. Ela, para ele representa o Círio, uma vez que se presta “um culto de amor e devoção [...] à Maria que esta sendo representada naquela imagem”. Então falar de Círio para ele, é “[...] falar de nossa senhora”.

*Santo Expedito* diz que quando pensa no evento Círio, se pauta única e exclusivamente na ideia de “amor” que é ofertado “por Deus” e de amor que é direcionado “ao próximo”. Uma vez que a atividade desenvolvida, muito voltada para esse sentimento de oferta, é gratuito as pessoas que participam do momento vivido pela Igreja católica.

*São Jorge* relata que mesmo não se considerando uma pessoa cristã, acredita que o “marco civilizatório dos povos de matriz afro”, dão a ele valores que se identificam aos do catolicismo, e atrela a ideia da lembrança, à “família”. Ele conta que tem uma tia muito Católica, e quando disse que iria residir em Belém, logo recebeu como frase: “vai para terra de Nazaré [...], vai para terra do Círio de Nazaré”. Então, sempre que pode envia algum presente para ela, principalmente os cartazes da festa.

*São Francisco Xavier* vem relatar sua experiência, pautada pela lembrança da sua “mãe”. Conta que sempre acompanhava a festividade, ao lado da mãe. Mas, ela recentemente havia falecido, e ele não queria está perto de nada que fizesse rememorar momentos com ela. E o Círio, é um desses. Porém, um dia pediram para que ele fosse acompanhar a procissão, trabalhando no palco montado pelo projeto ‘Varanda de Nazaré’, promovido pela artista Fafá de Belém, convidados e Governo do Estado. Na ocasião, conta ele, que estavam cantando músicas de Nossa Senhora, até então tudo certo. Mas, “começaram a cantar: eu sei que vou te amar, por toda a minha vida eu vou te ama”, canção que sempre ouvia com a sua mãe. Ele, na hora [tanto da festa, como da entrevista, ficou em lágrimas] pensou “como pode”. E teve a certeza de que existia uma “sintonia” entre ele, Nossa Senhora e sua mãe.

*São Judas Tadeu* diz que uma das primeiras pessoas que se recorda ao pensar no Círio é da sua “irmã”, já falecida. Ele conta que sempre olha para as pessoas durante a procissão, e que percebe que elas, parecem esta sempre



pensando em alguém. Então ele, em conexão, quase que em lágrimas, relata que sua irmã era muito devota, e quando se aproxima o Círio, como que em um filme, que passa em sua mente, enxerga sua irmã se preparando para participar como promesseira da corda.

*Santa Margarida* relata a ideia uma “lembrança”, que se pauta “nas pessoas mais próximas” a ela, principalmente os seus “pais”.

*Santa Cecília* comovida com as lembranças que pulsavam em sua narrativa relatou que, seu sentimento durante a festividade, se pauta pela ideia de “Deus e de Maria” como pessoas participantes do momento de fé e amor que acontece durante a procissão.

*São Vito* recorda duas lembranças do momento vivido por ele no Círio. A primeira faz referência a sua “família”, que vem participando sempre da festividade ao seu lado. A outra, diz respeito ao “trabalho” que desenvolveu durante as procissões, onde tinha a guarda de Nazaré, como um dos elementos de apresentação de um documentário, e fez com ele lembra-se de um senhor chamado ‘Seu Icoaraci’, que se mostrou muito devoto e cheio de fé.

*São João Bosco* diz que no momento vivido por ele dentro da festividade, não tem “ninguém especificamente” que o faça rememorar qualquer sentimento o lembrança com o Círio.

*Santa Teresa de Ávila* quase que como um poema, diz “o bom de ser jovem, é que ainda não morreu ninguém”. Fala isso, para rememorar o fato de sua infância ter sido ao lado da sua avó, ao qual, todos chamavam de mãe, e da sua ‘vevé’, referindo-se a sua mãe, realmente. Então conta, que todas as vezes que pensa no Círio, recorda dos momentos que viveu ao lado da sua avó e dos momentos que ainda tem ao lado de sua mãe. Onde essas duas pessoas, tão especiais, “suas mães”, representam um contato direto, com qualquer referencia que se faça com o evento.

*Santa Catarina de Sena* não atrela sua lembrança a uma ideia religiosa, como ela mesma diz. Pensa o Círio como uma festividade de encontro, entre “questões festivas e culturais, e não religiosas”.

*São João Ávila* não se reportou a nada que viesse em sua narrativa, identificar um sentimento pessoal, que rememorasse a festa. Deu apenas traços, que aqui, não terei como identificar para essa questão, uma vez que ligavam mais



fatores turísticos e econômicos, que melhor serão expostos nas suas próximas narrativas. .

*Santa Hildegarda de Bingen* diz que quando rememora a festividade pensa na “família - mãe, irmã e pai; parentes, amigos e a toda humanidade” e que a “força que transborda no Círio, emana à humanidade toda”.

*São Gregório de Narek* recorda que não pensa em uma única pessoa, mas que tem “um carinho enorme por todos seus amigos e familiares”. Relata que o “Círio começa na sexta e termina nos fogos”, ou seja, dura os 17 dias. Com isso, ele tem “muito tempo para pensar nas pessoas”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* diz que por está longe do convívio diário dos seus familiares, pensa “na família”, na ideia de um dia “poder unir todos durante o Círio”, para vivenciarem um pouco do sentimento que gira em torno da festividade.

*São João Batista de La Salle* relata que se lembra de muitas “pessoas”. Que até acha engraçado, que durante a festa não atrela a ideia da lembrança à família, como percebe em muitas falas. Mas, recorda dos que lhe acolheram, e deixaram que ele participasse de “suas famílias no período do círio”.

*Santa Úrsula* relata que tem na lembrança muito forte “da primeira pessoa que falou sobre o Círio” para ela. E que cheio de emoção, fez com que ficasse curiosa para conhecer e viver tudo aqui que a foi relatado sobre Nossa Senhora. Mas que só se confirmou mesmo quando ela se permitiu viver pessoalmente a experiência de estar na festividade participando de todos os momentos.

*Santa Mônica* tem em Nossa Senhora, como pensamento principal. Onde, como ela mesma diz, “Nossa Senhora, passa na frente”, em todos os momentos. É a santa Maria, que se liga como “mãe”, como “guerreira”, como “força” e “luz” para todos.

*São Lucas* recorda sua “mãe”. E diz que ela era muito religiosa, então seria a primeira pessoa que ele pode pensar. Mas que também vem a mente, a imagem de pessoas que para eles, fazem sacrifício pela fé. E não acha certo, essa forma de retribuição por uma graça alcançada.

Apresenta-se no quadro 9, abaixo, uma síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos, depreendidas da perspectiva do Imaginado.



Quadro 4 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Imaginado

SUJEITOS-DEVOTOS		IMAGINADO	
		(O que o movia) Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?	(O que sentia) Quando você pensa no Círio o que recorda?
Igreja	Santo Agostinho	<i>“[...] talvez seja uma das experiências mais gostosas. Muitas pessoas têm seu único contato explícito com a Igreja, neste momento [...]”;</i>	<i>“Nossa Senhora e no povo de Deus”;</i>
	São Tomás de Aquino	<i>“nós nos sentimos todos como irmãos fraternos, e sabemos o quanto nós somos da mesma origem, e que devemos nos respeitar, no meio de todas essas diferenças”;</i>	<i>“a gente constrói uma sociedade mais digna, mais justa, um mundo mais fraterno, onde possa se viver mais em paz [...], paz com justiça”</i>
	São Joaquim e Sant’ana	<i>“Nossa senhora, não quer que a gente somente a veja como sendo maravilhosa... boa”;</i>	<i>“da família”, “dos pais”, “dos filhos” “pessoas que já partiram”;</i>
	São Miguel	<i>“o poder da fé e o poder de Nossa Senhora em nossas vidas”;</i>	<i>“mãe [...] independente de chegar uma hora da tarde, ou chegar três horas, ela acabava esperando para almoçar”;</i>
	São Gabriel	<i>“os doentes não tem a mínima condição de ver a santa de longe no dia do Círio... e eles têm a oportunidade de ver de dentro das suas casas”;</i>	<i>“a chegada dos colegas de fora, felizes para participar do Círio”;</i>
	São Rafael	<i>[ao trabalho voluntário que realizava, durante as procissões];</i>	<i>“agradecer e solicita muita coisa. É um momento muito importante”;</i>
	Santa Francisca	<i>“doentes, querendo participar das procissões”;</i>	<i>“mãe”;</i>
	Santa Foy de Gascogne	<i>“ver a berlinda ser ornamentada, a preparação da corda [...], o treinamento dos guardas, a reforma dos barcos e das estações”;</i>	<i>“Círio de Nazaré e a Basílica, seriam como uma família e uma casa”;</i>
	São Luís Maria de Montfort	<i>“servo de Nossa Senhora, no amor e no respeito”;</i>	<i>“um culto de amor e devoção [...] à Maria que</i>



			<i>esta sendo representada naquela imagem”;</i>
	Santo Expedito	<i>“numa demonstração de amor, aproximar as pessoas de Deus e materializar o maior dos mandamentos deixados por Ele aos homens - ‘Amai a Deus sobre todas as coisas e ama teu próximo como a ti mesmo’”;</i>	<i>“amor por Deus ao próximo”;</i>
Turismo/ Cultua	São Jorge	<i>“o profundo respeito que as pessoas da comunidade LGBT, têm com a santa; [...] nas pessoas, não existia nenhum marcador distintivo, do restante dos devotos que estavam ali; [...] um monte de gays, lésbicas, trans todo mundo esperando a festa começar; [...] todo mundo parou, e as ‘bixas’ todas se viraram para a santa, rezando”;</i>	<i>[família];</i>
	São Francisco Xavier	<i>“um sonho e um privilégio, poder participar um pouco da história”;</i>	<i>“mãe”;</i>
	São Judas Tadeu	<i>“[...] pelo quantitativo de pessoas que tem buscado, através do Círio, conforto em situações de droga, do filho preso e do desemprego”;</i>	<i>“irmã”;</i>
	Santa Margarida	<i>“contato na procissão com Nossa Senhora [...] e de um choro agradável, de conexão direta com ela”;</i>	<i>“nas pessoas mais próximas”, “pais”;</i>
	Santa Cecília	<i>“a emoção, durante uma musica e outra, não consegui cantar, só chorar”;</i>	<i>“Deus e de Maria”;</i>
	São Vito	<i>“ao ver a corda e a Berlinda serem organizadas”;</i>	<i>“família”, “trabalho”;</i>
	São João Bosco	<i>[não estabeleceu nenhuma relação direta, que viesse a explicar, ou mesmo, demonstrar algum fato [...], não tinha nenhuma resposta específica];</i>	<i>“Ninguém especificamente”</i>
	Santa Teresa de Ávila	<i>“alegre por poder ver o Círio todos os anos, [...] chateada ao ver a televisão querendo apressar o Círio”;</i>	<i>“suas mães”;</i>
	Santa Catarina de Sena	<i>“pessoas desmaiando e passando mal”;</i>	<i>“questões festivas e culturais, e não religiosas”;</i>



Acadêmico	São João Ávila	<i>[não demonstrou]</i>	<i>[não se reportou a nada]</i>
	Santa Hildegarda de Bingen	<i>“[...] É o povo que faz a festa, traz a sua fé em todas as formas, seja rezando, seja cantando um samba enredo para a Nazinha”</i>	<i>“família - mãe, irmã e pai; parentes, amigos e a toda humanidade”;</i>
	São Gregório de Narek	<i>“é como uma mãe, [...] mais próximo da imagem de Nazaré e olhar diretamente para ela”;</i>	<i>“[...] todos seus amigos e familiares”, “muito tempo para pensar nas pessoas”;</i>
	Santa Teresinha do Menino Jesus	<i>“a curiosidade, sobre essa questão da emoção, diversão, sagrado e profano”;</i>	<i>“na família [...] poder unir todos durante o Círio”;</i>
Festa	São João Batista de La Salle	<i>“encontrar em Nossa Senhora os traços de uma mãe”;</i>	<i>“pessoas [...] suas famílias no período do círio”;</i>
	Santa Úrsula	<i>“oportunidade de ser abraçada e amparada por pessoas que nunca tinha visto [...]”;</i>	<i>“da primeira pessoa que falou sobre o Círio”;</i>
	Santa Mônica	<i>“nascimento de um neto, [...] esperança e a busca por dias melhores”;</i>	<i>“Nossa Senhora”;</i>
	São Lucas	<i>[não se deixou reconhecer].</i>	<i>“mãe”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.



## 5.2 O EXPERIENCIADO: SEGUNDA ESTAÇÃO

Chega-se agora na perspectiva do experienciado, que propõe três questionamentos, em conformidade ao que veio sendo desenhado pelo imaginado e em alinhamento ao objetivo específico de identificar os sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, levando em consideração a relação que eles têm com a festa.

Para isso, o primeiro questionamento feito aos sujeitos corresponde a entender o que ele sentiu, estando como participante do evento Círio de Nazaré, no que tange os momentos vividos na festa. Com isso, o sujeito que fala se relaciona, apresentando a pulsação comunicacional, que será descrita a baixo.

*Santo Agostinho* acredita que não saiba fazer as coisas, como “faz de conta”, ou entra de “coração” na festa, ou vai se “sentir mal”. Ele diz que “os eventos do Círio mexem [com ele] como pessoa”. E que acreditar não ser “[...] um funcionário fazendo coisas”, uma vez que não sabe agir de outra forma.

*São Tomás de Aquino* corrobora com a fala *Santo Agostinho*, e acrescenta a ideia de que sente na sua participação o quanto “influencia” e é “importante” para o evento. Uma vez que as pessoas o procuram para participar de momentos oportunizados pela festa, como palestras e atividades em instituições públicas e privadas, com o intuito de aproximar os colaboradores das instituições com a festividade de Nazaré.

Já para o casal *São Joaquim e Sant’ana* veem a participação deles como “uma relação completa”. Porém, percebem que muitas pessoas quem participar de todos os momentos da festa, principalmente das procissões, “se sentem um pouco distante”, dos organizadores da festa. Eles acreditam que “a diretoria [da festa], tem que baixar [ao nível do fiel, para] chegar ao ponto de que essas pessoas se integrem” com a organização do evento. Relata que as pessoas participam dos momentos da festa, mas às vezes, elas não sentem o todo; “na realidade [elas] tem que se sentir um todo. A procissão, na verdade tem que ser de todos [...]”, não somente de um lado da festa. O certo para eles seria “[...] como em uma missa, onde todos participam”.

*São Miguel* acredita que a participação que vem tendo nos últimos anos, tenha melhorado muito. Relata que tem tido “um relacionamento muito bom com a diretoria da festa”, no que se pode dizer na “estruturação de toda a logística do Círio”. E isso, fica claro quando diz que “ao término de um Círio [eles se reúnem]



para fazer uma avaliação, do que aconteceu [e o que, poderá] ser melhorado para o ano seguinte”. Explica acreditar que, “[...] pelo fato da devoção, e do amor por Nossa Senhora, serem fatos unânimes e, ser um objetivo” que existam em suas vidas, isso pode ter feito com que “esse relacionamento tenha melhorado”.

*São Gabriel* acredita que venha participando de uma grande “integração”. Percebe isso como “[...] uma característica da região... do Estado”, onde as “forças de segurança municipais, estaduais e federais, trabalham durante todo o evento”. Relata a participação de policiais, que após o trabalho, se despem da função de ‘militar’, para se ‘vestir’ de Guarda de Nossa Senhora de Nazaré. E diz que existe uma semelhança entre as cores onde “[...] a roupa da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, é amarelo e azul, e é a mesma cor da Polícia Rodoviária Federal”.

*São Rafael* diz que no Círio, fazendo referência a toda a festividade, tem “uma abertura muito grande”, uma vez que vem participando ativamente de “todas as reuniões” que são convocadas. Relata que, durante os preparativos do Círio, mas precisamente no mês de agosto, começa-se, uma movimentação em torno de reuniões, para se pensar “os Círios”, que acontecem em Belém e cidades do interior do Estado. Acrescenta que festividades, como a de Nazaré, acontecem também, em distritos de Belém como é o caso de Icoaraci, Mosqueiro e Outerio e, em cidades do interior do Estado.

*Santa Francisca* diz que se sente “muito participante”, em sua atuação e colaboração na festividade de Nazaré. Percebe que “ninguém é voluntário”, de fato no Círio, e que ideia de voluntariado, só se concretiza nas procissões. No planejamento da festa, “Infelizmente [...] as coisas são todas pagas [...]” e que sempre tem que correr para buscar “um real de desconto”, uma vez que em os elementos que compõem “as procissões [...] tem certo custo”.

*Santa Foy de Gascogne* se sente inserida na festividade, por está sempre na “na Basílica”. Percebe que a igreja de Nazaré, “[...] não tem como estar fora dessa organização”, uma vez que foi neste local que se iniciou a devoção, começa e termina a procissão.

*São Luís Maria de Montfort* mesmo percebendo que Belém, durante a festividade, vem apresentando um número crescente de pessoas, se sente “em casa no Círio”. Entretanto, confessou “como católico”, que a igreja precisa ter uma pastoral da acolhida real aos fiéis, dando a eles, não somente no Círio, a possibilidade de se sentir inserido em todos os momentos de fé que eles possam ter.



*Santo Expedito* diferente dos outros santos, não se sente participante da festividade como devoto, nem como fiel da igreja. Acredita tem uma participação sim, mas como voluntário, durante as duas procissões, única e exclusivamente para apresentar o amor de Deus ao próximo.

*São Jorge* referindo-se a sua participação desde 2013, ano chegou a capital paraense, acredita que teve uma “aceitação em seu trabalho”, mesmo “não tendo participado [...]” de anteriores “estudos” para o “processo de registro” e de inventariação, tem percebido que a Diretoria da Festa, se mostra solícita quando se direciona algo a ela. Mas, dependendo da demanda, existem diretores da festa que “se mostram mais solícitos, e outros, [...] menos”. Fazendo com que se tenha um “pouco mais insistência [...]” para se obtenha informações referente a festividade.

*São Francisco Xavier* diz que se sente “muito participante”. Mesmo tendo que trabalhar com turismo, ele se considera ‘eclético’. E ele identifica que “há uma participação, pela afinidade com Nossa Senhora”, e ela, é bem mais “intensa”. Mas, acredita que seu olhar, pauta-se, mais para “a questão do turismo” do que pelo seu sentimento religioso.

*São Judas Tadeu* se sente “completamente inserido [...] e envolvido”. Mas acredita que os olhares para festa, precisam ser direcionados o ano todo. Ele diz que tem um diálogo direto com “a arquidiocese de Belém [...], com os diretores da festa [...] e com os principais atores do Círio”, mas que esse momento, é focado somente em “[...] agosto, setembro e quando vai se aproximando o Círio”. Necessitando para ele, de uma “política” de construção real, voltada para a festa de Nazaré.

*Santa Margarida* procura participar de todos os momentos da festa, mesmo “[...] não gostando muito das atividades culturais”. Acredita que o foco principal é a “fé”, e com isso se sente “inserida nas romarias que acontecem”, uma vez que vai ao encontro de “de Nossa Senhora, e não atrás do profano”, entendido, por ela pela como “Festa da Chiquita” e “Auto do Círio”.

*Santa Cecília* acredita que sim, e se sente “participante”. Refere-se a isso, relatando que acontecem muitas coisas boas e ruins, antes e durante a festividade, mas que “chega na hora do Círio, é uma coisa tão forte, tão emocionante que mais se agradece, do que se pede”. E acredita que isso, possa explicar o sentimento que uma pessoa que só ouviu falar da festa, por relatos e experiências de outras pessoas, tem, quando coloca de fato, em prática, a movimentação dentro da festa.



*São Vito* acredita ter se “sentido participante”, e com sua vivência contribuiu para “a construção” de uma imagem do Círio, que foi apresentada para o mundo. E isso para ele, é um fato que descreve com grande felicidade.

*São João Bosco* por sua vez, não se sentiu totalmente participante do evento. Relata que teve um excelente contato “como a Guarda de Nazaré, mas [...] não como a diretoria da festa, que não cedeu credenciais à equipe” que estaria desenvolvendo filmagens a respeito da festa.

*Santa Teresa de Ávila* diz que nunca foi “maltratada, mas também, nunca incluída, a ponto de sentir participante do processo” de organização de Círio. Ela diz que percebe, até como natural, não ter sido ‘acolhida’, dentro da Diretoria da Festa, por entender que a pesquisa que estava fazendo sobre o Círio, pode ter causado certo estranhamento nas pessoas, pelo medo do que ela iria escrever sobre a festividade. Entretanto, em outros locais, mas a seu nível de discussão, se sentiu participante e aceita como pesquisadora.

*Santa Catarina de Sena* acredita se sentir participante de todo o processo de organização e procissão. Uma vez que transite em todos os ambientes, visto por ela como cultural, e tem “participado ativamente da festa” e dos momentos oportunizados pelo evento.

*São João Ávila* não respondeu esse questionamento, mas deixou pulsante a ideia de que o Círio, ainda não é uma prioridade de pesquisa. Mas, infere-se que ele acredite que se tenham elementos que possam no futuro, garantir uma construção epistemológica do cenário que compõem a festividade religiosa.

*Santa Hildegarda de Bingen* respondeu esse questionamento com um “não” de primeira, e veio demonstrando em seu discurso, “nunca” ter se sentido “participante em todo o processo” de festa.

Já *São Gregório de Narek* por sua vez, disse que “sim”, que se sente participante “[...] de várias organizações para que o [evento] aconteça” e que por morar “[...] no caminho do Círio, isso também, faz parte [...]” da sua vivência de “fé” e de devoção.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* corrobora como São Gregório de Narek, e se diz “[...] inserida e participante em todo o processo” de festa.

*São João Batista de La Salle*, mesmo não morando mais em Belém, relata que durante sua vivência, na cidade se sentiu “participante do evento”. Uma vez que



“por dois anos [fez] parte da organização do círio” e isso aconteceu, pois cantou “no grupo que faz animação” da festividade.

*Santa Úrsula* em sua experiência como turista, disse que se sentiu “participante sempre”, uma vez que percebeu que “as pessoas encaminham [umas as outras] para dentro da atividade” e da festa.

*Santa Mônica* se mostrou muito entusiasmada com a pergunta, e respondeu que tanto no mês de outubro, como nos outros do ano, fica com seus familiares “aguardando esse dia” que para ela é mais que especial. Já para *São Lucas* que se mostrou sempre direto e objetivo nas respostas, se disse sentir “participante de todos os momentos da festa”.

Temos como exposto na pulsação das narrativas anteriores, sujeitos direcionando emoções e sentimentos ao rememorarem as sensações de serem participantes da festividade Círio de Nazaré. Com isso, encaminha-se agora, o segundo questionamento, ainda pautado pela perspectiva do experienciado.

Nas narrativas que se desprendem abaixo, foi questionado aos sujeitos, levando em consideração a sensação, vista nas falas anteriores, o sentimento quanto ao acolhimento, durante os momentos vividos na festividade religiosa Círio de Nazaré.

*Santo Agostinho* não respondeu se foi ou não bem acolhido, somente disse não ter “problemas”, quanto a isso, uma vez que sempre o “perguntam como [ele] aguenta tanto trabalho” e “tranquilamente” responde, que isso não lhe “incomoda”.

*São Tomás de Aquino* disse que foi “bem acolhido”. Onde em seu “processo de enculturação” procurou “conhecer a realidade” que lhe era apresentada, tanto do lado religioso, como da culinária. Relata a participação em eventos propostos pela organização do Círio, e que isso, facilitou enxergar a “grande importância” que o evento tem para a “evangelização” dos fiéis e também, que a festa simbolicamente representa “[...] a identidade do povo da Amazônia [...]” uma vez que para ele o Círio tem uma “Identidade própria”.

*São Joaquim e Sant’ana* acreditam em um sentimento de acolhida, uma vez que consideram “um pouco complicado uma acolhida durante as procissões”. Dizem isso, relatando que durante o trabalho que desenvolvem, propõem “conforto” para as pessoas poderem participar e “assistir o Círio e as procissões de forma tranquila”. E falam isso, independente de quem esteja sendo acolhido, se eles ou outra pessoa, sendo de Belém ou de fora. Mas, acreditam que se a pessoa for de fora, se tenha



um interesse ainda maior de acolhê-la, uma vez que se tem a ideia, de quanto melhor for à recepção, ela irá levar uma “impressão melhor [...], e volte” novamente para a cidade.

*São Miguel* acredita que é “bem acolhido”, e também, acredita no acolhimento que é vivido durante a festa do Círio. Diz isso, referindo-se ao convívio que se tem dentro da Igreja, uma vez que “se fala do amor de Cristo [...], se fala do amor de Nossa Senhora, se fala de devoção, e se fala de fé”. E isso, não pode fugir da relação que se constrói durante a festa, assim, a pessoa que caminha tem que ter isso tudo em mente para está verdadeiramente no Círio.

*São Gabriel* acredita que seja “totalmente” acolhido. E que isso fica claro, uma vez que estando na procissão, é facilmente identificado, e pode vir a participar juntamente com os guardas, na ala da berlinda, do momento de fé.

*São Rafael* se considera “bem acolhido” durante a procissão, e percebe que “recebe muita ajuda de pessoas” de fora, que contribuem com doações de alimentos, medicamentos, água e outros materiais necessários para distribuição nos postos de ajuda ao romeiro.

*Santa Francisca* diz que é “acolhida pela igreja e diretoria da festa”, mas pelos outros, não. Percebe certo individualismo, e uma falta de harmonia entre os grupos que participam colaborando com a festividade. Afirma que já viu pessoas e/ou grupos buscando coisas durante a organização, que demandariam uma união, e ao invés disso, viu um centralismo no querer e não uma unidade na ação.

*Santa Foy de Gascogne* percebe mais forte que é acolhida “durante a penúltima procissão”, quando sente uma vivência bem familiar, onde os colaboradores de toda a festa, se confraternizam em meio a uma procissão, que é voltada para eles. E podem vivenciar de forma mais completa a devoção.

*São Luís Maria de Montfort* confessa que como tem a vivência de todo o Círio, se preocupa “em olhar para santa”, e não sente falta de acolhimento. Mas, que se “fosse um romeiro, que viesse de fora, e que nunca tivesse vindo a Belém” certamente sentiria “falta dessa acolhida”. E como já disse, anteriormente, percebe ausência de uma pastoral que trabalhe melhor essa vivência da acolhida dentro da igreja.

*Santo Expedito* diz que desde o início de seu trabalho para as pessoas que participam da manifestação Círio, percebeu momentos diferentes de acolhimento. O primeiro foi dentro do seu ambiente de trabalho, que não se mostrou contente com a



ideia de se trabalhar em parceria com a arquidiocese de Belém. O segundo se deu com a própria arquidiocese de Belém, que se mostrou fortemente receptiva com a ideia do trabalho proposto, dando-lhe total apoio e incentivo para o desenvolvimento da ação de acolhida aos romeiros do Círio.

*São Jorge* acredita que exista “uma coisa bem peculiar em relação a acolhida no Círio”. Primeiro, que as pessoas se consideram hospitaleiras e constantemente se houve isso pelas ruas. Segundo, porque elas demonstram essa hospitalidade, praticamente abrindo as portas das suas casas, até para um estranho. Então, acredita que desde quando chegou, em 2013, foi “bem recebido e acolhido”.

*São Francisco Xavier* se mostrou uma pessoa sempre com lágrimas nos olhos. Disse que para responder essa questão teria que voltar para razão, uma vez que a emoção é muito forte, ao rememorar os fatos, relacionados ao Círio, onde sempre lembra muito a relação que tinha com a Mãe. Mas, confessou que percebe uma relação no acolhimento, durante as procissões. Disse ser “impressionante, quando se fica próximo das pessoas. Todo mundo é irmão, todo mundo é próximo, aquilo que tu nunca viste. Todo mundo tá ali, naquele momento de confraternização, naquele momento de alegria, de devoção [...] em uma relação de acolhimento [...] com simplicidade, pode ser preto... branco”, todos se respeitam.

*São Judas Tadeu* não disse se foi ou não bem acolhido. Mas estabeleceu diferenças para o entendimento de “bem recebido” e de “hospitaleiro”. Ele disse que após levantamento feito por pesquisa, durante o Círio, conseguiu verificar que sempre quando se é perguntado sobre a hospitalidade do Pará, as resposta giram em “pontos positivos” como a “gastronomia e hospitalidade do paraense”. E considera “isso uma realidade”. Mas, acredita ter como desafio a “qualidade no serviço de atendimento ao turista, qualidade nos restaurantes e bares”. Diz isso, relatando umas das conclusões da pesquisa: “quando se fala em ser hospitaleiro, é abrir a porta da sua casa. É impressionante, como somos extremamente bons hospitaleiros; nós somos extremamente hospitaleiros, mas, falhamos muito na questão do serviço, no bem receber”.

*Santa Margarida* acredita que é acolhida. E diz isso dando como exemplo o momento de proximidade que os fiéis têm com “Nossa Senhora”. E acredita fielmente que sua família, também, contribua para esse momento de acolhimento, uma vez que eles sempre estão pertos, vivenciando o mesmo sentimento por Maria.



*Santa Cecília* acredita que o acolhimento acontece “o tempo todo”. Relata que morou fora da capital paraense, e que ficava muito mal nas vezes que não conseguia vir a Belém, para participar da festividade do Círio. Mas, rezava e entrava em conexão para, ao menos, “pegar uma ‘energiazinha’, pelo ar (risos) [...] desse contato com a fé”.

*São Vito* diz que Foi “muito bem acolhido por todas as entidades que trabalham no círio”. E Não identificou nenhum momento que possa dizer que exista falta de acolhimento.

*São João Bosco* acredita que existam momentos que “a tensão da procissão não permite certa simpatia, às vezes, há confusão, empurra-empurra e para quem trabalha com captação de imagens, o desafio é ainda maior”. Mas, que consegue ver, mesmo na dificuldade, traços de acolhimento nas pessoas.

*Santa Teresa de Ávila* acredita que “não”. Esclarece o fato dizendo que “às vezes era muito difícil [ser acolhida], até porque as pessoas estavam ocupadas”. A festividade para ela “é uma ocupação. Uma coisa tensa para quem está organizando. Para quem participa não. Mas imagina que para a organização deva ser” bem complicado.

*Santa Catarina de Sena* não falou se foi ou não bem acolhida, disse apenas que pela festividade ser “extremamente bem organizada e cada vez mais controlada”, o sentimento que o fiel tem, pautado pelo “[...] discurso de que é o povo leva a berlinda”, acredita não haver mais. Uma vez que “existe um controle [para que] a santa chegue até meio dia lá na basílica”, e isso para ela, quebra todo o momento de veneração que o devoto tem para com a imagem. Mas, mesmo assim, percebe que “a população está junto” participando da festividade.

*São João Ávila* não falou diretamente se presenciou algum sentimento de acolhimento dentro do Círio. Em seu relato, sobre a festa, sempre direcionou a ideia para fatores mercadológicos. Dizendo que o evento tem uma Diretoria preocupada, somente com a festa, em não com outros aspectos. Mas, deu a entender considera o evento como o Natal dos paraenses.

*Santa Hildegarda de Bingen* acredita está tão inserida no cotidiano da cidade e do Círio que a respeito da acolhida, disse que “por ser de Belém não teria como responder esse questionamento”.

*São Gregório de Narek* acredita que “o Círio de Nossa Senhora de Nazaré abre portas” e ele é um evento acolhedor. E fala isso, dando como exemplo, a



manifestação cultural “Auto do Círio”, que no seu entendimento mostra como o evento acolhe e ao mesmo tempo “é diferente”. Uma vez que percebe que “Nazaré abre nossos caminhos e sempre somos bem vindos quando vamos tratar sobre este belo cortejo cultural”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* acredita com toda certeza que é bem acolhida. E diz isso, falando que não percebe diferenças entre “quem é daqui com quem não é, essa hora todo mundo é igual”. Relata que percebe que as pessoas “até querem receber bem, quem é de fora [...] E que tem até um algo a mais”, se a pessoas for de outro local.

*São João Batista de La Salle* fala que “trata-se de uma experiência indescritível que [...] começa no aeroporto, quanto ao sair da sala de desembarque, já se depara com a imagem de Nossa Senhora, [...] ao som do carimbo”. E isso se intensifica para ele durante “a procissão do segundo domingo de outubro”, que no seu entendimento “é a acolhida do povo, o sorriso do desconhecido, e o cheiro da fé que exala a quilômetros de distância”.

*Santa Úrsula* diz que se sentiu “bastante acolhida”. Relata que as pessoas durante o Círio “parece que te conhecem”. Relata que quando uma pessoa está “perto da corda querendo entrar, elas te ajudam, se você cai, elas te levantam, se você chora, elas te amparam. Tudo muito diferente de qualquer outra multidão, onde as pessoas não te cumprimentam, não te percebem e não te veem”.

*Santa Mônica* acredita que é “bem acolhida”, uma vez que atrela sua vivência religiosa a Maria, e tem nela os traços de sua mãe.

Já *São Lucas*, acredita que “sim”, que foi e, é bem acolhido durante todo o processo de festa e organização do Círio.

Encaminha-se agora, para averiguar, ainda pautado pela perspectiva do experienciado, o terceiro questionamento feito aos sujeitos. Questionou-se se haveria alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade.

Com base nisso, tem-se nas narrativas apresentadas logo a seguir, a pulsação comunicacional e a busca pela averiguação das características que marcam nas falas dos sujeitos, a identificação de traços que possam demonstrar essa diferença de tratamento, no mês do Círio.



*Santo Agostinho* acredita que “sim”, que exista uma diferença no tratamento. “Mas, isso não significa que é o Natal”, fazendo alusão à ideia, muito comentada em Belém, de que o Círio seria o Natal do povo paraense. Para ele “o Círio é Círio, Natal é Natal”. Não existem semelhanças. São festas com propósitos, datas e ideias diferentes. Entretanto, não pode deixar de considerar que “existe atenção, gentileza, delicadeza. Tudo isso durante o Círio”. Diz que, mesmo com coisas que possam ser relacionadas ao Natal, principalmente no sentimento de proximidade entre as famílias, não se pode confundir as festas, uma vez que, cada uma, tem seu rito e tempo litúrgico.

*São Tomás de Aquino* diz acreditar que existam diferenças quanto ao tratamento. E corrobora com a fala de Santo Agostinho, referente à forma de tratamento das pessoas e a comparação com o Natal. Ele diz que o Natal é representado por “José, Maria e o menino Jesus, na manjedoura, os pastores, os anjos, a estrela, os animais, a gruta de Belém, os magos”. E o Círio, têm outras representatividades, que podem ser lembrados como “a berlinda, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, a corda, as procissões, as romarias, as homenagens, as multidões, a festa”. E questionou-me, se perceberia diferenças. E continuou a narrativa, dizendo que “não se pode misturar os acontecimentos. O Círio é um grande evento religioso, popular, devocional, de fé, de louvor, de culto, de veneração, de religiosidade, porém não é possível comparar com o Natal”.

*São Joaquim e Sant’ana* dizem que sentem “nas pessoas, nas conversas [...], no trabalho [...] o clima de querer ajudar”. Eles entendem que existam pessoas que liguem a ideia de Natal, mas isso se explica pelo fato de “o clima fica diferente, a cidade fica diferente, e é uma coisa incrível de se ver”. São Joaquim, até brinca, com o fato de seus amigos no trabalho, dizerem que ele se ‘santifica’ ainda mais durante o Círio. Sant’ana acredita que exista “um misto de vários fatores” que contribuem para essa sensação, de ter no mês de outubro, a ideia de um período diferente dos outros. Relata que tudo se modifica. “[...] As casas começam a se preparar para esse evento [...], desde a faxina geral, caso tenha-se que receber alguém. Você procura pintar a casa. Começa a arrumar diferente do que normalmente. Começa a se preocupar com as comidas. Então é o cheiro das coisas que vão mudando, o tempero muda. O trânsito fica caótico, por que é aumenta o número de carros”. E diz que as pessoas vivem o mês de outubro, em função disso. E termina dizendo que,



não saberia falar se tudo isso, que ocorre em Belém, “é certo ou errado, mas que deveria acontecer o ano todo”.

*São Miguel* acredita que o mês de outubro, proporcione “um envolvimento maior com a fé que o povo tem em Nossa Senhora”. E relata que “o mês de outubro, é um mês atípico. Porque não se tem somente a procissão maior, a do Círio”, mas todas as outras atividades, proporcionadas pela festividade. Além do que, desde agosto, já vem acontecendo “as inúmeras visitas nas casas e empresas” que solicitaram a presença da imagem peregrina, “mas, conforme vai chegando o mês de outubro intensificam” as visitas. “Então, isso tudo, junto, faz com que esse mês, seja mais cheio de emoções, acalorado, mais participativo e diferente. Tudo acontece em uma quantidade muito maior do que nos outros meses”.

*São Gabriel* acredita que o mês de outubro seja “completamente” diferente dos outros meses do ano. Relata que “o clima já começa com o cheiro no ar da maniçoba. O trânsito já começa a ficar praticamente insuportável. As pessoas nas ruas começam a se cumprimentar” com a saudação de “feliz Círio, feliz Círio”. E os “convites para o almoço” se intensificam. É um mês que “até a chuva fica magnífica”.

*São Rafael* diz achar que existam sim diferenças, e que o Círio, seja “o Natal dos Paraenses”. Diz isso, falando que “a acolhida é bem maior. As famílias se abrem para atender as pessoas. Nas casas, começam a serem preparadas as comidas. O tradicional pato no tucupi”. Acredita que exista sim “realmente diferença [...] dos outros meses”. Mas que “pensando no Natal, que é [...] a festa da família, o Círio é a festa do povo paraense”.

*Santa Francisca* acredita que o mês de outubro seja “totalmente diferente”. E fala isso, dizendo que “Independente de está no Círio ou não” o mês é diferente. “movimento da cidade é maior, [...] o turismo se movimenta, [...] aumenta o número de pessoas na rua. As famílias se unem. Pessoas que estão fora, chegam na cidade para visitar a família. E o Círio é um verdadeiro Natal”. Relata que tem amigos que falam que só vem para o Círio, e não vem nem para o Natal nem para o réveillon. E acredita fortemente que o “Círio seja o Natal dos Paraenses”.

*Santa Foy de Gascogne* acredita que é “diferente” o mês de outubro. Mas que o significado que as pessoas dão ao Natal, durante o mês, se explica pelo fato de ser “um momento em que as famílias se confraternizam, os parentes de fora vem, e trocam presentes, eles fazem o almoço em família”. E almoço do Círio, tem o mesmo valor que “a ceia feita durante a noite de Natal”. E acredita relação da



vivência do Círio como o “Natal dos paraenses”, possa justificar o “aspecto de acolhedor” que dão ao povo do estado.

*São Luís Maria de Montfort* antes de responder ao questionamento, relata que o seu pai, um cearense, que em 1963, viu de perto, já naquela época, a “grandiosidade” do Círio. O que causou uma forte impressão para ele no mês de outubro. Mas, que em dezembro ficou triste, por não ter visto e sentido, a mesma grandiosidade, atrelada ao Círio, durante a festa de natal, na década de 1960. Ele diz que “o Círio era essencialmente muito, mas muito mais importante que o Natal”. Isso levando em consideração, os momentos vividos da sua infância a vida adulta. Então ele, acredita que exista sim, uma algo no mês de outubro, uma vez que “Belém no Círio, fica com a áurea diferente. Fica com outra expectativa, vivem outros sentimentos, muito mais intensos que o Natal”.

*Santo Expedito* identifica que exista sim, uma relação diferente, atrelada ao mês de outubro. Mas, não se deixou entender se acreditava ou não na relação entre outubro e outros meses. O que se despreendeu de sua fala, foi à inferência de uma relação de respeito com o evento no mês de outubro.

*São Jorge* usa o termo “gritante” e “incrível” para descrever sua impressão sobre a forma de tratamento durante o mês de outubro. E refere-se a “três períodos que são bastante peculiares [...] em Belém”. O primeiro faz referência ao “carnaval”, onde percebe certo esvaziamento da cidade. O Segundo é o período de “férias” escolares, no mês de “julho”, onde considera “interessante” a dinâmica que os órgãos públicos têm de darem “folga” aos seus servidores as sextas-feiras, e percebe que a cidade também, fica esvaziada. E o último, é no “mês outubro”, dizendo que acontece o efeito contrário, aos períodos de carnaval e férias escolares. A cidade “parece que infla [...] dobra a quantidade de pessoas [...], é incrível a efervescência do Ver-O-Peso [...] durante o período do Círio”. Relata que “é incrível o cheiro de maniçoba nas ruas [...], você sente um clima diferente na cidade [...] ela está festiva, as pessoas estão mais acolhedoras, mais simpáticas. E a expectativa é grande em torno do Círio. E é festa para todos os lados”.

*São Francisco Xavier* relata que não saberia dizer os motivos reais para a diferença entre os meses. Mas acredita que pode está relacionando “aos preparativos para a grande festa da Rainha da Amazônia e de seu filho”. E além das pessoas, que são as responsáveis por proporcionar a festa, que no seu entendimento seriam todos do Pará, acredita que exista uma ajuda sobrenatural dos



“anjos celestiais, das energias boas, que colaboram para que a festa seja grandiosa, seja belíssima” como vem ocorrendo todos os anos. E acredita sim, que seja o “natal dos paraenses, antecipado”. E que isso, se explica pelo fato de ser colocada em evidência “uma protagonista” que é esquecida muitas vezes na festa de natal, “que é a mãe de Jesus”.

*São Judas Tadeu* acredita que “a cidade é hospitaleira, independente de estação”. Mas, percebe que durante o mês de outubro, “no período do Círio, existe um esforço grande, uma preparação específica [...] garantindo que essa pessoa, [que vista a cidade], tenha um atendimento melhor que em outros momentos” do ano.

*Santa Margarida* acredita que “no período do Círio as pessoas estão mais envolvidas no sentimento de melhor receber. Mas, o calor e a receptividade, que o povo paraense tem com os turistas, são os mesmos o ano todo”.

*Santa Cecília* vai além à sua explicação, dizendo que percebe essa forma de tratamento “não só no povo paraense, mas no nortista e no nordestino”. Mas, logo, retoma a linha geográfica, voltando-se somente para o Pará. E diz que “o povo paraense é MUITO acolhedor, é MUITO hospitaleiro. É aquele povo que você chega nas ruas, perdido [...], bate um papo, e o cara sabe que você é de fora [...] já te leva na cairú. Ele já quer te mostrar o Ver-O-Peso. Já te leva para dentro da casa dele para almoçar. Então é um povo [...] muito acolhedor”.

*São Vito* relata que “o povo é acolhedor, ao longo de todo ano. Mas acredito que ao longo do período do Círio o povo fica ainda mais acolhedor”.

*São João Bosco* acredita que a forma de tratamento das pessoas durante “o Círio, é só o ápice da cordialidade paraense. Mas não [percebe] que as pessoas sejam mais receptivas, apenas tem um clima maior de acolhimento, por conta das várias pessoas que vem de fora, principalmente, os amigos e familiares que não moram mais na cidade”.

*Santa Teresa de Ávila* acredita que “sim”, que exista uma forma de tratamento diferenciada no mês de outubro. Mas, é preciso ter em mente “dois aspectos” fundamentais. O primeiro relaciona-se a “um esforço da publicidade e do jornalismo, que cabem muito bem nesse aspecto”. Uma vez que se cria “através de anúncios [...] um clima. Aquilo que quem trabalha em comunicação sabe fazer muito bem. Há uma criação de um clima. Então você vê nas TVs as pessoas falando, sobre o Círio”. O segundo direciona-se, a “uma predisposição das pessoas, para se



sentirem em mais harmonia. Por exemplo, essa coisa do feliz Círio” que é muito comum nos textos de agradecimento, nas instituições públicas, ou até mesmo, nas mensagens das redes sociais.

*Santa Catarina de Sena* acredita que “exista sim” uma diferença no tratamento. “As pessoas ficam imbuídas de um sentimento [...] de solidariedade”. E por esse motivo que atrela, também, a ideia do “Círio como o natal do povo paraense”. E explica que considera isso, pelo motivo de “o Natal ser um momento de confraternização [...] e de encontro da família. E o Círio mais do que o Natal, consegue reunir a família. E isso é muito representativo. E ainda tem a questão da gastronomia, do almoço”. Mas, considera mais forte a representatividade da “reunião da família, nesse momento em torno do círio”.

*São João Ávila* acredita que exista uma movimentação diferenciada durante o mês de outubro, mas não poderia dizer que seja diferente dos outros anos, até pelo fato de não se ter uma pesquisa, para ele, que comprove o fato da diferença de tratamento das pessoas.

*Santa Hildegarda de Bingen* apresenta duas ideias para esclarecer o fato do mês de outubro ser diferente dos outros do ano. Diz “quanto à relação com o turismo, o Círio é um produto da cidade, então há sim mudança no tratamento das pessoas, pelo sentimento de receber, nesse momento diferenciado. Quanto ao evento em si, também, é uma relação muito sentimental, então as pessoas tem um tratamento diferenciado sim”.

*São Gregório de Narek* acredita que “o Círio de Nazaré, começa quando os visitantes chegam na cidade, sempre antes da data. A cidade se arruma, e tudo se torna muito mais acolhedor. É a energia materna de Maria, fazendo com que [...] nos tornemos mais acolhedoras naturalmente”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* diz que o mês de “outubro é diferente. Mas, a questão da forma de receber as pessoas, que vem de fora, isso é o ano inteiro”. Diz que percebeu, que “os paraenses [...] ficam loucos para mostrar realmente tudo que eles têm”, de uma só vez, no mês de outubro.

*São João Batista de La Salle* acredita que “Sim”, que exista uma diferença na forma de tratamento das pessoas durante o Círio. E diz que “realmente o Círio é o natal do paraense. Pois parece que nesse período as pessoas sentem-se mais irmãs, mais amorosas. Sentem a obrigação de serem melhores”.



Santa Úrsula disse que “não saberia dizer”, uma vez que só conhece Belém durante o Círio. “Mas acredita que o acolhimento seja uma das características do paraense”. Uma vez que percebe que exista “algo diferente no Círio, que não deve acontecer em outro momento”. E relata isso dando como exemplo o “fato de até as igrejas, não católicas, oferecerem apoio aos romeiros durante o Círio, e isso deve ser algo apenas desse período”.

Santa Mônica diz que “sim”, que percebe que “tudo nele é diferente”. No mês de outubro “o sol, a chuva, parece que tudo anuncia Maria”. Relata que tem percebido que as pessoas que vem para capital, no período do Círio, “já chegam com o coração diferente. Menos amargura, menos sofrimento, mais amor, com mais fé”.

*São Lucas acredita* que o trabalho feito pela igreja, durante o ano todo, explique o fato de se perceber “mais acolhimento, para o romeiro que vem de fora procurando a igreja”.

Apresenta-se no quadro 10, abaixo, uma síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos, depreendidas da perspectiva do Experienciado.



Quadro 5 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Experienciado

SUJEITOS-DEVOTOS		EXPERIENCIADO		
		Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?	Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos?	Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?
Igreja	Santo Agostinho	“os eventos do Círio, mexem como pessoa”;	<i>[não respondeu se foi ou não bem acolhido, somente disse não ter “problemas”, quanto a isso];</i>	<i>“sim. Mas, isso não significa que é o Natal”;</i>
	São Tomás de Aquino	<i>“importante”;</i>	<i>“bem acolhido”;</i>	<i>“não se pode misturar os acontecimentos. O Círio é um grande evento religioso, popular, devocional, de fé, de louvor, de culto, de veneração, de religiosidade, porém não é possível comparar com o Natal”;</i>
	São Joaquim e Sant’ana	<i>“uma relação completa, como em uma missa, onde todos participam”;</i>	<i>“um pouco complicado uma acolhida durante as procissões”;</i>	<i>“nas pessoas, nas conversas, no trabalho [...] o clima de querer ajudar, o clima fica diferente, a cidade fica diferente, e é uma coisa incrível de se ver”;</i>
	São Miguel	<i>“um relacionamento muito bom com a diretoria da festa”;</i>	<i>“bem acolhido”;</i>	<i>“o mês de outubro, é um mês atípico”;</i>
	São Gabriel	<i>“integração, uma característica da região... do Estado”;</i>	<i>“totalmente”;</i>	<i>“completamente, [...] o clima já começa com o cheiro no ar da maniçoba. O trânsito já começa a ficar praticamente insuportável. As pessoas nas ruas começam a se cumprimentar”;</i>



	São Rafael	“uma abertura muito grande”;	“bem acolhido”;	“realmente existe diferença dos outros meses, pensando no Natal que é a festa da família, o Círio é a festa do povo paraense”;
	Santa Francisca	“muito participante”;	“acolhida pela igreja e diretoria da festa”;	“totalmente diferente. O movimento da cidade é maior, o turismo se movimenta, aumenta o número de pessoas na rua. As famílias se unem. Pessoas que estão fora, chegam na cidade para visitar a família. E o Círio é um verdadeiro Natal”;
	Santa Foy de Gascogne	“[...] não tem como tá de fora dessa organização”;	[é acolhida] “durante a penúltima procissão”;	“diferente, [...] um momento em que as famílias se confraternizam, os parentes de fora vem, e trocam presentes, eles fazem o almoço em família”;
	São Luís Maria de Montfort	“em casa no Círio”;	[se preocupa] “em olhar para a santa” [e não se sente falta de acolhimento];	“Belém no Círio, fica com a áurea diferente. Fica com outra expectativa, vivem outros sentimentos, muito mais intensos que o Natal”;
	Santo Expedito	[uma participação [...] como voluntário]	[percebeu momentos diferentes de acolhimento]	[não se deixou entender se acreditava ou não na relação entre outubro e outros meses];
Turismo/ Cultua	São Jorge	“aceitação em seu trabalho”;	“bem recebido e acolhido”	“[...] outubro parece que infla, dobra a quantidade de pessoas [...], é incrível a efervescência do Ver-O-Peso [...] durante o período do Círio. É incrível o cheiro de maniçoba nas ruas [...], você sente um clima diferente na cidade, ela está festiva, as pessoas estão mais acolhedoras, mais simpáticas. E a expectativa é grande em torno do Círio. E é festa para todos os lados”;
	São Francisco Xavier	“muito participante”;	“impressionante, quando se fica próximo das pessoas. Todo mundo é irmão, todo mundo é próximo, aquilo	“aos preparativos para a grande festa da Rainha da Amazônia e de seu filho. O natal dos paraenses, antecipado”;



			que tu nunca viste. Todo mundo tá ali, naquele momento de confraternização, naquele momento de alegria, de devoção em uma relação de acolhimento... com simplicidade, pode ser preto... branco”;	
São Judas Tadeu	“completamente inserido [...] e envolvido”;	[não disse se foi ou não bem acolhido];		“a cidade é hospitaleira, independente de estação. No período do Círio, existe um esforço grande, uma preparação específica, garantindo que essa pessoa, tenha um atendimento melhor que em outros momentos”;
Santa Margarida	“inserida nas romarias que acontecem”;	[é acolhida];		“no período do Círio as pessoas estão mais envolvidas no sentimento de melhor receber. Mas, o calor e a receptividade, que o povo paraense tem com os turistas, são os mesmos o ano todo”;
Santa Cecília	“participante”;	“o tempo todo”;		“o povo paraense é MUITO acolhedor, é MUITO hospitaleiro. É aquele povo que você chega nas ruas, perdido [...], bate um papo, e o cara sabe que você é de fora [...] já te leva na cairú. Ele já quer te mostrar o Ver-O-Peso. Já te leva para dentro da casa dele para almoçar. Então é um povo [...] muito acolhedor”;
São Vito	“participante”;	“muito bem acolhido por todas as entidades que trabalham no círio”;		“o povo é acolhedor, ao longo de todo ano. Mas acredito que ao longo do período do Círio o povo fica ainda mais acolhedor”;
São João Bosco	[não se sentiu totalmente participante do evento];	“a tensão da procissão não permite certa simpatia, às vezes, há confusão, empurra-empurra e para quem trabalha com captação de imagens, o desafio é ainda maior”;		“o Círio, é só o ápice da cordialidade paraense. Mas não [percebe] que as pessoas sejam mais receptivas, apenas tem um clima maior de acolhimento, por conta das várias pessoas que vem de fora,



				<i>principalmente, os amigos e familiares que não moram mais na cidade”;</i>
Acadêmico	Santa Teresa de Ávila	<i>“nunca incluída, a ponto de sentir participante do processo”;</i>	<i>“[...] às vezes era muito difícil, até porque as pessoas estavam ocupadas”;</i>	<i>“Há uma criação de um clima. Então você vê nas TVs as pessoas falando, sobre o Círio, [...] uma predisposição das pessoas, para se sentirem em mais harmonia. Por exemplo, essa coisa do feliz Círio”;</i>
	Santa Catarina de Sena	<i>“participado ativamente da festa”;</i>	<i>[não falou se foi ou não bem acolhida]</i>	<i>“as pessoas ficam imbuídas de um sentimento de solidariedade, e o Círio mais do que o Natal, consegue reunir a família. E isso é muito representativo. E ainda tem a questão da gastronomia, do almoço”;</i>
	São João Ávila	<i>[não respondeu]</i>	<i>[não falou diretamente se presenciou algum sentimento de acolhimento dentro do Círio]</i>	<i>[não poderia dizer]</i>
	Santa Hildegarda de Bingen	<i>“nunca [...], participante em todo o processo”;</i>	<i>“por ser de Belém não teria como responder esse questionamento”;</i>	<i>“quanto à relação com o turismo, o Círio é um produto da cidade, então há sim mudança no tratamento das pessoas, pelo sentimento de receber, nesse momento diferenciado. Quanto ao evento em si, também, é uma relação muito sentimental, então as pessoas tem um tratamento diferenciado sim”</i>
	São Gregório de Narek	<i>“sim” [que se sente participante];</i>	<i>“Nazaré abre nossos caminhos e sempre somos bem vindos quando vamos tratar sobre este belo cortejo cultural”;</i>	<i>“o Círio de Nazaré, começa quando os visitantes chegam na cidade, sempre antes da data. A cidade se arruma, e tudo se torna muito mais acolhedor. É a energia materna de Maria, fazendo com que nos tornemos mais acolhedoras naturalmente”;</i>



	Santa Teresinha do Menino Jesus	<i>“inserida e participante em todo o processo”;</i>	<i>“quem é daqui com que não é nessa hora todo mundo é igual”;</i>	<i>“outubro é diferente. Mas, a questão da forma de receber as pessoas, que vem de fora, isso é o ano inteiro. Os paraenses ficam loucos para mostrar realmente tudo que eles têm”;</i>
Festa	São João Batista de La Salle	<i>“participante do evento”;</i>	<i>“trata-se de uma experiência indescritível que começa no aeroporto, quanto ao sair da sala de desembarque, já se depara com a imagem de Nossa Senhora, ao som do carimbo”;</i>	<i>“Sim, [...] realmente o Círio é o natal do paraense. Pois parece que nesse período as pessoas sentem-se mais irmãs, mais amorosas. Sentem a obrigação de serem melhores”;</i>
	Santa Úrsula	<i>“participante sempre”;</i>	<i>“bastante acolhida”;</i>	<i>“não saberia dizer. Mas acredita que o acolhimento seja uma das características do paraense. Algo diferente no Círio, que não deve acontecer em outro momento; [...] fato de até as igrejas, não católicas, oferecerem apoio aos romeiros durante o Círio, e isso deve ser algo apenas desse período”;</i>
	Santa Mônica	<i>“aguardando esse dia”;</i>	<i>é bem acolhida</i>	<i>“sim [...] tudo nele é diferente o sol, a chuva, parece que tudo anuncia Maria [...] já chegam com o coração diferente. Menos amargura, menos sofrimento, mais amor, com mais fé”;</i>
	São Lucas	<i>“participante de todos os momentos da festa”.</i>	<i>“sim”.</i>	<i>“mais acolhimento, para o romeiro que vem de fora procurando a igreja”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.



### 5.3 O INFERIDO: TERCEIRA ESTAÇÃO

Caminha-se, agora, para a perspectiva do inferido, em conformidade com a pulsação comunicacional apreendida das narrativas do imaginado e do experienciado. Assim, foram apresentados, aos sujeitos-devotos, quatro questionamentos para se estabelecer a relação proposta nesta dissertação, que corresponde, a identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará.

Assim, o primeiro questionamento faz referência ao entendimento que os sujeitos teriam para com o evento, atrelando-o à ideia de um momento que se pauta por uma valorização turística, religiosa ou cultural.

É interessante perceber a relação que o grupo igreja faz para esse momento vivido na festa, uma vez que, em suas falas, muito se percebe como uma movimentação religiosa, mas que não desconsidera aspectos culturais e turísticos.

*Santo Agostinho* considera a festa como “religiosa, mas com uma repercussão cultural”, tomando todo o cuidado para dizer que não concorda com a afirmação, de que o Círio transcende “o religioso”. Ele acredita que o Círio, é um “evento da igreja católica”, mas não desconsidera a ideia de movimentações culturais e turísticas.

*São Tomás de Aquino* corrobora com a ideia de Santo Agostinho, ao dizer que o “evento é religioso”, uma vez que ele “é promovido pela igreja católica”. Porém, considera que existam “aspectos culturais”, uma vez que considera o evento inserido na vivência da “religiosidade popular”, por enxergar “elementos da cultura do povo da Amazônia”.

*São Joaquim e Sant’ana* acreditam que pela vivência que eles vêm tendo dentro da igreja, dão a ideia de um evento de “cunho religioso”. Mas percebem que existem seguimentos da sociedade que querendo participar do Círio, dão a ele uma “tendência cultural e turística”. Mesmo assim, não desatrelam a ideia de uma movimentação religiosa.

*São Miguel* acredita que não pode desconsiderar as possibilidades, dizendo que enxerga o evento “das três formas”, mas que olha muito pelo “aspecto religioso”. E que as outras duas formas, são para ele “áreas distintas” que “funcionam em conjunto”, dando a entender que estariam envolvidas em uma religiosidade popular.



*São Gabriel* acredita que o Círio “é a data mais importante para o paraense”, então volta a dizer que o considera como o “natal”, e assim, estabelece sua avaliação dizendo que percebe o evento inserido nos “três” momentos. Relata que enxerga dessa forma, por entender que o Círio “atrai turistas de fora, é cultural” pelo fato de se ter a ideia de Natal, “e é religioso” pelo momento de fé que é vivido.

*São Rafael* diz ter certeza que o evento “é tudo isso”. E diz que “é um evento religioso, como todo”, mas, o considera “cultural [...] pela diversificação das pessoas que participam [...] e de como é feito dentro do nosso Estado”. Pode ser considerado também, “turístico [...] porque está recebendo gente de todo o lugar do mundo, para participar do Círio”.

*Santa Francisca* diz perceber no evento “os três” momentos. Acredita que ele “é religioso” porque vem participando de dentro e enxerga a dinâmica que se estabelece em torno “das promessas e devoções”. Cultural por “envolver [...] muita gente, que por não ser da religião [católica], participa”, e isso, acaba fazendo o evento se tornar cultural e religioso, ao mesmo tempo. Ele também é turístico, “porque movimenta todas as áreas do turismo. Um grande evento [como o círio, tem que ter] um grande hotel de Belém, como patrocinador”, então isso “é turismo” por “ampliar o horizonte” desses empreendedores.

*Santa Foy de Gascogne* acredita que o Círio seja “uma manifestação que engloba todos esses aspectos”. Ele é religioso “porque a origem dele é na fé. Então quem trabalha a fé? São as igrejas, o catolicismo ou dentro de onde ele tiver inserido. No caso, ele está na religião católica, então não tem como ele não ser religioso”. É “cultural porque ele tem o envolvimento, não só de relações religiosas, mas, também tem a relação da família, da sociedade, do comércio, então isso é a cultura. Turístico devido ter todas essas manifestações, que fazem com que, as pessoas de fora, se sintam interessadas em participar”.

*São Luís Maria de Montfort* diz que o evento é “essencialmente religioso”, mas que “tem seu aspecto cultural e turístico”. E relata perceber dentro do evento a presença de pessoas que se consideram ateias, espíritas, pertencentes à religião dos povos afros. “Que se sente bem, com Nossa Senhora, uma vez que ela é mãe de todos”.

*Santo Expedito* não se deixou identificar quais eram suas impressões quanto à movimentação em torno do Círio. Mas, em sua fala, sempre se referia ao evento como uma festividade. O que pode levar a entender, que se possa ter uma ideia



pautada pelo lado religioso, não desconsiderando, a meu ver, aspectos, também, do evento como um momento cultural, uma vez que, desenvolve atividades culturais durante o serviço que presta para o evento.

*São Jorge* acredita que se pautando na “perspectiva da Política de Patrimônio Imaterial”, ele represente “tudo isso”, e acrescenta, dizendo que o evento é o que se “costuma falar na linguagem antropológica, de um fato social total. O Círio consegue agregar ao mesmo tempo aspectos religiosos, econômicos, sociais, culturais, morais, enfim, ele consegue abranger diversos aspectos da vida, de uma sociedade, dentro desse complexo, que é a festa”. Então para ele, “a priori, o Círio, venha ser uma festa religiosa, só que, extrapola bastante o esse campo religioso”.

*São Francisco Xavier* acredita que o Círio, seja uma “grandiosa festividade [...] do Povo”. Considera que existam, possibilidades turísticas, uma vez que acredita que o evento, “movimente [...] a economia local”. Mas que a igreja, observando toda a movimentação de “fé”, “devoção” e todas as manifestações “religiosas” que existem, “puxou o evento” para seu território. Entretanto, acredita que a festividade não perdeu sua essência, de ser um “evento do povo, independente de credo, de religiosidade, de gênero”. Com isso, a “questão da religiosidade presente no Círio, ela acaba sendo o mote principal da manifestação popular”.

*São Judas Tadeu* acredita que o Círio, não faça parte somente de três momentos, e sim de quatro, atrelando uma ideia econômica para o evento. Fala isso, para explicar que o evento “é turístico, por que vem turista para passar o Círio. É cultural por que esse turista tem acesso [...] a toda uma agenda cultural. É religioso, uma vez que sua essência faz parte disso. E é econômico, por movimentar [...] todas as esferas econômicas. Envolve serviços, transportes, [...] atividades da indústria. Ou seja, movimentar a economia local”.

*Santa Margarida* disse que pessoalmente acredita que o evento seja “religioso”, mas os aspectos culturais são muito fortes dentro da festividade. Acredita haver a existência de “uma mistura, que não tem como separar” o religioso, do cultural. Diz que o paraense consegue fazer as devidas diferenciações. Já o turista, sente o evento como cultural primeiramente, e depois, pode ver possibilidades religiosas.

*Santa Cecília* percebe o evento fazendo “parte da religião católica e da cultura”. Ela acredita que “é da cultura do paraense [...] homenagear Nossa Senhora de Nazaré”.



Já *São Vito* diz que “as três maneiras são [...] corretas de enxergar o círio”. *São João Bosco* considera o evento somente como um “momento cultural”.

*Santa Teresa de Ávila* assim como *São Jorge*, considera o “evento como um fato social total”. Relata que no Círio, não se tem como atrelá-lo a “um conceito” fechado. Uma vez que percebe perspectiva de análise com “entrada pela religião, pela cultura, pelas artes, como fator econômico, [...] e vai ter na questão do turismo”. Então para ela, o Círio é “muito amplo” para se pensar de um campo apenas de estudo.

*Santa Catarina de Sena* considera o Círio como “uma atividade cultural, muito mais que religiosa”. Percebe que atrelam a uma ideia de relação entre “uma atividade religiosa e cultural, mas é muito mais do que só religiosa”.

*São João Ávila* acredita que o Círio seja um evento “Importante para a cultura, [...] na história, [...] e do ponto de vista econômico”. Não considera ainda o evento importante em uma perspectiva turística. Mas, acredita que um dia ele possa vir a se tornar objeto de estudo para a área do turismo.

*Santa Hildegarda de Bingen* acredita que o Círio seja somente “uma atividade cultural”. Desconsiderando os outros momentos vividos, tanto no turismo como na religião.

*São Gregório de Narek* acredita que o Círio “transcende estas nomenclaturas estabelecidas pela sociedade”. Ele percebe que o evento “[...] é um manifesto cultural religioso, com uma carga energética, que transcende, todo e qualquer tipo de normatização. Ele é tudo junto. O Turismo, se faz quando algo tão belo, importante e ímpar se torna peculiar, chamando assim a atenção de todos para que possam ver este misto de Fé e Arte”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* acredita que o Círio seja “os três” momentos. Diz que em seu entendimento “religião é cultura. Embora seja uma parte da cultura que interfere em outros aspectos culturais. Mas, mesmo assim, [...] é difícil se consegui separar o religioso do cultural”. Relata que “enxergar o Círio como todo hoje. Em suas atividades artísticas, [...] na própria questão da gastronomia, [...] na questão da fé [...], na questão da devoção”. E se souberem “aproveitar todo esse conjunto de elementos, que caracterizam o Círio”, pode-se começar a desenvolver “atividades turísticas”, uma vez que a cidade recebe um número considerável de pessoas durante o mês de outubro.



*São João Batista de La Salle* relata que em sua experiência de morado e agora como turista fez com que, percebesse a festa, dentro de um contexto que se pauta, por uma perspectiva “religiosa e de cultura popular”.

Santa Úrsula acredita que o a movimentação que exista dentro da cidade em torno da festividade, paute-se por uma perspectiva “religiosa”.

Santa Mônica acredita que o Círio seja uma festa “religiosa, cultural, mas não turística”. Diz isso, falando que percebe que o evento é religioso “por que as pessoas que vem para festa, os devotos, não são aqueles que vêm somente para participar”, dando como ideia os turistas. “São aqueles, que estão na corda [...], que vem com a alma e o coração cheio de Maria”.

São Lucas diz que pessoalmente “acredita no Círio”, e na manifestação desenvolvida dentro da igreja. Com isso, considera o evento como um momento pautado pela vivência “religiosa”.

Dando continuidade à perspectiva do inferido, atrela-se agora, o questionamento sobre as inferências de como o sujeito-devoto percebeu o Círio, após a movimentação de estranhamento desenvolvida pelo evento.

É importante salientar as variadas sensações, obtidas durante o processo de desterritorialização empreendido na rememoração da festividade. O que se pode perceber, com isso, são as múltiplas relações que os sujeitos, dentro das divisões dos grupos, experienciaram em uma perspectiva do Círio como um movimento, que ultrapassa a relação religiosa. Com isso, depreende-se das falas as narrativas a seguir.

*Santo Agostinho* acredita que o Círio “é uma oportunidade privilegiada de evangelização”. Já *São Tomás de Aquino*, percebe que como o “evento envolve toda a população” ele acaba muitas vezes, superando “a questão religiosa”, em detrimento de uma transformação social da própria cidade.

*São Joaquim e Sant’ana* acreditam que o evento venha “aumentando tanto que daqui a pouco” tenha-se que buscar novas formas para se realizar o Círio. Relatam que antes não se ouvia tanto na cidade, questões relacionadas aos espaços urbanos, uma vez que “era menor o número de pessoas” que participavam da festividade. Hoje, esse número vem aumentando, fazendo com que se repense o espaço, que “logicamente não tem para onde mudar, mas que vai ter que se adaptar”. Percebem que uma hora ou outra, “a própria arquibancada, lá da presidente Vargas, vai ter que afinar ou diminuir”, até pelo fato de que como vem



superlotando as procissões, tem-se que buscar novos espaços de fluidez, para que o evento aconteça de forma segura e tranquila.

*São Miguel* considera o evento como uma procissão em que “há uma porção de fé e de união”. E quando se olha para os lados, percebe-se “peçoas, unidas por um único sentimento [...], o amor por Nossa Senhora”. Então o Círio para ele “é uma procissão em que a fé, o amor e a união se intensificam e se unem mutuamente”.

*São Gabriel* acredita que o Círio represente, como paraense, uma “emoção” a cada procissão. Diz “esperar com expectativa” a concretização das ações desenvolvidas de colaboração na operação Círio, e isso, faz com que, tudo seja recompensado no final da atividade.

*São Rafael* no momento deste questionamento estava muito agitado, pois precisava sair para uma confraternização de final de ano. O que impossibilitou a resposta desse questionamento.

*Santa Francisca* como boa paraense, deu a entonação da expressão muito usada popularmente na região para iniciar sua resposta. “ÉGUA o Círio!”. E disse, após isso, que acredita que ele hoje represente “muitos gastos”, para os organizadores. E diz entende “o fato da igreja pedir patrocínio e apoio” para a realização do evento.

*Santa Foy de Gascogne* considera o Círio como “umas das principais festas” do Estado. E diz que é o único evento que tem como relação com o “turismo, [...] a participação familiar e de toda população religiosa da igreja. E também, dos que não fazem parte [...] como os evangélicos, [...] e as pessoas que não tem uma relação com Deus, mas que vem para conhecer a festa”.

*São Luís Maria de Montfort* acredita que hoje o evento seja “uma festa religiosa cultural”. Percebe que é crescente o número de pessoas que se dizem católicas, mas que só tem contato direto ou fiel com a igreja durante o Círio.

*Santo Expedito* acredita enxergar com “respeito” o Círio, uma vez que o trabalho que desenvolve durante as duas maiores procissões, simbolicamente, representa o contato do fiel (católico), os voluntários que estão colaborando com a atividade, que juntos, somam-se a Jesus.

*São Jorge* percebe o Círio como “[...] um evento de dimensões gigantescas, que consegue agregar [...] um mote religioso, [...] e diversos outros elementos, [...] que não deixam de se comunicar com esse religioso”.



*São Francisco Xavier* observa que o Círio vem sendo mais “tecnológico”. E relata isso, dando como exemplo o “surgimento do aplicativo, cadê a berlinda”. Antes as pessoas ficavam querendo saber, qual era a localização da berlinda, e tinha que aguardar ser noticiado nos meios de comunicação. Hoje “com o avanço da tecnologia”, a partir da utilização do aplicativo, as pessoas podem “sabe direitinho”, em qualquer das 12 procissões, a localização da ‘santa’, e “se organizar e se planeja” para ver a passagem da imagem de Nazaré.

*São Judas Tadeu* percebe o Círio hoje, pautado pelo “aspecto turístico e econômico”. E relata que mesmo com a forte crise que assola o Brasil, “tem um impacto positivo na econômica e no turismo. Mesmo perdendo um pouco da força, [...] o volume de visitante, e conseqüentemente da renda que movimenta o Círio. Ele continua sendo, o evento de maior grandiosidade no Estado do Pará”.

*Santa Margarida* mesmo se envolvendo no evento por uma perspectiva familiar enxerga o Círio hoje “como sendo religioso e cultural”.

*Santa Cecília* percebe que o evento vem “tomando proporções [...] muito grandes”. Antes, acreditava que o Círio, era apenas “[...] uma procissão de fé, e hoje [enxerga] muita coisa comercial rondando o Círio”.

*São Vito* relata que percebe o Círio “como um evento que transcende o religioso”. Diz que tem notado na manifestação, muitas coisas que podem ser relacionadas à “cultura popular e a parte da história”.

Já *São João Bosco* relata que tem “[...] a impressão que há um exagero de procissões, como se o Círio precisasse ser prolongado”.

*Santa Teresa Ávila* acredita que a Diretoria da Festa, “[...] tem que ter cuidado para não organizar demais”. Ela acredita que não se pode “[...] querer enquadrar o Círio”, ou seja, coloca-lo em um formato muito planejado. Uma vez que acredita, que fazendo dessa forma “[...] pode perder o caráter [...] de construção popular”. Santa Teresa diz que mesmo a região tendo um atrativo natural gigantesco, referindo-se a Amazônia, que atraí a atenção de muitos locais, “[...] o Círio é o grande chamariz de tudo”. Mas, infere certos cuidados, para não planejar o evento ao ponto de transformá-lo no Carnaval do Rio de Janeiro, uma vez que acredita que a festividade “[...] não é uma coisa que se possa coordenar todo mundo a se enquadrar”.

*Santa Catarina de Sena* acredita que o Círio, seja “[...] um evento mais que religioso, ele é um evento cultural” que também, pode ser considerado um “[...]”



evento econômico, porque circula muito dinheiro. Tanto para o financiamento da festa como na questão dos turistas que vem” para a cidade durante a festividade.

*São João Ávila* relata que o Círio é “uma festa regional” e que teria “[...] tudo haver com a cultura paraense”, e traz a ideia, para explicar esse envolvimento cultural, de um evento considerado como o “Natal dos paraenses”.

*Santa Hildegarda de Bingen* acredita que “ainda tem muito a tradição da romaria, das comidas, das festas” durante a festividade. Percebe que existe “[...] uma grande espetacularização, seja feita pelo poder público [e/ou] pelo privado, e isso é meio preocupante, porque a essência da manifestação pode se perder, em vez das pessoas irem ver ‘a santinha passar’, elas vão a busca daqueles [...] cantores famosos e/ou padre famoso”.

*São Gregório de Narek* acredita que “o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é o [...] momento de confraternização. É nele que realmente se realizam as diretrizes de Maria na relação com o próximo”. E Relata que para ele o “Círio é Vida”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* Acredita “[...] que a questão da espetacularização do evento cresceu”. Ela diz que de 1999, ano que chegou a capital, para os dias atuais, percebe a existência de “[...] mais romarias, mais números em relação ao Círio”. E por isso, caracteriza o evento “como um espetáculo”. Relata que o evento “aparenta ser algo homogêneo. Parece que as relações são tranquilas, entre todo mundo. Mas na verdade não é bem assim”. Percebe que “a própria população, também, entra em conflito. Por exemplo, a questão do corte da corda”. Todos os anos é a mesma discussão a respeito da problemática em torno desse corte. Mas, a corda continua fazendo parte do evento. Isso para ela demonstra que “[...] esses conflitos vão se transformando, vão se modificando [...] e o Círio que é a essência, se mantém”.

*São João Batista de La Salle* acredita que o Círio seja “[...] um patrimônio cultural da cidade. E que precisa ser valorizado, cuidado, amado por todos. O círio não é propriedade da Igreja Católica, como seu nascimento, é propriedade do povo, que a Igreja acolheu por perceber que a fé do povo, é a fé em Deus”.

*Santa Úrsula* percebe o Círio “como uma das maiores manifestações de fé que existe”. Relata que “o Círio consegue levar para as ruas uma quantidade tão grande de pessoas, numa ordem e harmonia que dá a certeza de que aquilo não é obra do homem. Se as pessoas não estivessem inspiradas pelo o que é divino, já havia tido, em algum ano, alguma catástrofe nessas romarias. Todas as grandes



festas, onde se juntam, muito menos pessoas, do que no Círio, todos os anos acontece algo de ruim. E relata que nunca ouviu e nem viu “[...] comentários ou alguma coisa muito ruim, ocorrida nas procissões”.

*Santa Mônica* relata que para ela o evento “[...] é uma demonstração de muita fé e de muito amor por Nossa Senhora”. E que percebe que “[...] na dimensão que ele alcançou hoje, ninguém tira dele esse brilho, essa festa, essa luz”.

*São Lucas* não se deixou envolver por esse questionamento, uma vez que se mostrou um pouco resistente para responder, dizendo que para ele a pergunta era “muito subjetiva”. E que poderia juntar as “informações anteriores” para entender quais eram suas impressões “sobre o Círio”.

Como se veio desenhando desde o início da dissertação, desloca-se para uma pesquisa-viagem investigativa. Com isso, a averiguação agora, se fará, respondendo o terceiro questionamento, ainda pautado pela perspectiva do inferido, que direciona aos sujeitos o que poderia vir a ser melhorado no Círio de Nazaré.

*Santo Agostinho* percebe que sempre é bom “consertar os pequenos problemas”. E acredita que isso vem sendo feito, sempre que se busca planejar as novas edições do Círio, com o propósito de evangelizar.

*São Tomás de Aquino* corrobora com a fala de *Santo Agostinho* e acrescenta que se “precisa sempre melhorar, [...] nunca é perfeito”. E relata, “a questão do caminho dos romeiros”, como exemplo de um planejamento, em fase de estruturação, que irá proporcionar aos fiéis romeiros, um “acompanhamento”, repleto de “[...] conchego, [...] cuidado, tratamento, assistência médica, assistência social”, tudo para melhorar o deslocamento para Belém.

*São Joaquim e Sant’ana* quase que ao mesmo tempo, tentaram responder. Mas, se olharam, e ela afetuosamente sorriu, e disse que iria deixar ele, São Joaquim, responder. E ele logo disse que, existe “tanta coisa para se melhorar”. Mas acredita que “o principal”, a ser melhorado na festa é “fazer com que as pessoas aproveitem o momento do Círio, para melhorarem a sua evangelização, melhorarem a sua vida, melhorarem seu modo de ser”. E acrescenta, dizendo, que espera que as pessoas possam olhar para o Círio “como forma de evangelização, e transformarem seu outubro, em 12 meses”, não apenas no momento vivido na festa.

*São Miguel* acredita que para melhorar o Círio teria que se “investir na espiritualidade” que é ofertada ao “povo de modo geral”. Mas, “ele tem que saber aproveitar esse momento”. Relata que percebe que “a imagem tá cheia de energia”



e “imagina” que as pessoas enxerguem “Nossa Senhora, dentro daquela berlinda”. E isso, para ele, demonstra que “Nossa Senhora está a ali com uma única função, de mostrar para as pessoas, que elas precisam ter união, [...] ter amor, [...] ter fé”. E isso, só se fará verdadeiramente, quando se “investir em espiritualidade”, fazendo com que “as pessoas passem há pensar um pouco mais [...] na questão do amor, na questão da fé, na questão da união”. Ele diz, que se isso acontecer de fato, não só o Estado do Pará, com a festa do Círio, seria um local mais agradável, “mas o mundo todo” poderia ser melhor.

*São Gabriel* acredita que “melhoraria a parte da limpeza” que é feita na cidade. Uma vez que vem percebendo que “as pessoas jogam muito lixo nas ruas”. Relata (batendo na mesa), que “o povo tem a cultura aqui de fazer xixi na rua”. E diz que não é somente durante o Círio que isso acontece, mas “qualquer hora do dia tem pessoas ‘*mijando*’ na rua”. Relata que durante o Círio é tanto lixo, que “quando passa a procissão, fica aquela crosta no chão de excesso [...] de plástico. As pessoas não tem o cuidado [...] ir de juntando e de ir jogando” nos locais disponibilizados para resíduos sólidos.

Como já relatado anteriormente, *São Rafael* por precisar sair para uma confraternização, não respondeu alguns questionamentos, do protocolo proposto a ele, assim ficando alguns pontos sem resposta.

*Santa Francisca* acredita ser “muito difícil melhorar algo no Círio”, uma vez que “se mexe com a fé das pessoas”. Relatou que “Infelizmente o mundo se movimenta com dinheiro”, então percebe que qualquer melhoria que se faça, deve ser pautada no “investimento” financeiro, que através de “mais patrocínio, mais apoio”, pode fazer com que o Círio seja mais infraestruturado.

*Santa Foy de Gascogne* percebe não ser uma melhoria, mas acredita haver a “necessidade de mais momentos”. Dando como exemplo que as procissões poderiam também, ocorrer “em maio”, e outra “em agosto [...], não somente em outubro, mas também durante os outros meses”, para que o devoto tivesse o sentimento que de o Círio acontece o ano inteiro.

*São Luís Maria de Montfort* percebe que “é meio difícil”, fazer qualquer coisa no Círio, uma vez que “a mudança iria ser em várias gerações” que juntas estão vivendo a festa. Então que se possa apenas olhar para “Maria, que é onipotente, onipresente, onisciente, não por uma natureza divina, mas pela graça” e tentar



buscar uma mudança interior, “por melhor que estejamos, estamos precisando muito melhorar, a conversão, [...] onde o sujeito tem muito que mudar”.

*Santo Expedito* acredita que a melhor mudança já está sendo feita, uma vez que hoje se vive o mandamento do amor e do respeito, na relação que eles vem desenvolvendo com a arquidiocese de Belém, nos últimos anos.

*São Jorge* relata que “a melhoria não seria no Círio”, uma vez que ela se relaciona diretamente com a “cidade”, em sua “estrutura urbana”. Mas, percebe “que durante o período do Círio, existem problemas sérios em virtude da relação” que a festa tem com a Cidade. E diz isso, olhando para o percurso das procissões, que são desenvolvidas dentro do centro arquitetônico, reconhecido como Patrimônio Nacional. Ele fala isso, para dizer que se fosse investido “mais em ações de fusão e de valorização do Círio, enquanto patrimônio cultural”, as pessoas teriam um envolvimento maior com o bem, denominado patrimônio, e os impactos, ocasionados pelo grande fluxo de pessoas que vem para o evento, seriam reduzidos. E isso para ele, já seria uma ajuda, na melhoria da estrutura urbana da cidade.

*São Francisco Xavier* corrobora com São Jorge, e acrescenta a mesma ideia dita, anteriormente por São Gabriel, uma vez que percebe que a “cidade fica suja” e que “passou a procissão é muito lixo” espalhado. Então acredita que se houvesse “uma campanha [...] que pudessem está orientando, os próprios moradores, os visitantes para não depredarem o patrimônio e, também, fizesse com que eles diminuíssem a produção de lixo” já seria uma grande iniciativa de melhoria.

*São Judas Tadeu* diz que para ele a melhoria começaria, fazendo com que “o Círio, pela sua grandiosidade, fosse trabalhado o ano inteiro”. Relata perceber a necessidade da criação de “uma política de marketing”, que venha a apresentada, não somente em outubro, o evento, mas, faça com que, “os turistas tenham, um contato, ainda maior, a qualquer momento” do ano.

*Santa Margarida* assim como São Judas Tadeu, acredita que o turista precise ter um acesso ainda maior para com o evento. Então, acredita que melhorando “a infraestrutura” possa se “receber o turista da melhor forma”.

*Santa Cecília* acredita que uma melhoria passa “[...] não pela administração e sim pelo próprio povo [...]”. Diz isso, relatando o fato do corte da corda. E diz que os devotos deveriam ter “a consciência de que [...] não precisa levar uma faca ou um



canivete para cortar a corda". Que todos estão pela fé em Nossa Senhora. Então "[...] depende da consciência de cada um, não fazer isso".

*São Vito acredita que* "todas as entidades desempenham bem seus papéis. E a bagunça inerente à quantidade de pessoas, no evento, acaba sendo parte da experiência".

*São João Bosco* acredita que melhoraria a "divulgação em nível nacional e internacional". E percebe que "o Círio precisa ser mais bem vendido, nesse sentido".

*Santa Teresa Ávila* acredita que se for para ser melhorado algo no Círio, "não melhoraria nada", uma vez que ela "deixaria ser como ele é", ou seja, "[...] ser feito majoritariamente pelo povo". Neste sentido, ela relata que existe "uma construção popular" que nunca poderá ser desfeita. E "meio que espontaneamente, e as pessoas vão chegando, e aquilo vai acontecendo". Então, o manteria como é.

*Santa Catarina de Sena* acredita que "não" melhoraria nada. Até porque "as melhorias que foram feitas [...] tem atendido as expectativas". O grande problema antes era o tempo de chegada da procissão. Então, chegou-se a conclusão que tinha que fazer aquele desatrelamento, da corda à berlinda "[...]" e hoje o tempo diminuiu, e vem atendendo ao que se esperava.

*São João Ávila* não respondeu a esse questionamento, mas deixou a ideia de existência de "[...] vários olhares [...] sobre [a] manifestação", tanto no âmbito, governamental, como da sociedade civil e acadêmica, que se debruçam na discussão de possibilidades de trabalhar para o Círio.

*Santa Hildegarda de Bingen* diz que melhorado, "não é a palavra ideal, e sim revisto", e com isso, ser pensado, o que se tem de melhor no evento. Acredita que "não se pode perder [...] a essência da procissão que é a fé na imagem de Nossa Senhora de Nazaré". Independente da fé que esteja se professando, "seja católica, protestante, judaica, afro-religiosa, ateu, espírita [...]". E ela pensa que com isso "o espetáculo da massa, não desvia o propósito, que é o da fé em todas as formas".

*São Gregório de Narek* acredita que "a cidade precisa sempre estar em melhorias, pois uma cidade parada no tempo não consegue dar suporte aos eventos que acontecem nela". E relata que "o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é um evento, quem deve melhorar, é a cidade para receber o mesmo".

*Santa Teresinha do Menino Jesus* acredita que o que possa vir a ser melhorado no Círio, seria a questão na melhor distribuição dos "investimentos". Percebe que as atividades culturais carecem de uma política de ajuda financeira.



Relata que tanto a “Festa da Chiquita” como o “Arrastão do Círio”, passam dificuldades para conseguir recurso para a realização de atividades durante a festa do Círio.

*São João Batista de La Salle* diz que “fica muito difícil de pensar como melhorar o Círio”. Ele sabe “que tem muita gente que pensa em possibilidades de melhoria, mas aquilo que é do povo, não pode ser modificado por um grupo pequeno. O círio não é só uma festa religiosa, é uma festa popular que esta no imaginário do povo”. E não saberia “como se fazer uma modificação, e ainda se permanece fiel às origens”.

*Santa Úrsula* acredita que “poderia ter um site, para que os participantes do Círio, de outras cidades, pudessem entrar em contato com a organização, para se preparem para a participação no Círio”. Ela sente “falta apenas, da comunicação prévia com o romeiro, de outras cidades, quanto à orientação sobre o evento, e como ele possa conhecer e participar melhor”. Dando como exemplo a chegada dos romeiros que vem de outro estado e querem participar da acolhida do evento. Ela percebeu que como turista, queria ter participado “[...] da lavagem dos pés dos romeiros, que vão chegando”, mas, não sabia onde e quando eles chegavam. Ela disse que essas informações, podem ajudar a identificar “[...] de onde vêm as pessoas, porque vieram para o Círio, além de sentir neles o cansaço, a força que os moveram até ali”. Então ela crê “que a maioria das pessoas, que não residem em Belém, não sabem que essa lavagem dos pés ocorre”.

*Santa Mônica* acredita que “melhoraria a parte da corda” para que fosse reduzido um pouco o “sofrimento” dos fiéis. Relata que isso é uma questão a ser discutida até porque percebe que “o Círio como [...] tomou uma dimensão, que nem a própria diretoria da festa, ninguém esperava, que chegasse a aonde ele chegou”.

*São Lucas* acredita não saber o que poderia ser melhorado, uma vez que percebe que “politicamente” estamos passando por uma crise, e que isso está influenciando “no Círio” e “no país, como um todo”.

A pesquisa propõe agora responder, o último questionamento feito aos sujeitos-devotos, que corresponde verificar nos diálogos, marcas identificadas por eles, durante as experiências vividas no evento, que possam direcionar as reais impressões, que o Círio de Nazaré, estabelece durante a sua realização.

*Santo Agostinho* estabeleceu como marca o “crescimento da Devoção”. E disse que vem percebendo que “Nossa Senhora é um caminho de Evangelização”.



*São Tomás de Aquino* em sua fala estabelece como marca, a “experiência profunda de fé”. E acredita que “é o momento de encontro consigo mesmo, o encontro com aquele que é próprio Deus, e está presente na figura da imagem de Nossa Senhora de Nazaré”.

*São Joaquim e Sant’ana* acreditam haver muitos momentos que marcam, mas elencaram alguns como marcas, dando como exemplo “a emoção diante do Santíssimo” durante a vigília de abertura e ‘entrega’ da festividade, “o transportes dos carros para a Companhia das Docas do Pará (CDP)”, as procissões, principalmente “o traslado pra Ananindeua”, mas o que mais os deixa comovidos é “o olhar, das pessoas, diante de Nossa Senhora passando”.

*São Miguel* acredita que o que marque o evento seja “a fé e a união”. Ele percebe isso fortemente durante as procissões, dizendo que existe “[...] aquele romeiro que ‘tá’ na corda passando o maior sufoco, se espremendo”, mas não quer sair dessa situação. Existe o outro, “que não conseguiu segurar a corda por muito tempo, e solta, mas que ‘tá’ doido para voltar, porque tem que pagar a promessa”. Tem “aquele que ‘tá’ de joelho, antes de começar o Círio, e vem passando, até chegar na Basílica”. Tudo isso “mexem muito” com ele. Relata ainda, as cenas de união, dando como exemplo que percebe que as pessoas compartilham “um copo d’água, entre 3 ou 4 pessoas”, mesmo percebendo que eles beberiam muito mais. E conclui dizendo que, essa fé e união, percebida por ele durante o Círio “é a sua motivação”, que faz com que queira participar sempre do evento.

*São Gabriel* acredita haver muitos momentos marcantes, mas, o que acontece durante o início do traslado para Ananindeua, é um dos fatos que marcam sua vivência no Círio. Relata que após a saída da Basílica, na sexta pela manhã, uma das primeiras paradas da imagem, é feita no “Hospital Ofyr Loiola”, e se emociona ao ver “pacientes terminais de câncer, são retirados das salas que estão, a pedido deles, das UTIs, e são colocados, com balões de oxigênio, lá fora para ver a imagem”. Isso para ele é muito marcante, uma vez que se emociona junto com esses pacientes.

*São Rafael* acredita que o que marca o Círio, é a “disponibilidade do voluntário”, que cheio de “amor” ajudam, “dando água”, “medicação”, “uma palavra de carinho, sem saber quem é a pessoas” que está recebendo ajuda. E “eles estão ali para ajudar, para apoiar”.

*Santa Francisca* percebe que “a chegada dela no altar, na praça”, do



complexo arquitetônico de Nazaré, é o que mais possa marcar o Círio para ela. Diz isso, dando uma respiração profunda, para dizer, que naquele momento ela tem a sensação de “dever cumprido, tudo correu como o esperado”.

*Santa Foy de Gascogne* diz ser marcante “[...] a vinda dos romeiros”. E se emociona, ao lembrar que todas as vezes que está pelas principais avenidas, e “vê aquele romeiro caminhando, para o santuário, tem o sentimento, de que é Círio” e que “eles estão vindo para a festa”.

*São Luís Maria de Montfort* diz que o que marca o Círio para ele, é “o tríduo”, fazendo relação aos três dias de intensa movimentação, sexta, sábado e domingo. E que “um conjunto que vai desde a saída [...] da santa da Basílica, até o dia da chegada dela no Círio”, marca sua movimentação pelo evento.

*Santo Expedito* como ele não respondeu essa questão, acredito, que rememorando o diálogo que tivemos, possa inferir que o que marca o evento para ele é a relação da vivência do mandamento do amor á Deus, no trabalho desenvolvido ao próximo.

*São Jorge* estabelece alguns momentos como marcas. O primeiro faz referência ao momento que o “Círio passou a existir como um objeto de atuação do IPHAN [...] a partir do seu reconhecimento e [...] registro”. O segundo, para ele é quando o Círio começa “a integrar, a lista representativa do patrimônio Mundial da UNESCO”. E a última, liga essas duas marcas, já elencados, aos “elementos” de maior representatividade que são “a corda, a Berlinda e a santa”, que para ele representam a “[...] tríade [...] fundamental para se entender o Círio, enquanto uma manifestação cultural e religiosa”.

*São Francisco Xavier* acredita que o que marca o evento para ele é a “emoção” de olhar para as pessoas, no “dia da maior procissão, o Círio, e ver aquela multidão, levando Nossa Senhora pelas ruas de Belém”.

*São Judas Tadeu* acredita que o que marca o evento para ele é o “volume de pessoas que participa da festividade”. E com isso, identificar nesse grande número “a experiência de fé”, mesmo que se tenha na festa uma relação “do profano e do religioso”. Mas, a relação com a fé, é o que mais importa.

*Santa Margarida* acredita que o que marca é a “solidariedade e um pouco da noção de segura” que o evento disponibiliza. Fala isso, lembrando que “antigamente se tinha [segurança] e podia andar com liberdade nas ruas sem se preocupar com assalto. As famílias sentadas nas calçadas, [...] se integrando, conversando com o



vizinho”. E percebe que isso hoje não é mais possível, exceto no Círio, que verifica que “as famílias se encontrando, se unindo e convivendo, coisas que na correria do dia a dia, acaba não acontecendo”.

*Santa Cecília* acredita que a “união de tantas pessoas diferentes, com tantos pedidos diferentes, com sofrimentos diferentes, mas, por outro lado iguais [...] na busca de esperança”, possa ser o que mais venha a marcar o evento para ela.

*São Vito* acredita que as marcas do evento sejam “a berlinda, a corda, os miritis e fitinhas”.

Já para *São João Bosco* “a diversidade na procissão, seja de ricos de pobres, de católicos praticamente, de pessoas envolvidas em vendas, e até pessoas de outras religiões”, possa ser o que mais marque o evento para ele.

*Santa Teresa de Ávila* acredita que o que mais marque o evento para ela seja “sem dúvida a grandiosidade do Círio”. E percebe esse grande valor da festividade, vivente e forte dentro da “mistura [...] da religiosidade popular”, que é desenvolvida no evento. Relata que isso “podia ser até conflitantes, [...] mas, é uma mistura que no Círio da muito certo”.

*Santa Catarina de Sena* acredita que o grande ápice do Círio seja “a Berlinda”. Relata que “todo mundo ta lá para esperar a berlinda passar”.

*São João Ávila* acredita que o Círio seja “o eventos que mais comove a cidade”. Mas, essa foi uma inferência que tive pela sua fala, não identificando nenhuma marca para a festividade.

*Santa Hildegarda de Bingen* considera “a tradição” como principal elemento. E diz que percebe “a comida, os cheiros (maniçoba) pela cidade, o colorido das casas mais simples, aos grandes prédios, e principalmente o clima entre as pessoas, [...] que muda durante o Círio”, inseridos, nessa relação de marcas para o evento.

*São Gregório de Narek* acredita que “os signos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré”. E identifica como que “tudo é signo no Cortejo, principalmente a Nossa Senhora, e desde ela, vem se enraizando, tudo que ela toca vira signo: berlinda, flores, corda, guardas, romeiros, rua, casas, anjos, e etc. Nazaré toca no outro, através de seu elo anterior, repassando assim, sua energia, através do toque, mesmo sem encostar, de um para o outro”.

*Santa Teresinha do Menino Jesus* acredita haver vários elementos que marquem o evento. E diz que para ela seriam “a procissão de domingo, a



solidariedade das pessoas durante as procissões, a cidade ficar em festa, a [festa da] Chiquita, o Auto [do Círio], o Arrastão [do pavulagem], as pessoas irem para ruas [...] para manifestarem sua devoção, seja lá qual for”, são coisas que marcam a sua vivência com o Círio.

*São João Batista de La Salle* “Não há círio sem devoção a Nossa Senhora. Assim como, não há Círio sem corda, sem a água partilhada, sem o encontro de desconhecidos na corda ou sem o encontro dos conhecidos (amigos e parentes) nos lares”. Relata que não é de Belém, mas já morou na cidade “apesar de ser filho de paraenses”, no entanto, sempre uma família, o acolhe no Círio, e no dia da maior procissão, “o almoço é com outra família”, e isso para ele é um “privilegiado” que o faz se “sentir em casa [...], parte de uma família, que não foi gerada no sangue biológico, mas, no sangue de Cristo, que também, é sangue de Maria”.

*Santa Úrsula* acredita que “a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e a corda” sejam os elementos que mais marquem o Círio para ela.

*Santa Mônica* acredita que seja “[...] quando ela passa [...] na esquina do mercado de peixe” do Ver-O-Peso. E ela consegue ver de frente a imagem, e como retribuição as graças que ela e sua família alcançaram, ficam, “esperando”, as pessoas começarem a passar “para doar água”.

*São Lucas* acredita que o que marque para ele esse momento sejam “as pessoas”. Uma vez que percebe que existem muitas pessoas que estão participando da procissão com muita fé.

Apresenta-se no quadro 11, abaixo, uma síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos, depreendidas da perspectiva do Inferido.



Quadro 6 – Síntese dos fragmentos das narrativas dos sujeitos-devotos na perspectiva do Inferido

SUJEITOS-DEVOTOS		INFERIDO			
		Para você, o Círio pode ser considerado como um evento em que há uma relação turística, religiosa ou cultural?	Como você vê o Círio hoje em Belém?	O que pode ser melhorado no Círio?	O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?
Igreja	Santo Agostinho	<i>“religiosa, mas com uma repercussão cultural”;</i>	<i>“é uma oportunidade privilegiada de evangelização”;</i>	<i>“consertar os pequenos problemas”;</i>	<i>“crescimento da devoção”;</i>
	São Tomás de Aquino	<i>“evento é religioso, [...] é promovido pela igreja católica, [...] aspectos culturais, [...] religiosidade popular”;</i>	<i>“envolve toda a população”;</i>	<i>“precisa sempre melhorar, [...] nunca é perfeito”;</i>	<i>“experiência profunda de fé”;</i>
	São Joaquim e Sant’ana	<i>“cunho religioso [...], tendência cultural e turística”;</i>	<i>“aumentando tanto, que daqui a pouco [...] logicamente não tem para onde mudar, mas, que vai ter que se adaptar”;</i>	<i>“o principal é fazer com que as pessoas aproveitem o momento do Círio, para melhorarem a sua evangelização, melhorarem a sua vida, melhorarem seu modo de ser”;</i>	<i>“emoção diante do Santíssimo, o transportes dos carros para a Companhia das Docas do Pará (CDP), o traslado pra Ananindeua, o olhar, das pessoas, diante de Nossa Senhora passando”;</i>
	São Miguel	<i>“das três formas”;</i>	<i>“há uma porção de fé e de união, [...] pessoas, unidas por um único sentimento [...], o amor por Nossa Senhora”;</i>	<i>“investir na espiritualidade”;</i>	<i>“a fé e a união”;</i>



São Gabriel	<i>“é a data mais importante para o paraense [...] atrai turistas de fora, é cultural e é religioso”;</i>	<i>“emoção”</i>	<i>“melhoraria a parte da limpeza”;</i>	<i>“pacientes terminais, de câncer”;</i>
São Rafael	<i>“é um evento religioso, como todo, [...] cultural pela diversificação das pessoas que participam e de como é feito dentro do nosso Estado, [...] turístico porque está recebendo gente de todo o lugar do mundo, para participar do Círio”;</i>	<i>[não respondeu]</i>	<i>[não respondeu]</i>	<i>“disponibilidade do voluntário”;</i>
Santa Francisca	<i>“os três [...] envolver [...] muita gente”;</i>	<i>“ÉGUA o Círio! [...] muitos gastos”;</i>	<i>“muito difícil melhorar algo no Círio [...] se mexe com a fé das pessoas”;</i>	<i>“a chegada dela no altar, na praça”;</i>
Santa Foy de Gascogne	<i>“uma manifestação que engloba todos esses aspectos, [...] origem dele é na fé [...] cultural porque ele tem o envolvimento, não só de relações religiosas, mas, também tem a relação da família, da sociedade, do comércio, então isso é a cultura. Turístico devido ter todas essas manifestações, que fazem com que, as pessoas de fora, se sintam interessadas em participar”;</i>	<i>“umas das principais festas”;</i>	<i>“necessidade de mais momentos”;</i>	<i>“a vinda dos romeiros”;</i>
São Luís Maria de Montfort	<i>“essencialmente religioso, [...] tem seu aspecto cultural e turístico”;</i>	<i>“uma festa religiosa cultural”</i>	<i>“é meio difícil [...] a mudança iria ser em várias gerações”;</i>	<i>“o tríduo”;</i>
Santo Expedito	<i>[não se deixou identificar]</i>	<i>“respeito”</i>	<i>[a melhor mudança já está sendo feita, uma vez que hoje se vive o</i>	<i>[vivência do mandamento do</i>



				<i>mandamento do amor e do respeito];</i>	<i>amor á Deus];</i>
Turismo/ Cultua	São Jorge	<i>“O Círio consegue agregar ao mesmo tempo aspectos religiosos, econômicos, sociais, culturais, morais, enfim, ele consegue abranger diversos aspectos da vida, de uma sociedade, dentro desse complexo, que é a festa”;</i>	<i>“[...] um evento de dimensões gigantescas, que consegue agregar [...] um mote religioso, [...] e diversos outros elementos, [...] que não deixam de se comunicar com esse religioso”;</i>	<i>“a melhoria não seria no Círio, mais em ações de fusão e de valorização do Círio, enquanto patrimônio cultural”;</i>	<i>“reconhecimento e registro [...] a corda, a berlinda e a santa”;</i>
	São Francisco Xavier	<i>“grandiosa festividade [...] do Povo, [...] movimento [...] a economia local [...] evento do povo, independente de credo, de religiosidade, de gênero”;</i>	<i>“tecnológico [...] com o avanço da tecnologia [...] se organizar e se planeja”;</i>	<i>“[...] uma campanha que pudessem está orientando, os próprios moradores, os visitantes para não depredarem o patrimônio e, também, fizesse com que eles diminuíssem a produção de lixo”;</i>	<i>“emoção”;</i>
	São Judas Tadeu	<i>“é turístico, por que vem turista para passar o Círio. É cultural por que esse turista tem acesso a toda uma agenda cultural. É religioso, uma vez que sua essência faz parte disso. E é econômico, por movimentar todas as esferas econômicas. Envolve serviços, transportes, atividades da indústria. Ou seja, movimentar a economia local”;</i>	<i>“aspecto turístico e econômico [...], ele continua sendo, o evento de maior grandiosidade no Estado do Pará”;</i>	<i>“o Círio, pela sua grandiosidade, fosse trabalhado o ano inteiro”;</i>	<i>“volume de pessoas que participa da festividade”;</i>
	Santa Margarida	<i>“religioso”;</i>	<i>“como sendo religioso e cultural”;</i>	<i>“a infraestrutura [...] receber o turista da melhor forma”;</i>	<i>“solidariedade e um pouco da noção de segura”;</i>
	Santa Cecília	<i>“parte da religião católica e da cultura, [...] é da cultura do</i>	<i>“tomando proporções [...] muito grandes [...] uma</i>	<i>“a consciência de que [...] não precisa levar uma faca ou um</i>	<i>“união de tantas pessoas diferentes,</i>



		<i>paraense [...] homenagear Nossa Senhora de Nazaré”;</i>	<i>procissão de fé, e hoje muita coisa comercial rondando o Círio”;</i>	<i>canivete para cortar a corda”;</i>	<i>com tantos pedidos diferentes, com sofrimentos diferentes, mas, por outro lado iguais [...] na busca de esperança”;</i>
	São Vito	<i>“as três maneiras são [...] corretas de enxergar o círio”;</i>	<i>“como um evento que transcende o religioso”;</i>	<i>“todas as entidades desempenham bem seus papéis. E a bagunça inerente à quantidade de pessoas, no evento, acaba sendo parte da experiência”;</i>	<i>“a Berlinda, a corda, os miritis e fitinhas”;</i>
	São João Bosco	<i>“momento cultural”;</i>	<i>“impressão que há um exagero de procissões, como se o Círio precisasse ser prolongado”;</i>	<i>“divulgação em nível nacional e internacional”;</i>	<i>“a diversidade na procissão”;</i>
Acadêmico	Santa Teresa de Ávila	<i>“evento como um fato social total [...] entrada pela religião, pela cultura, pelas artes, como fator econômico, [...] e vai ter, na questão do turismo [...] muito amplo”;</i>	<i>“tem que ter cuidado para não organizar demais [...] querer enquadrar o Círio [...] pode perder o caráter [...] de construção popular”;</i>	<i>“não melhoraria nada [...] deixaria ser como ele [...] ser feito majoritariamente pelo povo”;</i>	<i>“a grandiosidade do Círio”;</i>
	Santa Catarina de Sena	<i>“uma atividade cultural, muito mais que religiosa”;</i>	<i>“um evento mais que religioso, ele é um evento cultural, [...] evento econômico, porque circula muito dinheiro”;</i>	<i>“as melhorias que foram feitas [...] tem atendido as expectativas”;</i>	<i>“a Berlinda”;</i>
	São João Ávila	<i>“importante para a cultura, [...] na história, [...] e do ponto de vista econômico”;</i>	<i>“uma festa regional [...] tudo haver com a cultura paraense”;</i>	<i>[não respondeu a esse questionamento]</i>	<i>“o eventos que mais comove a cidade”;</i>
	Santa Hildegarda de	<i>“uma atividade cultural”;</i>	<i>“ainda tem muito a tradição</i>	<i>“não se pode perder [...] a</i>	<i>“a tradição”;</i>



Bingen		<i>da romaria, das comidas, das festas”;</i>	<i>essência da procissão que é a fé na imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Independente da fé que esteja se professando, seja católica, protestante, judaica, afro-religiosa, ateu, espírita [...]”;</i>	
São Gregório de Narek	<i>“é um manifesto cultural religioso, com uma carga energética, que transcende, todo e qualquer tipo de normatização. Ele é tudo junto. O Turismo, se faz quando algo tão belo, importante e ímpar se torna peculiar, chamando assim a atenção de todos para que possam ver este misto de Fé e Arte”.</i>	<i>“É nele que realmente se realizam as diretrizes de Maria na relação com o próximo. Círio é Vida”;</i>	<i>“a cidade precisa sempre estar em melhorias, pois uma cidade parada no tempo não consegue dar suporte aos eventos que acontecem nela”;</i>	<i>“os signos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré [...] berlinda, flores, corda, guardas, romeiros, rua, casas, anjos”;</i>
Santa Teresinha do Menino Jesus	<i>“os três [...] religião é cultura. Embora seja uma parte da cultura que interfere em outros aspectos culturais”;</i>	<i>“a questão da espetacularização do evento cresceu [...] mais romarias, mais números em relação ao Círio, [...] aparenta ser algo homogêneo. Parece que as relações são tranquilas, entre todo mundo. Mas na verdade não é bem assim, [...] a própria população, também, entra em conflito. Por exemplo, a questão do corte da corda [...] esses conflitos vão se transformando, vão se modificando [...] e o Círio que é a essência, se mantém”;</i>	<i>“investimentos”;</i>	<i>“a procissão de domingo, a solidariedade das pessoas [...], a Chiquita, o Auto, o Arrastão, as pessoas irem pelas ruas [...] para manifestarem sua devoção, seja lá qual for”;</i>
São João Batista de La Salle	<i>“religiosa e de cultura popular”;</i>	<i>“um patrimônio cultural da cidade. E que precisa ser</i>	<i>“fica muito difícil de pensar como melhorar o Círio [...] aquilo que é</i>	<i>“sentir em casa [...] parte de uma</i>



Festa			<i>valorizado, cuidado, amado por todos. O círio não é propriedade da Igreja Católica, como seu nascimento, é propriedade do povo, que a Igreja acolheu por perceber que a fé do povo, é a fé em Deus”;</i>	<i>do povo, não pode ser modificado”;</i>	<i>família”;</i>
	Santa Úrsula	<i>“Religiosa”;</i>	<i>“como uma das maiores manifestações de fé que existe”;</i>	<i>“falta apenas da comunicação prévia com o romeiro, de outras cidades, quanto à orientação sobre o evento, e como ele possa conhecer e participar melhor”;</i>	<i>“a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e a corda”;</i>
	Santa Mônica	<i>“religiosa, cultural, mas não turística”;</i>	<i>“é uma demonstração de muita fé e de muito amor por Nossa Senhora”;</i>	<i>“melhoraria a parte da corda”</i>	<i>“[...] quando ela passa”;</i>
	São Lucas	<i>“religiosa”.</i>	<i>[não se deixou envolver por esse questionamento];</i>	<i>[acredita não saber o que poderia ser melhorado].</i>	<i>“as pessoas”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.



#### 5.4 AS RELAÇÕES: QUARTA ESTAÇÃO

A viagem investigativa, até o presente momento, apresentou as narrativas dos sujeitos a partir de três perspectivas de análise, sustentadas pelo protocolo de pesquisa, identificando os entrevistados e as relações no que tange à motivação (imaginado), à participação (experenciado) e à impressão (inferido), que eles atrelaram às suas vivências durante a festividade do Círio de Nazaré.

Cabe agora, a partir das narrativas dos sujeitos, dialogar com alguns pressupostos teóricos, apresentados anteriormente, levando em consideração o objetivo geral, que propõe identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará. Pelas características do objeto de estudo e em função das propriedades emergentes do campo, optou-se por relacionar, também, a religiosidade presente na pesquisa.

Ressalta-se que o estudo resultou de um percurso que se pautou pelo envolvimento de 28 sujeitos, que na sua grande maioria [22 deles] tem traços que se vinculam a um **sentimento devocional a Nossa Senhora**, ainda que as relações entre eles tenham mostrado diferentes denominações. Por outro lado, verificou-se a existência de sujeitos [06] compondo a pesquisa, que também fazem parte da dinâmica presente na festividade, mas que não se vinculam a esse sentimento devocional a Nossa Senhora.

Neste ponto do texto é importante recordar que, como objeto desta pesquisa, têm-se as 'marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com Turismo em Belém do Pará'. Percebe-se que, ao longo da pesquisa, a discussão foi sendo acrescida de dados relativos à religiosidade do sujeito-devoto. É nessa perspectiva que se evidencia, entre os grupos que compõem a pesquisa (Igreja, turismo/cultura, acadêmico e festa), a possibilidade de resgatar o aporte teórico, do turismo, da hospitalidade, da amorosidade e da religiosidade.

Com o exposto, o que se poderia dizer que foi apreendido das narrativas, em suas perspectivas de análise (imaginado, experenciado e inferido), que leve ao entendimento das marcas aqui propostas? Percebeu-se, uma trama de olhares, entrelaçando os sujeitos a sentimentos de pertencimento e envolvimento social com a festividade do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.



Esse entrelaçamento direcionou as impressões, a partir do imaginado, para **fatores familiares, religiosos e sociais**. É o que podendo ser identificado, nas pulsações e nas expressões de fala dos sujeitos, ao se colocar a rememorar os momentos e/ou as expectativas vividas, as narrativas<sup>24</sup>: “talvez seja uma das experiências mais gostosas” (*Santo Agostinho*), “nós nos sentimos todos como irmãos fraternos, e sabemos o quanto nós somos da mesma origem, e que devemos nos respeitar, no meio de todas essas diferenças” (*Santo Tomás de Aquino*), “Nossa Senhora não quer que a gente, somente, a veja como sendo maravilhosa... boa” (*São Joaquim e Sant’ana*), “o poder da fé e o poder de Nossa Senhora em nossas vidas” (*São Miguel*), “[...] profundo respeito que as pessoas da comunidade LGBT, têm com a santa; [...] nas pessoas, não existia nenhum marcador distintivo, do restante dos devotos que estavam ali [...]” (*São Jorge*), “encontrar em Nossa Senhora os traços de uma mãe” (*São João Batista de La Salle*) e “oportunidade de ser abraçada e amparada por pessoas que nunca tinha visto” (*Santa Úrsula*).

Destaca-se, neste ponto, a emergência do entendimento da vinculação da religiosidade com o popular, o que pode ser percebido entre os diferentes sujeitos, independentemente da denominação ou vinculação com a instituição religiosa. Percebeu-se, entre eles, um processo de descoberta e experiências, que poderia vir a dizer, de devoção.

A religiosidade presente na festividade Círio de Nazaré, vem sendo “[...] reinterpretada pelo povo à luz de sua experiência cotidiana concreta” (GASPAR, 2002, p. 23), atrelando em seus movimentos e em seus sentimentos pelo evento, características pulsantes, da relação que estes teriam com a cidade vivida, sentida, visitada e se (re)construída a cada festa. Recorda-se que ideia de religião, para a Igreja Católica, se estrutura como sentido de justiça, ligando, de forma harmônica, um ser superior ao homem (NASCIMENTO, 2008, p. 86).

Esse sentimento harmônico, em comum(unidade) com a festa, se constrói na relação de amorosidade, através do respeito e da coerência com a aceitação do outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1998). O que se quer dizer com isso? O sujeito que participa da festa, independentemente de qual a denominação ele venha a ser vinculado, tem uma relação com a festividade, que se

---

<sup>24</sup> As reticências entre parentes estão sendo usadas, para indicar supressão de termos impróprios ou trechos não relacionados ao objeto discutido.



estabelece não somente durante a vivência (experenciado), mas também na relação da motivação do antes (imaginado) e das impressões do depois (inferido).

Assim, em algumas falas ficam mais claros os traços desse sentimento que se pauta pela religiosidade popular e se depreendeu durante as entrevistas. *Santa Hildegarda de Bingen* acredita que “[...] é o povo que faz a festa, traz a sua fé em todas as formas, seja rezando, seja cantando um samba enredo para a Nazinha”. Já na ideia de *São Tomás de Aquino*, “a gente constrói uma sociedade mais digna, mais justa, um mundo mais fraterno, onde possa se viver mais em paz [...], paz com justiça”. Para *São Judas Tadeu*, “[...] pelo quantitativo de pessoas que tem buscado, através do Círio, conforto em situações de droga, do filho preso e do desemprego”.

Para a hospitalidade, recordo que Schneider (2013) vinculou, em seu estudo, inferências de que o acolhimento estaria “intrinsecamente relacionado com o espaço, englobando muito mais do que uma atitude cordial [...]” (SCHNEIDER, 2013, p. 62). As narrativas pulsantes nos entrevistados corroboram com essa premissa, fazendo com que se pense na aceitação do outro, como um encontro efêmero entre corpos. Na relação oportunizada pela festividade Círio de Nazaré, se constroem laços de afetos, mesmo que não necessariamente de concordância, mas de respeito, de cuidado, de investimento na convivência com o outro, pautando-se, pelo entendimento de uma ética da relação.

Para a relação com o turismo, pouco se pode depreender na questão do imaginado, uma vez que houve apenas uma situação em que emergiu uma ideia relativa à temática: “a chegada dos colegas de fora, felizes para participar do Círio” (*São Gabriel*).

Com isso, direciona-se agora, para a segunda perspectiva, a do experenciado. Três questionamentos circundaram a trama de olhares, na análise desse campo. Pautados pela participação e pelo acolhimento, os sujeitos-devotos puderam, não só rememorar a experiência do fato ocorrido, mas expressar as sensações e sentimentos que viveram durante a festa.

Como visto acima, na perspectiva do imaginado, os sujeitos entrelaçaram suas narrativas a fatores e sensações que direcionaram à inferência da religiosidade popular. Percebeu-se agora, uma relação maior, da vivência com a festividade, na qual o sujeito-devoto, imerso em uma trama subjetiva, se inscreve em um novo e/ou já conhecido ambiente, “[...] se despreza do ‘si mesmo’, das amarras territorializadas dos maquinismos de subjetivação dos seus territórios existenciais” (BAPTISTA,



2014c, p. 102), para um encontro afetivo da amorosidade e do acolhimento com o outro. Os sujeitos-devotos agora estão vivendo o que se pode dizer como um processo de desterritorialização, que “[...] implica uma saída do território existencial, dessa configuração subjetiva, que pode ser tanto de um sujeito em particular, quanto de um grupo de sujeitos ou de um lugar [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

O fato de os sujeitos rememorem a participação no Círio evidenciou, no experienciado, a ideia de um evento **acolhedor**, mesmo que se tenha ouvido relatos como: “um pouco complicado uma acolhida durante as procissões” (*São Joaquim e Sant’ana*), “[...] às vezes era muito difícil, até porque as pessoas estavam ocupadas” (*Santa Teresa de Ávila*), “a tensão da procissão não permite certa simpatia, às vezes há confusão, empurra-empurra e para quem trabalha com captação de imagens, o desafio é ainda maior” (*São João Bosco*). Percebe-se, neste aspecto, que a ideia de acolhimento e de amorosidade conviva com outros sentimentos que não são tão evidentes, o que faz com que essas situações não se sobreponham aos sentimentos atrelados à participação no evento.

No pressuposto teórico da hospitalidade, foi feito o dialogo com autores que disseram que, quando existe uma relação entre turismo e acolhimento, no que tange à experiência do sujeito que é acolhido, com o acolhedor, tem-se como suposto que no processo vivido, imprimem-se marcas da memória, e que isso pode proporcionar trocas relacionais entre esses sujeitos (SANTOS; PERAZZOLO, 2012). Isso levou a se perceber, nas narrativas, um processo de acolhimento e de resignificação, do o próprio evento.

Esse processo se evidencia nos relatos: “impressionante, quando se fica próximo das pessoas. Todo mundo é irmão, todo mundo é próximo, aquilo que tu nunca viste. Todo mundo tá ali, naquele momento de confraternização, naquele momento de alegria, de devoção, em uma relação de acolhimento... com simplicidade, pode ser preto, branco” (*São Francisco Xavier*); “quem é daqui, com que não é [...], nessa hora todo mundo é igual” (*Santa Teresinha do Menino Jesus*); “muito bem acolhido, por todas as entidades que trabalham no Círio” (*São Vito*); “trata-se de uma experiência indescritível, que começa no aeroporto, quanto ao sair da sala de desembarque, já se depara com a imagem de Nossa Senhora, ao som do carimbó” (*São João Batista de La Salle*); “Nazaré abre nossos caminhos e sempre somos bem vindos, quando vamos tratar, sobre este belo cortejo cultural” (*São Gregório de Narek*).



É bom salientar que o acolhimento, “[...] encontra-se na relação com o outro, sendo marcada pela percepção mútua dos desejos que são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em uma nova mensagem dotada de novos significados [...]” (SCHNEIDER, 2013, p. 61). Com isso, a ideia expressa fortemente em relação aos momentos oportunizados pelo evento, remeteu o sujeito ao **sentimento de participação**.

Esses sujeitos, viventes, desse sentimento, por sua vez, participam com suas emoções e sensações que podem ser identificadas nas narrativas: “os eventos do Círio [...] mexem como pessoa” (*Santo Agostinho*), “uma relação completa, como em uma missa, onde todos participam” (*São Joaquim e Sant’ana*), “integração, uma característica da região... do Estado” (*São Gabriel*), “completamente inserido [...] e envolvido” (*São Judas Tadeu*), “inserida nas romarias que acontecem” (*Santa Margarida*), “[...] não tem como tá de fora dessa organização” (*Santa Foy de Gascogne*) e “participante de todos os momentos da festa” (*São Lucas*).

Por sua vez, alguns sujeitos, se atrelam a um **sentimento de não participação**, quando relatam que “nunca incluída, a ponto de sentir participante do processo” (*Santa Teresa de Ávila*), “nunca [...], participante em todo o processo” (*Santa Hildegarda de Bingen*), outros, não deixaram perceber, quais as reais sensações e sentimentos poderiam ser expressos, durante a inferência.

É interessante identificar, o empírico, vivido em Belém nesse processo, no que tange ao sentimento que se construiu, em torno de uma capital que se pauta por ideias e experiências de acolhimento e de hospitalidade. Relatos da maioria dos sujeitos mostram essa forma de tratar, receber e acolher do belenense, quando dizem que: “nas pessoas, nas conversas, no trabalho [...], o clima de querer ajudar, o clima fica diferente, a cidade fica diferente, e é uma coisa incrível de se ver” (*São Joaquim e Sant’ana*); “diferente, [...] um momento em que as famílias se confraternizam, os parentes de fora vêm e trocam presentes, eles fazem o almoço em família” (*Santa Foy de Gascogne*), “[...] outubro, parece que infla, dobra a quantidade de pessoas [...], é incrível a efervescência do Ver-O-Peso durante o período do Círio [...], é incrível o cheiro de maniçoba nas ruas [...], você sente um clima diferente na cidade, ela está festiva, as pessoas estão mais acolhedoras, mais simpáticas. E a expectativa é grande em torno do Círio. E é festa para todos os lados” (*São Jorge*).



Essa ideia, muito difundida na cidade, emerge nas narrativas dos sujeitos, ao direcionarem o evento Círio e o mês de outubro a características de semelhanças ou sobreposição ao Natal. O que estou aqui a dizer? A festividade Círio de Nazaré é vista por grande parte dos sujeitos como sendo o ‘Natal dos paraenses’, ou seja, um evento verossimilhante ao Natal.

Para a Igreja Católica o Natal é compreendido e, também vivido, como a festa que marca o nascimento do Cristo Jesus, não podendo ser comparado a nenhuma outra celebração religiosa, uma vez que marca o “[...] ‘nascer de Deus’ para tornar-nos filhos de Deus [...] o Natal é o mistério deste ‘admirável intercâmbio’ [...]”, onde o Pai, que é aquele que criou toda a humanidade, permitiu-se “[...] nascer de uma Virgem; e, tomando-se homem intervenção do homem, nos doou sua própria divindade”. (IGREJA CATOLICA, 1993, p.148)

Assim em Belém do Pará o mês de outubro, para o devoto do Círio, representa esse Natal, por sua vez, “antecipado”, que é tratado nas falas dos sujeitos, quando dizem que: “realmente existe diferença dos outros meses. Pensando no Natal, que é a festa da família, o Círio é a festa do povo paraense” (*São Rafael*), “totalmente diferente. O movimento da cidade é maior, o turismo se movimenta, aumenta o número de pessoas na rua. As famílias se unem. Pessoas que estão fora, chegam na cidade para visitar a família. E o Círio é um verdadeiro Natal” (*Santa Francisca*), “Belém no Círio, fica com a áurea diferente. Fica com outra expectativa, vivem outros sentimentos, muito mais intensos que o Natal” (*São Luís Maria de Montfort*), “aos preparativos para a grande festa da Rainha da Amazônia e de seu filho. O Natal dos paraenses, antecipado” (*São Francisco Xavier*), “as pessoas ficam imbuídas de um sentimento de solidariedade, e o Círio mais do que o Natal, consegue reunir a família. E isso é muito representativo. E ainda tem a questão da gastronomia, do almoço” (*Santa Catarina de Sena*).

Por outro lado, há aqueles sujeitos que não percebem essa verossimilhança, quando dizem que: “[...] isso não significa que é o Natal” (*Santo Agostinho*), “não se pode misturar os acontecimentos. O Círio é um grande evento religioso, popular, devocional, de fé, de louvor, de culto, de veneração, de religiosidade, porém não é possível comparar com o Natal” (*São Tomás de Aquino*). Mesmo com esses relatos, poder-se-ia dizer que, a partir das inferências do experienciado, Belém e o evento Círio de Nazaré apresentam traços de locais de acolhimento e de hospitalidade, que, por sua vez, atrelam a esse momento, do Círio, sentimentos e emoções que se



constituem no amor, no respeito e na caminhada em direção ao outro como legítimo outro na convivência, ou seja, na relação de amorosidade (MATURANA, 1998; BENTO XVI, 2005).

Com essa percepção da caminhada de amorosidade, compreende-se que o sujeito-devoto pertencente à cidade ou, mesmo, que retorna, à rotina da vivência com a cidade se colocou em um processo de estranhamento e ressignificação (GASTAL, 2005; GASTAL; MOESCH, 2007), mesmo não tendo a noção de que estaria atrelando novos valores aos momentos vividos.

Essa ideia do estranhamento decorre de um (re)olhar, pautado pelo valor simbólico (GASTAL; MOESCH, 2007), que o sujeito vincula ao deslocamento empreendido. Isso se evidencia, quando este, se coloca somente como turista, ao relatar que “não saberia dizer. Mas o acolhimento deva ser uma das características do paraense... algo diferente no Círio, que não deve acontecer em outro momento; [...] fato de até as igrejas não católicas oferecerem apoio aos romeiros durante o Círio, e isso deve ser algo apenas desse período” (*Santa Úrsula*). O estranhamento contribui para perceber os traços e gerar a inferência de um turismo que pode vir a ressignificar a cidade e o imaginário que se criou em torno do evento (GASTAL, 2005).

Com essa ideia narrada, o sujeito se atrela, assim como ocorre durante a amarração da corda à berlinda, em um processo de desterritorialização de si. É o momento em que vive o desconhecido do evento, ou seja, o estranhamento, “implicando, então, ‘salto no escuro’, a ousadia de viajar, soltar-se e enfrentar o inesperado, as incertezas, o devir-viagem” (BAPTISTA, 2016, p. 1084). Pode assim, no retorno do deslocamento empreendido, se inserir em um processo de (re)territorialização.

São salientadas aqui, narrativas que evidenciaram a relação com o turismo, durante o processo de desterritorialização do sujeito-devoto. Pode ser percebido, nos relatos, que: “no período do Círio as pessoas estão mais envolvidas no sentimento de melhor receber. Mas, o calor e a receptividade, que o povo paraense tem com os turistas, são os mesmos o ano todo” (*Santa Margarida*), “o Círio de Nazaré, começa quando os visitantes chegam na cidade, sempre antes da data. A cidade se arruma, e tudo se torna muito mais acolhedor. É a energia materna de Maria, fazendo com que nos tornemos mais acolhedores naturalmente” (*São Gregório de Narek*), “outubro é diferente. Mas, a questão da forma de receber as



peessoas, que vem de fora, isso é o ano inteiro. Os paraenses, ficam loucos para mostrar realmente tudo que eles têm” (*Santa Teresinha do Menino Jesus*).

Ressalta-se a percepção, em algumas narrativas, da valorização e, assim dizer, uma tentativa mesmo despretensiosa, de direcionar o evento para valores de uma atividade segmentada. Essa ideia é depreendida nas falas: “a cidade é hospitaleira, independente de estação. No período do Círio, existe um esforço grande, uma preparação específica, garantindo que essa pessoa, tenha um atendimento melhor que em outros momentos” (*São Judas Tadeu*), “quanto à relação com o turismo, o Círio é um produto da cidade, então há sim mudança no tratamento das pessoas, pelo sentimento de receber, nesse momento diferenciado. Quanto ao evento em si, também, é uma relação muito sentimental. Então as pessoas têm um tratamento diferenciado sim” (*Santa Hildegarda de Bingen*).

O Sujeito-devoto, nas perspectivas acima, rememorou a motivação e a experiência dos momentos vividos e sentidos durante a festa. Ele agora é convidado, após a ‘viagem’, imerso em sua rotina habitual e, talvez diferente, a voltar-se para as impressões dessa caminhada. Tem-se, aqui, a perspectiva do inferido. Quatro questionamentos giram em torno dessa análise, pautados por um olhar do antes, do durante e do depois.

A percepção parte da ideia de um evento como uma prática social, uma vez que se estabelecem traços de uma relação, que se costuram em torno de uma trama de olhares, na qual “[...] o Círio consegue agregar ao mesmo tempo aspectos religiosos, econômicos, sociais, culturais, morais, enfim, ele consegue abranger diversos aspectos da vida, de uma sociedade, dentro desse complexo, que é a festa” (*São Jorge*).

Percebem-se nas narrativas, os sujeitos, mesmo divididos em grupos, atrelando as impressões da festa, para uma relação com fatores religiosos, culturais e turísticos. Isso ficou evidente na maioria dos sujeitos. A ideia pode ser, representada nos relatos: “é a data mais importante para o paraense [...] atrai turistas de fora, é cultural e é religioso” (*São Gabriel*), “[...] é um evento religioso, como todo, [...] cultural pela diversificação das pessoas que participam e de como é feito dentro do nosso Estado, [...] turístico porque está recebendo gente de todo o lugar do mundo, para participar do Círio” (*São Rafael*), “[...] é turístico porque vem turista para passar o Círio, [...] é cultural por que esse turista tem acesso a toda uma agenda cultural, [...] é religioso, uma vez que sua essência faz parte disso. E, é



econômico, por movimentar todas as esferas econômicas. Envolve serviços, transportes, atividades da indústria, ou seja, movimentar a economia local” (São Judas Tadeu).

Com o exposto, depreende-se das narrativas que o sujeito caminhou por uma festa, pautado por **traços culturais**, atrelado à tradição e à religiosidade popular. Em suas inferências, pulsou uma valorização e uma relação de características e de cumplicidade da religião com a cultura, não distanciando o sentimento turístico, vivido pelo evento.

Foi possível perceber, nas falas dos sujeitos-devotos, esses traços culturais. Mesmo eles estando divididos, aqui, em grupos, pôde-se perceber, nas narrativas, um diálogo e uma costura de emoções, desejos e até conflitos. Ressalta-se, que a relação popular e religiosa pelo evento, não distanciava esses sujeitos, uma vez que o objetivo comum era o de sentir a festa, o que lhes deu a possibilidade de (re)pensar todo o processo.

Por essa ideia foi questionado o que poderia ser melhorado na festa. Muitos perceberam que não existiria a possibilidade de mudanças em um evento que tem na fé, na devoção e na relação com a festa, o povo como um dos principais elementos de construção histórico e social. E modificar algo no evento, seria acabar com a força da tradição que compõem a essência da festa.

Mesmo assim, houve aqueles que arriscaram: “[...] o principal, é fazer com que as pessoas aproveitem o momento do Círio, para melhorarem a sua evangelização, melhorarem a sua vida, melhorarem seu modo de ser” (São Joaquim e Sant’ana), “a melhoria não seria no Círio, mais em ações de fusão e de valorização do Círio, enquanto patrimônio cultural” (São Jorge), “divulgação em nível nacional e internacional” (São João Bosco), “investimentos” (Santa Teresinha do Menino Jesus), “uma campanha que pudessem está orientando, os próprios moradores, os visitantes, para não depredarem o patrimônio e, também, fizesse com que eles diminuíssem a produção de lixo” (São Francisco Xavier).

A partir dessa caminhada, pautando-se por uma ideia de melhoria para o evento, pulsaram no diálogo as narrativas e as expressões de falas, onde os sujeitos-devotos puderam considerar algumas marcas, que, para eles, poderiam vir a identificar melhor o evento: “crescimento da devoção” (Santo Agostinho), “experiência profunda de fé” (São Tomás de Aquino), “emoção” (São Joaquim e Sant’ana), “a fé e a união” (São Miguel), “a vinda dos romeiros” (Santa Foy de



*Gascogne*), “reconhecimento e registro [...] a corda, a berlinda e a santa” (*São Jorge*), “volume de pessoas” (*São Judas Tadeu*), “solidariedade” (*Santa Margarida*), “união” (*Santa Cecília*), “a diversidade” (*São João Bosco*), “a grandiosidade” (*Santa Teresa de Ávila*), “a tradição” (*Santa Hildegarda de Bingen*), “sentir em casa [...] parte de uma família” (*São João Batista de La Salle*), “a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e a corda” (*Santa Úrsula*), “[...] quando ela passa” (*Santa Mônica*), “as pessoas” (*São Lucas*).

Então, após toda essa caminhada, questiona-se ‘quais as marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos, que participam da festividade Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará? Percebeu-se que as marcas estavam intrinsecamente relacionadas aos sentimentos nas narrativas dos sujeitos. Assim, identifica-se no turismo, na hospitalidade, na amorosidade e na religiosidade, aspectos entrelaçados nas trilhas teóricas e nas narrativas dos sujeitos analisados pelas perspectivas do Imaginado, do experienciado e do inferido, possibilitam depreender três ideias de marcas principais que se pautam pelo sentimento devocional, de pertença e convivência na participação e pela valorização dos traços culturais presentes no evento.

Essa relação do inferido faz com que se depreenda do sentimento devocional a Nossa Senhora, marcas da relação direcionadas para fatores familiares, religiosos e sociais. Já para o que se liga ao sentimento de pertença e convivência na participação, tal estaria atrelado aos traços de acolhimento e hospitalidade, ao identificar o evento como sendo acolhedor e como verossimilhanças ao Natal. A última marca seria direcionada aos traços culturais, que circunda o evento, quando se atrelam as impressões a uma trama de olhares, que se pautam por tradição e valorização da religiosidade popular. Assim, as marcas se constituíram e foram aqui identificadas.



## 6 RECÍRIO: A CHEGADA DE FÉ

A viagem investigativa chegou ao seu último deslocamento, denominado 'Recírio: a chegada de fé', que faz analogia à 12ª procissão da festividade de Nazaré, o 'Recírio'. Simbolicamente, marca dois momentos: o primeiro, com o retorno da imagem autêntica para o 'Glória' e, o segundo, que corresponde à procissão da imagem peregrina para o Colégio Gentil Bittencourt, local em que será guardada até o próximo ano de festa.

Aqui, como se disse na parte introdutória desta dissertação, não se está no fim, apenas nas considerações não finais, e/ou provisórias. Assim, neste trabalho, pôde-se perceber um processo de descobertas, de experiências e de pressupostos teóricos, que levou à reflexão de aspectos da vivência do roteiro de viagem, relacionado à festividade religiosa Círio de Nazaré.

A primeira reflexão corresponde aos objetivos, tanto geral como específicos, apresentados para o estudo do Círio de Nazaré. O primeiro objetivo específico teve como proposição 'apresentar Belém e o evento Círio de Nazaré, quanto aos aspectos históricos, econômicos, sociais e rituais'. Neste sentido, pôde-se perceber a dimensão da trama complexa da história da cidade de Belém, com a apresentação da festividade Círio de Nazaré. História e evento, nesse sentido, entrelaçam-se em acontecimentos, sentimentos e caminhadas, durante o processo de colonização da região amazônica.

Iniciar pela caminhada que contou um pouco da história ajudou a direcionar a costura dos pressupostos teóricos. Estes foram apresentados no terceiro capítulo, que teve como base o segundo objetivo específico, cuja proposta era a de 'discutir os conceitos de turismo, hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré'. Durante a costura dos pressupostos, percebeu-se a necessidade de ampliação da temática e a apresentação da ideia de religiosidade popular, uma vez que era evidente, durante a vivência na festividade, a relação que os sujeitos-devotos tinham com a festa popular e o fato de o Círio, como evento, ser organizado por uma instituição religiosa.

Juntamente com essa construção artesanal e costura de conceitos, caminhou-se pelo terceiro objetivo específico, que propôs 'identificar as singularidades dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, levando em consideração a relação que eles têm com a festa'. Nesta fase do estudo, foi proposto um protocolo



de pesquisa, construído com base em sinalizadores e na vivência da caminhada pela festividade, assim como ocorreu também na caminhada acadêmica do pesquisador.

Após a construção dessa proposta de caminhada, percebeu-se a necessidade de atrelar, ao protocolo, três perspectivas de análise, construídas em conformidade ao objetivo acima apresentado e a partir dos pressupostos teóricos que estavam sendo costurados. Assim, foi identificada a perspectiva do imaginado, do experienciado e do inferido, como proposta para averiguação das relações que seriam depreendidas das narrativas dos sujeitos-devotos.

No período compreendido de 13 de outubro de 2016 a janeiro de 2017, então, houve a interação com 28 sujeitos, divididos em quatro grupos: *Igreja* (arcebispo, bispo, diretoria, pastoral do turismo, igreja evangélica, consagrados a Maria e apoiadores operacionais), *turismo/cultura* (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Secretaria municipal e estadual de turismo, cineastas e artistas) *acadêmico* (professores e pesquisadores da festividade) e *feira* (turista, cordeiro, feirante). Após a interação com os sujeitos, partiu-se para análise dos dados, tendo como suporte o objetivo geral que teve como proposta 'Identificar as marcas de hospitalidade e amorosidade nas relações dos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará'.

A análise ocorreu de duas formas, como já identificada anteriormente. A primeira, com o relato dos dados de cada entrevistado, atrelando-os às perspectivas. Já a segunda deu-se, pela relação com os pressupostos teóricos, e apresentação das marcas propostas no estudo. Respondeu-se, assim, a questão problema do estudo, que teve como pergunta: quais as marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos sujeitos-devotos, que participam da festividade Círio de Nazaré, e sua vinculação com o turismo em Belém do Pará?

As marcas foram percebidas, durante todo o percurso do trabalho, estando intrinsecamente relacionadas às narrativas dos sujeitos, e elas, vinculadas ao sentimento devocional a Nossa Senhora (fatores familiares, religiosos e sociais), de pertença e convivência na participação (traços de acolhimento e hospitalidade) e pela valorização dos traços culturais (tradição e religiosidade popular). Pode-se destacar, neste ponto, o reconhecimento da importância de conviver com a diferença, pela multiplicidade de sujeitos que participam do evento; a referência ao sentimento de irmandade e de relações familiares, na vinculação com a Nossa



Senhora; o caráter plural do evento, que foi se complexificando, ao longo da história, de tal modo a abrir espaço para que todos os interessados, independentemente de condições e características, possam manifestar-se, a sua maneira; o reconhecimento da transformação da cidade, de uma energia que altera Belém e cria um campo energético que envolve a todos os que por ali transitam no período; a própria alusão ao Natal parece sinalizar o reconhecimento de um amor intrínseco ao processo, que também pode ser lido como devoção.

Quanto à vinculação com o turismo em Belém do Pará, a relação que se estabeleceu foi apreendida da narrativa e relacionada aos pressupostos teóricos. Assim, entende-se que os sujeitos-devotos vivenciaram um processo em que o turismo se consolida, a partir de um processo de desterritorialização e ressignificação do espaço Belém, como um local de acolhimento e de amorosidade.

Outra reflexão entrelaça-se ao empírico vivido durante os primeiros passos, na busca de contato com o objeto. Iniciou-se o percurso de estudo no mestrado, pautado por vivências de uma lógica conceitual engessada, cheia de lacunas e que relacionava a ideia de turismo a uma visão segmentada. A partir do entrelaçamento com os pressupostos teóricos e no envolvimento com festividade, começou a ser estabelecida uma nova forma de relacionamento e envolvimento com a pesquisa.

Caminhava-se agora, por uma trama conceitual, que se entrelaçava a minha própria perspectiva de análise. Comecei a vivenciar uma relação de cumplicidade com o meu imaginado de estudo, onde a percepção com o experienciado pelo evento direcionava a um novo inferido, não mais, na relação de segmento. Estava imerso na multiplicidade conceitual e complexa, do binômio do turismo e da religião, como fenômenos.

Apesar de tudo, percebo restrições e/ou limitações nesta pesquisa, como aspectos que podem vir a ser mais bem desenvolvida em desdobramentos futuros do estudo. Mesmo apresentando, discussões conceituais, a respeito do turismo e da religião, verifica-se a necessidade de ampliação da discussão existente entre esse binômio. Ocorre que a conexão entre eles pauta-se pela pluralidade e diversidade conceitual, e até mesmo pela discussão inerente sobre a ética na relação. Acredito que o aprofundamento da discussão epistemológica pode vir a ser uma nova e instigante forma de (re)caminhada pelo objeto. Destaco, também, outro aspecto que pode ser mais desenvolvido, que corresponde à identificação, que faz relação aos traços culturais. A ausência da relação do aporte teórico da cultura não reduziu o



valor científico, entretanto, poderia vir a contribuir e ampliar a valorização conceitual do próprio evento. Esses aspectos são, na verdade, sinalizadores de potência, no meu entendimento, e, nesse sentido, poderão servir como proposição de futuras pesquisas, que poderão surgir a partir da vivência com o objeto Círio de Nazaré. O caminho é longo, a devoção é grande, a amorosidade pela pesquisa é algo que, a essas alturas, também está consolidada.

Vou seguir viagem!

Obrigado pela parceria, nesse percurso investigativo!



## REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e Turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003. p. 53-68.
- ACAS, Associação Católica Adoremos o Senhor. **Estatuto**. Belém, Pará, 2010.
- AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. Os dogmas da Virgem Maria. Portal Canção Nova, 2015. Disponível em: <<http://eventos.cancaonova.com/pregacoes/os-dogmas-da-a-virgem-maria/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- ARRUDA, Euler Santos. **Porto de Belém do Pará: origens, concessão e contemporaneidade**. 2003. 237 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/EulerSantosArruda.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.p. 157-164.
- BAPTISTA, Isabel; AZEVEDO, Joaquim. Educação e hospitalidade, interações de Pedagogia social. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel. **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: Educs, 2014. p. 143-147.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade comunicacional no turismo: dispositivo para hospitalidade em tempos de complexidade. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel. **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: Educs, 2014b. p.33-48.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; LIMA, Renato dos Santos. Belém in the Pathways of Faith: World Heritage and the Amorcomtur Web!. In: HENRIQUES, Cláudia H. N.; MOREIRA, Maria Cristina; CESAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. (Orgs.). **Tourism & History. World Heritage Case Studies of Ibero-American Space**. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2016, p. 484-501. Disponível em: <[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cics\\_ebooks/article/view/2516/2427](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cics_ebooks/article/view/2516/2427)>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo - Rio Grande do Sul, v. 2, n. 4., p. 98-105, 2014c. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9625/PDF>>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos**



**Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v.6, n.3., p. 342-355, 2014a.

Disponível em:

<[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf\\_273](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273)>.

Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. In: VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - ALAIC, 2004, La Plata. Comunicação dos Sindicatos: Pai Metáfora Lei. São Paulo: ANGELLARA, 2004. p. 351-372.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Desterritorialização desejante em turismo e comunicação: traços especulares e de autopoiese inscricional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 14, 2013, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Intercom. Santa Cruz do Sul: Intercom/UNISC, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1557-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação desafios e perspectivas metodológicas. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 4., p. 1-19, 2001. Disponível em:

<<http://search.proquest.com/docview/1645875188/fulltextPDF/A8811DB9B1CC4062PQ/1?accountid=42317>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo.

**Revista de Turismo y Patrimonio Cultural - PASOS**, v. 14, n. 5., p. 1083-1091, 2016. Disponível em:

<<http://www.pasosonline.org/Publicados/14516/PASOS50.pdf#page=17>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BELEMTUR, Coordenadoria Municipal de Turismo. **Institucional**. 2017. Disponível em: <[http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page\\_id=241](http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page_id=241)>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 13. ed. São Paulo: SENAC, 2008.

BENTO XVI. **Carta encíclica Deus Caritas Est** - do Sumo Pontífice Bento XVI, aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos - sobre o amor Cristão. 25 dez. 2015. Disponível em:

<[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BIBLIA, Evangelho Segundo São Lucas. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Lucas, cap. 1, vers. 27-32.

BIBLIA, Evangelho Segundo São Marcos. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral.

Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Marcos, cap. 12, vers. 30-31.



BIBLIA, Evangelho Segundo São Mateus. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Mateus, cap. 2, vers. 3-6.

BOFF, Clodovis. **Mariologia social**: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Segmentaxo\\_do\\_Mercado\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3. ed., Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2017.

BRIGIDA, Miguel Santa. O Auto do Círio: festa, fé e espetacularidade. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1., p. 35-48, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12596>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. 2. ed., rev. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo) CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. 2. ed., rev. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo)

CEN, Congresso Eucarístico Nacional, 17. Arquidiocese de Belém, Belém, Pará, 2016. Disponível em: <[http://cen2016.com.br/home1/wp-content/uploads/2016/07/livreto-4%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o\\_Final.pdf](http://cen2016.com.br/home1/wp-content/uploads/2016/07/livreto-4%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o_Final.pdf)>. Acesso me: 20 abr. 2017.

CHAVES, Nilson. Olhando Belém. 1991 [música]. Disponível em: <<http://nilsonchavesamazonia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CÍRIO DE NAZARÉ. Círio 2016. Histórias. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/portal/historia.php>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, 5., 2007 maio 13-31, Aparecida, São Paulo, Conselho Episcopal Latino-Americano. **Documento**



**de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 12. ed. Brasília: CNBB, 2011.

CRUZ TERRA SANTA. Santos e ícones Católicos. 2017. Disponível em: <188d188P://www.cruzterrasanta.com.br/lista-completa-de-santos-e-icone-catolicos/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002. p. 39-56.

DIÁRIO DO PARÁ. Hospitalidade: povo que sabe como acolher bem. 07 mai. 2010. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/hotsite/orgulhodopara/noticias\_cont.php?idnot=89182>. Acesso em: 20 mar. 2017.

DIEESE-PA, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Pará. **O balanço final das romarias nazarenas do Círio 2014, os grandes números do Círio** [mensagem pessoal]. Nota à imprensa, Belém, 27 out. 2014. Documento recebido por <sena@dieese.org.br>, em 26 out. 2016.

DIEESE-PA, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Pará. **O balanço final das romarias nazarenas do Círio 2015, os grandes números do Círio** [mensagem pessoal]. Nota à imprensa, Belém, 27 out. 2016. Documento recebido por <sena@dieese.org.br>, em 26 out. 2016.

DIEESE-PA, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Pará. **O balanço final das romarias nazarenas do Círio 2016, os grandes números do Círio** [mensagem pessoal]. Nota à imprensa, Belém, 27 out. 2016. Documento recebido por <sena@dieese.org.br>, em 26 out. 2016.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: M. Fontes, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Tradução Roberto Cataldo Costa; consultor, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Bookman, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa)

FRANCISCO. **Homilia do santo padre.** 2015. Viagem apostólica do Papa Francisco, ao Equador, Bolívia e Paraguai - 5 a 13 de julho de 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\_20150711\_paraguay-omelia-caacupe.html>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FRANCISCO. **Jubileu dos agentes de peregrinações e reitores de santuários.** Discurso do Papa Francisco, 21 jan. 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco\_20160121\_giubileo-operatori-santuari.html>. Acesso em: 10 abr. 2017.



- FUNDAÇÃO NAZARÉ. Círio. 2016. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- GASPAR, Eneida Duarte. **Guia das religiões populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do turismo)
- GASTAL, Susana de Araujo; KUNZ, Jaciel Gustavo. Hospitalidade e turismo: as virtudes da cidade. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel. **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: Educs, 2014, p. 99-114.
- GASTAL, Susana de Araújo; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo)
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?**. Tradução Frank Usarsk. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GRINOVER, Lucio. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano VI, n. 1, p. 4-16, 2009. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/214>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 25-50, 2. sem., 2006. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/191>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
- GRINOVER, Lucio. Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, Alagoas, v. 3, n. 1, p. 16-24, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/979>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002. p. 25-38.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUEDES, Silvaneide. Feira de Artesanato do Círio atraiu mais de 20 mil visitantes. **Agência SEBRAE**, Belém, 10 out. 2016. Disponível em:



<<http://www.pa.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PA/feira-de-artesanato-do-cirio-atraiu-mais-de-20-mil-visitantes,f30a73fffb4c7510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2002.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações sobre a Cidade e Religião. 2016. Disponível em: <[190d190P://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150140&search=para%20belem](http://190d190P://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150140&search=para%20belem)>. Acesso em: 06 jan. 2016.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes, 1993.

INFRAERO, Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. Dados do Grupo 1 para pousos de aeronaves e desembarques de passageiros, aeroporto de Belém, período de outubro de 2014-2016 [mensagem pessoal]. Documento recebido por <OdileneAmazonas@infraero.gov.br>, em 16 dez. 2016.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O IPHAN Pará. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pa/pagina/detalhes/1063>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II, para o dia Mundial do Turismo**. 2000. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20000801\\_giornata-mondiale-turismo.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20000801_giornata-mondiale-turismo.html)>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II, para o III dia Mundial do Turismo**. 1982. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19820927\\_giornata-mondiale-turismo.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_19820927_giornata-mondiale-turismo.html)>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

KRINDGES, Sandra Maria. **Moral e religião em Freud**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

LIMA, Renato dos Santos; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Reflexões Sobre a Subjetividade e o Turismo na Festividade Círio de Nossa Senhora de Nazaré, de Belém do Pará. In: SEMINÁRIO EM PESQUISA E TURISMO DO MERCOSUL – SEMINTUR, 8., Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2015. P. 53-57. Disponível em: <[190d190P190://www.uces.br/site/midia/arquivos/roda\\_epistemologia\\_educacao.pdf#page=53](http://190d190P190://www.uces.br/site/midia/arquivos/roda_epistemologia_educacao.pdf#page=53)>. Acesso em: 30 out. 2016.

LIMA, Renato dos Santos; GOMES, Cristiane Mesquita; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Reflexões sobre os Caminhos Metodológicos do Turismo no Círio de Nazaré. In: Seminario da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em turismo, 13., São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2016. P.1-15. Disponível em:



<191d191P://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DFP1/531.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MATHEUS, Zilda Maria Alves. A ideia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002. P. 57-68.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, c2003.

MOESCH, Marutska Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. 2004. 504f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (Disponibilizada pela autora via e-mail).

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. A religião na Suma de Teologia de Tomás de Aquino. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 37, p. 85-93, dez. 2008. Disponível em: <191d191P191://revistas.pucsp.br//index.php/revph/article/view/3046>. Acesso em: 20 mar. 2017.

OLIVEIRA, Christian Denis Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004. (Coleção ABC do turismo)

ORIGEM DA PALAVRA. **Etimologia**. 2017. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/religiao/>. Acesso em: 21 fev. 2017.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino Castillo. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014. Disponível em: <191d191P191://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PAVULAGEM. O instituto arraial do pavulagem. 2017. Disponível em: <http://pavulagem.org/instituto/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

PENTEADO, Pedro. **Peregrinos da Memória: o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785**. Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa. 1, 191d. Lisboa, 1998. 427 p. Disponível em: <191d191P://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13880>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PERAZZOLO, Olga Araújo et 191d. Relações de hospitalidade no entrecruzamento das dimensões ‘Sincronia’ e ‘Simetria’ no contexto do turismo. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 538-554, out-dez, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v8i4p538>.



PERAZZOLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. Sincronia e Simetria: preposições tipológicas para o acolhimento. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza, Ceará. **Anais...** Universidade do Estado do Ceará – UECE, 2014a, p. 1-11. Disponível em: <192d192P://www.anptur.org.br/novo\_portal/anais\_anptur/anais\_2014/arquivos/DHT/DHT2/093.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PERUZZO, Cicila Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2, 192d. São Paulo: Atlas, 2014. P. 125-145.

PRF, Polícia Rodoviária Federal. **Operação Círio 2016**. Nota à imprensa, Belém, 07 out. 2016. Disponível em: <https://www.prf.gov.br/portal/noticias/nacionais/prf-participa-da-operacao-cirio-de-nazare>. Acesso em: 10 abr. 2017.

RIBEIRO, Mílton. “Eu sou a filha da Chiquita bacana...” notas antropológicas sobre a festa da Chiquita em Belém do Pará. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 6, jul./dez., 2014. Disponível em: <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/9\_Eu\_Sou\_a\_Filha\_da\_Chiquita.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016

ROCQUE, Carlos. **História do Círio e da Festa de Nazaré**. Pará: Mitograph, 1981.

SANCTORUM. Santos Padroeiros - Lista com nome relacionado a sua proteção. Santos e ícones Católicos. Disponível em: <http://santossanctorum.blogspot.com.br/p/santos-padroeiros-lista-com-nome.html>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SANTOS, Ivamilton Nonato Lobato dos. **Matemática e cultura amazônica: representações do brinquedo de miriti**. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas. Disponível em: <192d192P://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3806>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PERAZZOLO, Olga Araújo. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 6, n. 1., p. 3-15. Jan-abr, 2012. Disponível em: <192d192P192://www.rbtur.org/rbtur/article/view/484>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Santos Padres da Igreja e Doutores da Igreja. Disponível em: <http://www.ofielcatolico.com.br/2005/09/padres-da-igreja-e-doutores-da-igreja.html/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SCHNEIDER, Mônica. **A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso**. 2013. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2013.



SERRA, Débora Rodrigues de Oliveira. **O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos** – uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-Pa. 2014. 187f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2014.

SETUR, Secretaria de Estado de Turismo do Pará. A criação da SETUR. 2011. Disponível em: <<http://setur.pa.gov.br/lei-de-criacao>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003. p. 29-51.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço Paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, v. 2, n. 3, 2008. P. 59-83. Disponível em: <[193d193P://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/view/204](http://193d193P://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/view/204)>. Acesso em: 06 jan. 2016.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. 2.ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.



## APÊNDICE A - PROTOCOLO DE PESQUISA



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE  
MESTRADO**

### PROTOCOLO DE PESQUISA

Roteiro da entrevista e ou roda de conversa.

Conhecendo o sujeito

- Gênero: M ( ) F ( )
- Procedência: - Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_
- Faixa etária 15 – 19; 20 – 29; 30 – 39; 40 – 49; 50 – 59; 60 ou +.
- Em uma vinculação religiosa, você poderia dizer que é: \_\_\_\_\_.
- Nº de participação na festividade Círio de Nazaré: \_\_\_\_\_
- Qual (é, foi ou vem sendo) a sua relação com o círio de Nazaré?
- Você se considera um(a) devoto(a) de Nossa Senhora de Nazaré? Por quê?
- O que motiva/motivou sua participação no Círio de Nazaré?

#### 1 Imaginado

- a) O que o movia?
  - Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?
- b) O que sentia?
  - Quando você pensa no Círio o que recorda?

#### 2 Experienciado

- Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?
- Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos?
- Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?

#### 3 Inferido

- Para você, o Círio pode ser considerado como um evento em que há uma relação turística, religiosa ou cultural?
- Como você vê o Círio hoje em Belém?
- O que pode ser melhorado no Círio?
- O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?



## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE MESTRADO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_,  
concordo em participar da pesquisa *Turismo, Hospitalidade e Amorosidade: relações dos Sujeitos-Devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará*, realizada pelo mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, Renato dos Santos Lima<sup>1</sup>.

Fui esclarecido de que a pesquisa tem como justificativa a importância de aprofundar estudos sobre turismo, hospitalidade e amorosidade, visando subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras em âmbito público, privado e religioso, ou seja, por parte das instâncias acolhedoras. Assim, esta investigação tem como objetivo identificar e analisar as marcas de hospitalidade e amorosidade, nas relações dos Sujeitos-Devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, e sua vinculação com o Turismo em Belém do Pará.

Fica garantido que minha participação nas atividades não implicará risco ou desconfortos pessoais e que terei a liberdade de interrompê-la a qualquer tempo.

Estou ciente de que minha colaboração na pesquisa não resultará em qualquer ganho ou benefício pessoal e que os resultados poderão constar em textos científicos, **ficando garantido, no entanto, sigilo absoluto de dados que possam identificar a mim e aos demais participantes**. Foi-me assegurado que gravações das entrevistas e das rodas de conversas, após a utilização dos dados necessários, serão destruídas.

Fui esclarecido ainda de que, em havendo dúvidas, a qualquer tempo, poderei consultar o pesquisador responsável pelo projeto.

O presente Termo será assinado em duas vias de igual teor e forma, ficando uma delas em meu poder.

\_\_\_\_\_  
Local

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.  
Data

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
**RENATO DOS SANTOS LIMA**  
(Pesquisador)

<sup>1</sup>E-mail: [renato\\_lima21@hotmail.com](mailto:renato_lima21@hotmail.com), telefone: (91) 98247-8886 / (54) 8120-7182 / (54) 3218-2621.

## ANEXOS A - DADOS DO GRUPO 1 PARA POUSOS DE AERONAVES E DESEMBARQUES DE PASSAGEIROS NO PERÍODO DE 2014-2016

ORIGENS	2016						2015						2014					
	04/10	05/10	06/10	07/10	08/10	09/10	06/10	07/10	08/10	09/10	10/10	11/10	07/10	08/10	09/10	10/10	11/10	12/10
Miami (EUA)					68	127		117				53		99				48
Lisboa (Portugal)	250		249		218													
Brasília, DF	647	794	880	944	924	340	1.007	989	1.161	1.171	934	711	794	639	880	886	978	403
Confins, MG	149	167	197	176	365	41	108	118	173	187	229	37	108	120	117	118	86	60
Parauapebas, PA	47	66	72	130			55	59	181	216	162		66	195	67	190		29
Manaus, AM	440	351	414	522	608	226	581	501	803	479	590	294	580	320	459	668	457	451
Fortaleza, CE	221	265	313	502	423	133	278	433	478	558	425	333	571	655	860	1.054	931	612
Ilha do Governador, RJ	510	484	514	494	499	424	302	136	314	499	335	295	364	292	286	457	447	389
Guarulhos, SP	717	667	724	737	710	373	923	925	1.002	1.319	838	333	717	565	893	723	798	324
Altamira, PA	173	196	268	242	128	75	170	194	329	195	228	64	463	378	532	313	308	155
Imperatriz, MA							36	54	38	44			113	116	119	111	109	
Campinas, SP											97					105		
Marabá, PA	120	242	280	368	245	50	302	93	134	483	118	57	404	425	446	448	452	228
Monte Dourado, PA														19		29		
Macapá, AP	651	518	549	748	711	283	536	613	762	778	601	422	1.008	977	1.064	954	1.076	682
Recife, PE	78	68	97	93	83													
São Luís, MA	141	211	249	455	239	115	330	252	416	483	376	199	488	587	642	654	553	210
Santarém, PA	172	438	380	594	365	232	586	630	761	501	655	312	746	714	916	910	910	335
Congonhas, SP	153	159	164	154	157	93												
Tucuruí, PA								38		39				55	65	67		
Paramaribo (Suriname)						60	91				57						96	
Caiena (Guiana Francesa)	41	113	148		96	42	45	75	61	91	89	30	110			113		
<b>DESEMBARQUES</b>	4.510	4.739	5.498	6.159	5.839	2.614	5.350	5.227	6.613	7.043	5.734	3.140	6.532	6.156	7.346	7.800	7.201	3.926
	<b>29.359</b>						<b>33.107</b>						<b>38.961</b>					
<b>POUSOS</b>	43	45	46	47	46	38	53	51	55	65	54	40	64	57	61	65	60	51
	<b>265</b>						<b>318</b>						<b>358</b>					